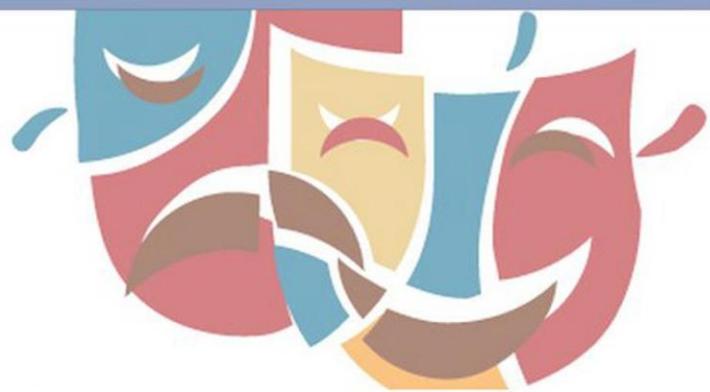


- Carol França Editar perfil
- Feed de Notícias
- Mensagens
- Eventos 20+
- PÁGINAS
- CORPO & SOM
- Feed de Páginas 20+
- Curtir Páginas 20+
- Criar Anúncio

- GRUPOS
- Curta Final, grupo so...
- Curta "De portas fe... 6
- Testes Artísticos 20+
- Rolezinho Fotográfico
- ESTÁGIOS 3 E 4 - 2013
- Escola de Dança L... 6
- Classificados Fot... 20+
- Quintas Clothes 6
- JOVENS CRIADO... 20+
- Ator e jogo de câmer...
- Curta - Aula 5T
- ATORES PARA C... 20+
- Criar grupo

- APLICATIVOS
- Melhores
- AMIGOS
- Melhores
- INTERESSES
- Páginas e Figura... 20+



Videoteca de teatro Membros Eventos Fotos Arquivos Notificações Criar grupo

Publicar Foto/Vídeo Perguntar Arquivo

Escreva algo...

Matheus Santos
5 de dezembro de 2013 - Editado

O diretor, ator, professor de teatro e grande mestre Amir Haddad na Mostra Sesc de Teatro de Rua e Circo , fala sobre a ação que o teatro de rua atinge na esfera social em que atua. Com a presença de Licko Turle Gravação e edição: Lucas Branco
Local: Escola de Artes César Antonio Salvi - Osasco
Coordenação: Sesc Osasco... Ver mais



Descurtir · Comentar · Compartilhar

Você curtiu isto. Visualizado por 13

Carol França AHHHHH excelente!!!! aqui em bh tem muito grupo de rua, será que vocês do seu grupo conseguem achar algum grupo de rua aqui???

Carol França outra perguntinha Matheus Santos... o que levou você e seu grupo a escolher esse vídeo, achei muito interessante, gostaria de saber o que vocês acharam...

Escreva um comentário...

Matheus Santos
5 de dezembro de 2013

trabalho pronto dis se fico bom

Descurtir · Comentar

Você curtiu isto. Visualizado por 13

Warley Alves '1'
5 de dezembro de 2013 às 12:00 - Curtir

Warley Alves cara nobody yes door
5 de dezembro de 2013 às 12:01 - Curtir · 1

Escreva um comentário...

Carol França
25 de novembro de 2013 · Contagem

SOBRE 19 membros

Grupo fechado

O que as pessoas devem publicar nesse grupo?

Adicionar uma descrição

19 membros · Enviar mensagem · Convidar por e-mail

+ Adicionar pessoas ao grupo

Qual é o assunto deste grupo?
Definir marcações

- GRUPOS SUGERIDOS Ver todos
- Capirotagem!** 232 membros
 - RACA** Rodrigo Simeone e outros 5 amigos e 1 para...
 - Beyonce Online** 21.982 membros + Participar
 - Carona VGA/BH** Nágila Reis e outros 2 amigos entraram + Participar
 - Classificados da Fotografia** Inaúbia Moraes e outros 8 amigos
 - Looks Da Moda** Mycaella Medeiros e Josiane Rezende curtiram isso. Curtir
 - Somos Todos Macacos** 6.813 pessoas curtiram isso. Curtir

PESSOAS QUE VOCÊ TALVEZ C... Ver todas

Rodrigo Campos 86 amigos em comum

Teatro, processos tecnológicos e internet: uma experiência de ensino na educação básica

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO

**Teatro, processos tecnológicos e internet:
uma experiência de ensino na educação básica**

Belo Horizonte
2014

Carolina França Corrêa

**Teatro, processos tecnológicos e internet:
uma experiência de ensino na educação básica**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Teatro,
da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Teatro.

Orientador: Ricardo Carvalho de Figueiredo

Belo Horizonte
2014

A Deus, a minha mãe, irmã e pai.

Aos amigos e professores,

Ao meu futuro eu.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a vida, e depois a minha família por ter me proporcionado continuar caminhando. A minha mãe que me permitiu viver arte. A minha companheira de sempre e irmã, Adriana, ao meu pai que nunca quis ver as minhas peças e que me faz querer produzir sempre mais na esperança de ele topar algum dia. Agradeço a professora de arte que dava geometria na escola por me fazer questionar a aula de arte. A Marivone, professora de educação física que me proporcionou experimentar na arte. Ao curso e professores de teatro da prefeitura da minha cidade por terem o espaço para a prática. Aos amigos de sempre, Nayara, Maria Luiza, Nathana, Camilas, Bruna e companhia limitada, por serem tão diferentes de mim. Ao grupo de dança e de vida Saltare por alimentar a minha vontade de arte: Igor, Tamires, Luana e Tuane, Adriana, Carol. A Rayane e sua tia, Cida. Aos professores do curso de teatro. A Mariana Muniz por amadurecer a minha turma, e a mim, sendo inspiração para nós até hoje. A Carla Andréa por me deixar fazer as disciplinas de veteranos no primeiro período, que fizeram total diferença na minha formação. Ao Arnaldo Alvarenga por me emprestar um lenço para enxugar as minhas lágrimas no dia da prova quando eu não podia mais fazer as práticas. A Tânia Mara pela preocupação sincera. A Gabi pelas aulas de corpo. A Carmem e ao André por fazerem a FAE valer a pena. Ao Ricardo Carvalho por mover sozinho um desejo em nós alunos da licenciatura. Ao Ernani por me mostrar que eu tinha voz. Ao Mencareli por ser tão gentil. Ao Hilde por ser tão caridoso para com nossas loucuras. Ao Luiz Otávio por ser ele mesmo, e ser tão próximo de nós. A Marina Marcondes por entrar no curso e virar nossa cabeça para o lado bom. A Bia Braga por me fazer enxergar que eu não sou mais uma pessoa que não entende o que faz. Aos professores de estágio, Simões e Christina por serem compreensíveis e flexíveis. A Mônica Ribeiro por me ajudar no projeto. Aos professores substitutos. Aos professores do T.U por reforçarem o meu desejo de seguir naquilo que acredito. Aos amigos de curso, Raysner, Vânia, Helaine, Charles, Lucas, Juliana por dividirem horas e horas de discussões e reflexões sobre nós mesmos. À Dayane, amiga do coração. À Júlia, Bruna, Idylla, Rafael, e Ana Jéssica por me deixarem fazer parte dos seus desejos e vivências no teatro. Agradeço também aos apelidos carinhosos que me deram como: aleijada hipócrita, que fizeram toda a dor parecer menos intensa. Obrigado por segurarem na minha mão e dizerem que me amavam do mais fundo dos seus seres. Obrigada ao Thales que me permitiu fazer parte do teatro outra vez. Ao Toninho, Judite, Lili, Roberto e demais funcionários por dividir conosco o dia. A todos que fizeram parte da minha vida, que passaram por ela, e que ainda passarão. Obrigada Andrea Mourão, DR. Sônia, Vivi e a todos que me atenderam com tanto amor e ajudaram na minha recuperação. Ao Instituto Veneranda de Reeducação espiritual.

Resumo

Este trabalho descreve e problematiza a experiência docente vivida a partir da disciplina Análise da Prática Pedagógica e Estágio em Teatro III previsto pelo curso de graduação em Teatro da UFMG, e de trabalho voluntário posterior à disciplina, realizado na Escola Municipal René Chateaubriand Domingues, em Contagem, sob a ótica dos processos tecnológicos e digitais que foram desenvolvidos em um projeto dentro deste estágio chamado *Videoteca de Teatro*. Baseando-se nessa prática, esta monografia busca discutir os possíveis caminhos e diálogos que podem existir entre tecnologia e processos digitais com o ensino-aprendizagem em teatro nas escolas básicas, além de analisar e problematizar a prática docente como um todo, desde seus aspectos gerais (como contexto escolar, processos pedagógicos) até o momento mais específico, onde o projeto *Videoteca de Teatro* foi idealizado e executado na escola. Este trabalho também vem como continuidade de uma Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida durante o percurso curricular no curso de Teatro UFMG cujo tema foi Teatro e internet.

SUMÁRIO	
Introdução	p. 08
Capítulo 1: Biografia em formação, processos e caminhos	p. 12
O (con)-tato com a arte.....	p. 12
O desejo.....	p. 15
A profissão.....	p. 18
De aluna à professora: As experiências docentes vividas no curso.....	p.20
Capítulo 2: A influência da tecnologia no ensino de arte	p. 27
Era digital e arte.....	p. 27
Era digital, arte e ensino.....	p. 37
Capítulo 3: A experiência docente na Escola Municipal René Chateaubriand Domingues.	p. 42
Contexto geral.....	p. 42
O ambiente escolar.....	p. 42
Processo inclusivo na escola.....	p. 43
Sobre os procedimentos pedagógicos e as aulas de arte.....	p. 44
As dez horas de regência: Tecnologia, teatro e pesquisa na escola.....	p. 52
Em fim, o projeto: Muitas ideias, pouca possibilidade de prática.....	p. 55
O retorno.....	p. 61
Considerações finais	p. 72
Referências	p. 75
Anexos	p.80

INTRODUÇÃO

Na atualidade, as práticas artísticas têm ganhado cada vez mais espaço dentro da escola básica, expressadas em suas diversas linguagens, seja teatro, dança, artes visuais ou música. A democratização dessas diferentes áreas artísticas só foi possível com implementação de leis¹ e o constante aperfeiçoamento e cursos a nível superior que formalizaram e prepararam os profissionais da arte para o ensino na educação básica, no entanto, ainda existe uma defasagem desses profissionais com formação especializada já que os cursos em arte, principalmente em teatro² são relativamente novos, enquanto outros não querem atuar em educação básica.

Em concomitância, a sociedade está a cada dia sendo transformada e modificada pelo avanço tecnológico, com isto, a arte e seu ensino- aprendizagem também vem sofrendo transformações na sua forma de agir no mundo. Mesmo que muitos professores³ não tenham bastante intimidade com o universo tecnológico, digital, essas tecnologias já estão presentes na escola, como as salas de vídeo, salas de informática além de procedimentos como diário de classe, que em muitas escolas, funciona digitalmente. Hoje, a internet e as tecnologias digitais vêm tomando proporções muito significativas no comportamento social e artístico, sendo a arte do teatro, por exemplo, bastante influenciada pelos média⁴ digitais em vários âmbitos, desde a recepção e divulgação, até em processos de criação.

Hoje cada vez mais percebemos que as artes visuais antigas e contemporâneas estão em rota de colisão, através de artistas que constroem suas obras a partir da convergência das linguagens. Este movimento convergente tem criado uma nova estética com o uso da internet e de antenas de transmissão. Por exemplo, diretores teatrais e diretores cinematográficos realizaram nos últimos cinco anos no Brasil projetos artísticos que quebraram com o paradigma das artes visuais, e

¹ Segundo Moraes (2011) Em 1971, a partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que o colocou como linguagem artística a ser trabalhada na disciplina denominada Educação Artística, inserida no currículo escolar como atividade educativa, não-obrigatória. Em 1996, acontece à promulgação da LDB, lei que regulamentou a manutenção da obrigatoriedade do ensino de arte em todos os níveis da escolarização. Depois disto tivemos algumas mudanças como a proposta PL 2732/08 que estabelece que a música deve ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do ensino de artes na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio.

² O curso de Teatro da UFMG tem apenas 16 anos de existência. Mesmo o Teatro Universitário tendo 60 anos de funcionamento, o curso superior em Teatro só foi criado recentemente.

³ Este assunto será tratado mais profundamente no decorrer dos capítulos.

⁴ O termo novos média pode ser escrito também como novas mídias, segundo Santaella em comunicação oral na UFMG no dia 17/10/2013 em seminário: Arte digital pode substituir as artes da presença?

consequentemente as inovações e avanços da convergência de linguagens possibilitaram o surgimento de uma nova arte visual remixada entre o cinema, o vídeo, o teatro, as artes plásticas e a internet (FARIAS, [2011?], p. 02).

A partir disto, surgem as seguintes questões: como a tecnologia dos dias de hoje pode se relacionar com a prática teatral na escola básica? A internet pode ser um dos meios de ensino-aprendizagem de teatro nas escolas? Como teatro e internet podem se relacionar no ensino aprendizagem dentro das escolas? Partindo destas perguntas, este trabalho escolhe como tema a relação entre o teatro, internet e os processos tecnológicos, digitais na escola básica. Para tal, define-se como objeto de estudo dessa pesquisa o *Projeto videoteca de teatro* que foi desenvolvido durante diferentes períodos: Análise da Prática Pedagógica e Estágio em Teatro III na Escola Municipal Renné Chateaubriand Domingues, em 2012, e continuação do projeto em 2013, em projeto particular como voluntária no mesmo local.

A discussão desse tema se faz necessária uma vez que a cada dia, a tecnologia faz parte de nossas vidas em todos os sentidos, seja no pessoal, profissional, social, e nada mais justificável do que discutir como essa tecnologia influencia a arte, e também, o seu ensino-aprendizagem. Vivemos hoje a era digital, e muitas práticas sociais e culturais vem sendo influenciadas e até mesmo transformadas por essas tecnologias, muitas vezes, surgindo também, novas expressões artísticas e sociais. “Embora as eras sejam sequenciais, o surgimento de uma nova era não leva a anterior ou as anteriores ao desaparecimento. Elas vão se sobrepondo e se misturando na construção de uma malha cultural cada vez mais complexa e densa” (SANTAELLA, 2005, p. 09).

Sendo o teatro uma arte que ao longo dos tempos foi influenciada pelas tecnologias⁵, pelos média digitais, principalmente a internet, é necessário discutir essa relação não só no âmbito artístico, mas também como essa arte influenciada pela tecnologia pode ser inserida no ensino-aprendizagem na escola básica. Além disso, este trabalho de conclusão de curso propõe uma pesquisa que é continuação da Iniciação Científica desenvolvida na UFMG com o mesmo tema⁶. Outro fator que corrobora com a proposta de pesquisa sobre esse tema, é o número reduzido de estudos nessa área, por ser um movimento recente. Foram tomados como base de pesquisa preliminar os textos dos anais

⁵ Desde os primórdios da humanidade podemos perceber as práticas teatrais sendo influenciadas pelas tecnologias como o surgimento do fogo, da eletricidade, do gramofone, etc. Este assunto será melhor relatado no capítulo dois.

⁶ Pesquisa: “A relação entre Teatro e Internet: tensionamento do tempo e do espaço no acontecimento teatral”. Orientadora da pesquisa: Mariana Muniz. Bolsa FAPEMIG, no período de março de 2013 à fevereiro de 2014.

disponíveis digitalmente pela (2007, 2008, 2009, 2010)- Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas ABRACE - e não foi possível encontrar material sobre tema em específico, apenas um material dentro da área da pedagogia do teatro e da escola básica⁷. Contudo, esse artigo não está disponibilizado digitalmente, sendo apresentado no site somente em forma de resumo.

Para viabilizar a pesquisa, foram traçados alguns objetivos. Como objetivo geral: Problematizar as possíveis relações que o teatro pode estabelecer com a tecnologia, os mídias digitais, principalmente a internet em um processo de ensino-aprendizagem no ensino básico, a partir do *Projeto Videoteca de Teatro*, desenvolvido na Escola Municipal Renné Chateaubriand Domingues, em 2012, e continuação do projeto em 2013, em projeto particular como voluntária na escola. Como objetivos específicos: Discutir o universo do teatro nas escolas básicas a partir da inserção de tecnologias, de mídias digitais, principalmente a internet; Analisar como os processos tecnológicos, especificamente a era digital repercute na sociedade, e conseqüentemente, na arte, no teatro, no ensino-aprendizagem de teatro nas escolas; Apontar possíveis caminhos de práticas entre teatro internet, tecnologias e mídias digitais na escola básica.

Para tanto foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo contextualiza para o leitor a minha vivência teatral, desde o primeiro contato até o momento de escrita desta monografia. É nesse capítulo que o leitor pode entender sobre que ótica a minha formação foi e está sendo desenvolvida, e como essa formação reflete diretamente na construção deste trabalho e das práticas aqui relatadas.

O segundo capítulo traça brevemente os possíveis caminhos de aproximação entre os processos tecnológicos com a arte, com o teatro. Em um segundo tópico é discutido mais profundamente como estes processos- entre eles a internet- foram e estão sendo inseridos no processo educacional, principalmente nas escolas básicas, com enfoque nas artes e no teatro.

O terceiro capítulo descreve e problematiza a prática realizada a partir da disciplina Análise da Prática Pedagógica e Estágio em Teatro III na Escola Municipal Renné Chateaubriand Domingues, e os movimentos posteriores realizados como voluntária no mesmo local. Também está dividido em tópicos para facilitar ao leitor compreender todos

⁷ PAULA, Wellington Menegaz de. Internet na Escola: uma investigação em drama. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. ABRACE. VII congresso. 2012

os detalhes desta prática até o momento em que o projeto em questão, videoteca de teatro foi proposto e executado nesta escola.

Por fim, nas considerações finais, reflito sobre toda a experiência, apontando possíveis caminhos de erros e acertos, ponderando a prática como um todo, visando um olhar crítico sobre tudo aquilo que pude vivenciar enquanto experiência docente, mais especificamente sobre o projeto escolhido como tema desta conclusão de curso.

CAPITULO 1: Biografia em formação, processos e caminhos

Este primeiro capítulo procura situar o leitor sobre o meu trajeto pessoal e profissional no mundo da arte. Saber disto ajuda a compreender alguns dos por quês da escolha do tema deste trabalho. Parto da ideia de que a trajetória de vida e a formação profissional influenciam o trabalho, na sua forma de ver e viver no mundo, conseqüentemente, na sua forma de agir nele, ou seja,

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (NÓVOA, 1992, p.13)

Assim, quando estamos na sala de aula, quando propomos uma prática ou escolhemos uma vertente artística, metodológica, para aprofundar, principalmente quando falamos de arte, estamos sendo nós mesmos de forma inteira. Por mais que desempenhemos papéis sociais, ainda assim somos nós escolhendo ser um ou outro em situações diversas. O que eu sou e o que eu acredito interferem nas minhas escolhas profissionais, e é sobre esse percurso formativo e de vida que abordarei neste primeiro capítulo.

O (con)-tato com a arte

Minha vida sempre girou indiretamente em torno da arte. Talvez o processo cognitivo⁸ que a gente usa pra explicar uma coisa que não sabemos por que, acontece conosco. Na família, minha mãe desempenhou o papel do exemplo, por ser professora de arte, com formação em artes plásticas. O engraçado é que durante a infância eu não sabia ao certo o que significava a profissão das pessoas, e arte só fez sentido depois que comecei a fazer, ou pelo menos, me dei conta que já fazia. Nunca soube responder por que resolvi escolher como profissão a arte, e especificamente o teatro. Sei que atuar foi sempre algo muito sério em minhas brincadeiras de criança. Decididamente eu assumia um papel, e

⁸ Cognitivo é uma expressão que está relacionada com o processo de aquisição de conhecimento (cognição). A cognição segundo o dicionário Aurélio *online* (2008-2014) é uma faculdade, ato ou ação de conhecer; aquisição de um conhecimento. Disponível nas referências.

amava. Imaginar e viver o *faz de conta* faz parte da cultura da infância, cultura do ser humano em sociedade. Brincando a criança é capaz de adentrar no espaço de todas as atividades sócio-criativo culturais. Segundo Winnicott *apud* Machado (2010) brincar, fantasiar, imaginar são atos fundamentais da capacidade de criar, fazer arte, poesia, literatura, praticar uma religião, pensar filosoficamente da maneira de ser da criança. “A criança pequena encontra-se mergulhada na “experiência pré-reflexiva”, um campo total de sensorialidades, afetos e perceptos, no qual “a criança não vive no mundo com dois polos do adulto despertado, ela habita uma zona híbrida, que é a zona da ambiguidade do onirismo” (WINNICOTT *apud* MACHADO, 2010, p.283).

Tenho a memória da arte como um *flash*, e o próximo momento que me lembro é justamente o escolar, isto porque minhas aulas de artes eram na verdade, geometria. Ana Mae Barbosa (2011), importante arte-educadora brasileira, apontou como o ensino de arte tornou-se sinônimo de geometria e traz indícios de que a pedagogia tradicional influenciou as bases do ensino de arte no Brasil.

A pedagogia tradicional⁹ é introduzida no Brasil no ensino da arte com a Academia de Belas Artes no século XIX, percorre todo século XX e permanece ativa ainda hoje, sobretudo, nos cursos universitários, onde nos formamos professores. No campo do ensino da arte, a pedagogia tradicional se associa a teoria estética mimética que pressupõe regras e princípios universais. Tem como fundamento metodológico a imitação e a progressão das dificuldades para a aquisição da perfeição tanto das formas, quanto da destreza para executar tais formas [...] É através, sobretudo, do ensino de desenho que essas práticas se tornaram conhecidas no meio educacional, como a ênfase no produto do trabalho artístico através do domínio de técnicas e a destreza no uso dos instrumentos, como os compassos e esquadros. (BARBOSA, 2011, p. 41)

Mesmo tendo tido aulas de geometria na disciplina de Arte, tive professores de outras matérias que fizeram parte da minha formação artística. Eles tinham consigo a noção de que a arte bastava por si mesma. Não tenho como precisar como eles adquiriram esse “saber” e essa sensibilidade, se era pela formação acadêmica, por determinadas vivências ou pelos dois, o fato é que eles o tinham, e fizeram reverberar em mim. A professora de educação física, por exemplo, foi responsável por quase todos os movimentos artísticos da escola. A escola era grande, até bosque havia, é pública e regida por freiras.

⁹ Pedagogia tradicional foi introduzida no Brasil no século XIX e tem como concepção um conhecimento que é passado do professor para o aluno. Liga o sucesso social do individuo a libertação do mesmo ao conhecimento através da educação e do professor, que tem conteúdo a ensinar para o aluno que não o possui.

A primeira vez que fiz uma peça na escola, ainda nunca tinha ido ao teatro. Curioso como temos dentro de nós essa certeza de que sabemos fazer teatro. Como poderia eu fazer teatro se nunca tinha visto um? Mesmo que já fizesse, nas brincadeiras, na escola, não tinha consciência do fazer teatral. Aqui temos um detalhe importante da minha trajetória na arte, pois nunca tive conhecimento consciente sobre arte até entrar na faculdade. Mesmo tendo em casa uma mãe formada em Artes Plásticas, o que significa que provavelmente eu aprendi muito sobre arte, eu aprendia sem perceber, nunca tive na minha formação escolar uma professora que me ensinasse/vivenciasse arte de forma consciente. Contudo, a professora de educação física me proporcionou, mesmo que talvez inconscientemente, vivências em teatro, dança, desenho, poesia, música, mas tudo mais por uma intuição do que domínio do conteúdo.

A minha experiência com arte e educação havia começado ali, onde hoje, depois de muito estudo, consigo refletir porque com uma mãe professora de arte, eu nunca tive acesso a esse conhecimento. O principal motivo, é que sendo professora nova na rede pública de ensino, a minha mãe não tinha tempo para ensinar arte às próprias filhas no sentido teórico, e nunca pôde, por falta de hábito, nos levar em exposições ou a teatros porque o tempo de lazer não existia. Ao estudar sobre esse aspecto, a predisposição de enveredar-se pelo campo da arte, a pesquisadora Kátia Bueno (2007) lançou mão do importante conceito de *habitus*, originalmente cunhado por Pierre Bourdieu. Segundo a autora:

O conceito de *habitus* [...] é compreendido como um elemento mediador entre as estruturas sociais e as práticas do indivíduo ou grupo ao qual pertence. Ou seja, o exercício de uma habilidade implica em preferências, trajetórias, valores, vocabulários, esquemas de pensamento e ação que podem encontrar disposições facilitadoras e condições férteis para o aprendizado, constituídas a partir do *habitus*. Pode-se citar como exemplo o hábito familiar de se ouvir música (certos tipos de música) ou a participação em certas práticas esportivas, que indicam referências a gostos e estilos de vida que vão criando disposições. As próprias habilidades e seus aprendizados são também associados às classes sociais, pois algumas levam intensamente a marca social (BUENO, 2007, p.49).

Percebemos por este conceito de Bourdieu trazido por Bueno que o contexto influencia em nossas preferências e no desenvolvimento de nossas habilidades e que a classe social também tem influência neste processo. Isso reforça as dificuldades que minha mãe tinha em nos levar, minha irmã e eu, em locais predominantemente artísticos, entre outras palavras, nossa classe social não permitia tais práticas externas com tanta facilidade. Contudo, Bourdieu *apud* Bueno (2007) nos reforça que se não podemos ir até a arte,

podemos fazê-la vir até nós. Segundo ele, a arte não está nos museus, de repente descobertos no prolongamento de um aprendizado escolar, mas no cenário de um universo familiar. Pensando sobre este segundo aspecto, o que não faltou à minha irmã e a mim foram vivências artísticas. Minha mãe pode nos ensinar, indiretamente, o gosto pela arte quando nos ensinava a desenhar, quando nos deixava fazer muita “bagunça” com massinhas dentro de casa, por exemplo. Aqui literalmente *fazer arte* de bagunça e *fazer arte* de arte mesmo. Tivemos, eu e minha irmã, uma grande liberdade para viver arte. Isso, olhando eu para trás, foi fundamental para a minha escolha pelo teatro.

O desejo

A única peça de teatro profissional que vi antes de entrar na faculdade – porque já tinha visto as da escola, com os famosos trabalhos interdisciplinares – foi com 12 anos, no teatro de Contagem. Chamava-se “Pluft, o fantasminha” de Maria Clara Machado, e fui com a minha vizinha. Foi no local onde foi apresentada a peça que eu descobri que se eu quisesse poderia fazer cursos de arte, entre eles, teatro. Mas não entrei, não tinha ninguém para me levar e naquela época minha mãe não me deixava ir sozinha. Esqueci o assunto, ou achei que tivesse esquecido, e anos mais tarde, após entrar para uma nova escola no ensino médio que era do lado do curso oferecido pela prefeitura essa vontade “acordou”. Resolvi entrar no curso e curiosamente, em um curso com professores profissionais da área, e apesar das aulas terem me esclarecido bastante as possibilidades de prática teatral, em nenhum momento, pelo menos não me lembro, eu ouvi dos professores sobre nenhum pensador do teatro. Não existia um pensar sobre o teatro. Na época que fazia o curso não sentia falta desse conhecimento porque não imaginava que ele pudesse existir, mas tempos depois, na faculdade, quando descobri o teatro como área do conhecimento, me senti lesada por não ter tido acesso a esse conhecimento mais cedo. Penso que para mim que sempre gostei muito de fazer teatro, talvez isso não fizesse diferença na época, mas para muitos, poderia ser mais um modo de se interessar cada vez mais pelo teatro. Fazer e saber o que se faz é importante, digo isto porque anos mais tarde tive oportunidade de ir a muitos museus na Europa¹⁰, onde as obras mais referenciadas no mundo da arte estão localizadas. Não

¹⁰ Fato relacionado a um intercâmbio pela UFMG para a Universidade de Coimbra. Será tratado posteriormente durante do texto.

acho que a minha falta de conhecimento sobre aquilo que eu via me impediu de me envolver com as obras, mas quando eu recebia explicações sobre aquelas obras da minha irmã, que estava estudando artes visuais, o meu olhar sobre elas se transformava, e eu passava a achá-las não apenas interessantes, mas incrivelmente interessantes. Talvez essa necessidade de conhecer mais a fundo aquilo que faço seja algo pessoal, mas acredito que conhecimento nunca é demais. Além do que hoje, na contemporaneidade, existem muitas expressões artísticas ditas conceituais, que se afirmam arte a partir de um conceito. Ver uma obra impressionista pode ser o suficiente para ser afetada e transformada pela arte, mas saber o que isso significou no contexto em que foi desenvolvida torna a obra de arte ainda mais significativa.

Fiz dois anos de curso de teatro durante o tempo do ensino médio e nunca ouvi sequer um nome, ou uma vertente, ou uma pesquisa em teatro, por meio dos professores. Nem o Grupo Galpão – que é um dos grupos mais importantes do teatro mineiro – eu conhecia, e nunca foi mencionado. Não é estranho um curso de teatro que não fala de teatro? havia um propósito de formar atores mesmo que fosse um curso livre, e não um técnico profissionalizante – diferente da escola básica que tem o objetivo de proporcionar ao aluno uma experiência de viver a arte seja ela qual for, tal como explicitado nos PCN's Arte:

Área de Arte dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais é um tipo de conhecimento que envolve tanto a experiência de apropriação de produtos artísticos (que incluem as obras originais e as produções relativas à arte, tais como textos, reproduções, vídeos, gravações, entre outros) quanto o desenvolvimento da competência de configurar significações por meio da realização de formas artísticas. Ou seja, entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais [...] Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. (BRASIL, MEC, PCN Arte, 1997, p.32).

Vemos, portanto, que o ensino de arte na escola básica não prevê que os alunos saiam da escola profissionais em arte, ou em teatro. Já na maioria dos cursos livres oferecidos em Teatro pressupõe encarar os participantes como atores em formação, dando condições mínimas para exercer o ofício a partir de alguns elementos como técnicas de

atuação, montagens, aulas teóricas e práticas que capacitam o indivíduo. Em reportagem no site oficial da prefeitura, a FUNDAC (Fundação de Cultura de Contagem) se refere à formação de atores, do seguinte modo:

A Fundação Cultural de Contagem (Fundac) entregou, na última segunda-feira (9/12), os certificados de conclusão dos diversos cursos oferecidos pela Central de Cursos, no Teatro da Casa Azul. Mais duas edições de entrega de certificados estão marcadas para os dias 11 e 12/12, quando serão totalizados mais de 500 alunos formados. (MINAS GERAIS, 2013).

Nesse sentido, o curso que fiz em minha cidade tinha o objetivo de formar atores, mesmo que sem um certificado formal reconhecido pelo Ministério do Trabalho, como é o caso dos cursos técnicos. Sendo assim, não estudar sobre teatro é contraditório com a proposta, já que um curso de formação de atores prevê em linhas gerais, conhecimento prático e teórico aprofundado em técnicas de atuação. Fazia teatro sem ao menos dar-me conta de que pessoas pensavam, escreviam, e faziam pesquisas de referência sobre a área. Não me parecia uma área do conhecimento, me parecia mais uma “coisa ou atividade” que eu gostava de fazer, mas não sabia por que, e esse não saber me incomodou quando entrei na faculdade. Faltava-me algo, que hoje posso dizer que foi a teoria sobre teatro e sua reconhecença como área do conhecimento. Anos mais tarde, ao me deparar com a Proposta Triangular¹¹ de Ana Mae Barbosa (1998), pude perceber que neste curso eu só fazia, não contextualizava nem apreciava a arte teatral.

Apesar de tudo isto, foi nesse curso oferecido pela prefeitura de Contagem que eu tive a oportunidade de fazer uma apresentação no final do primeiro ano como atriz de um curso de teatro, e não como já havia feito antes, como aluna executando um trabalho de uma disciplina na escola básica. Era oficialmente minha primeira peça como atriz, e para a minha surpresa, ao olhar da coxia, percebi que ninguém que eu convidei foi assistir à peça, isto mesmo, nenhum familiar, incluindo pai, mãe e irmã, pois foram viajar nesse dia. Foi desesperador para mim aquele momento, e tive vontade de desistir ali mesmo. Minha primeira experiência em cena como atriz poderia ter me frustrado o suficiente para nunca mais pisar nos palcos. Porém, ainda assim algo foi mais forte, entrei, atuei, amei e lá estava eu no próximo ano dando continuidade ao curso e esperando o momento de apresentar

¹¹ Em linhas gerais, a autora diz que para o ensino de arte, é fundamental que se crie, mas também que se aprecie e contextualize arte. Será tratado de forma mais completa no segundo capítulo.

outra vez. Entretanto, como de costume¹², o segundo ano de curso não chegou ao fim porque os professores entraram em greve por não estarem recebendo, resultando no fim do meu contato com as aulas de teatro, ficando novamente, apenas nas produções escolares.

A profissão

Por algum motivo eu escolhi fazer teatro na Universidade. Eu gostava muito de fazer isso, e foi o suficiente para tomar essa decisão. Na minha cabeça, eu iria fazer a mesma coisa que fazia no curso da minha cidade, ou seja, atuar, fazer algumas práticas e produzir peças. Imaginava o curso totalmente prático e nem passava pela minha cabeça o caráter de pesquisa e reflexão que o curso possui. Foi quando eu entrei na universidade que realmente tive a oportunidade de entender e viver teatro a nível conceitual. Admito que se houvesse prova teórica sobre teatro na segunda etapa do vestibular eu provavelmente não teria passado no curso. Até mesmo a prática e consciência corporal que eu já tinha, adquiri nos anos que fiz ginástica rítmica e dança com amigos, sendo a dança praticada sem nenhum tipo de acompanhamento profissional.

Cheguei a fazer aula de teatro para o vestibular com uma veterana do curso, e isso me ajudou muito. Por algum motivo, eu nunca havia parado para pensar que teatro seria algo mais do que os jogos que eu fazia no curso da minha cidade e que bastava “levar jeito” para a coisa. Talvez pensasse assim porque nunca me foi apresentado como área do conhecimento, nunca pesquisei sobre teatro porque realmente achava que não havia nada para ser pesquisado. Pude constatar isso na escola básica em minhas experiências anos mais tarde de que eu não sou a única que teve o ensino de arte deficiente. Em Belo Horizonte, as informações sobre teatro circulam mais, mas na região metropolitana, como no caso da cidade de Contagem, isso não acontece da mesma forma. O teatro só é conhecido aonde vai, essa é impressão que tenho. Se o Grupo Galpão não for em meu bairro, ninguém vai saber que ele existe, porque não tem o costume de passar na televisão. Nesse ponto, podemos ver como a tecnologia e a cultura de massa faz diferença na vida e nas escolhas do cidadão. A divulgação da Campanha de Popularização do Teatro e da Dança¹³ costuma passar na TV, portanto, nessa época do ano, muitas pessoas vão ao teatro, mas ainda assim,

¹² Era e é comum os cursos oferecidos pela prefeitura não chegarem ao fim, por falta de pagamento dos professores.

¹³ Festival que acontece todos os anos da cidade de Belo Horizonte.

não tem consciência do que vão encontrar ou do que estão escolhendo assistir, ou seja, é oferecido um leque de possibilidades para o espectador, mas este não sabe muito bem como avaliar estas possibilidades, ficando quase sempre, a mercê do que lhe é oferecido.

Esse fato nos atenta para a importância de teatros e grupos de teatro e uma política pública da cultura, promovendo uma descentralização dos bens culturais, tornando-os mais acessíveis a todo cidadão, independente de classe ou região geográfica. Mais do que nunca, formação de público é necessária, mas claro, sem incentivo do governo, isso se torna cada vez mais difícil.

Hoje, estando no meio teatral, percebo que o universo artístico pertence a quem já está nele. Quando os alunos, a escola, a sociedade entenderem que arte é conteúdo tal como português e matemática, talvez esse pensamento mude. Como diria um querido professor¹⁴: “Arte é cesta básica do ser humano”.

Já na Universidade, em minha turma, muitas pessoas entraram na mesma condição que eu, mais por uma vontade do que por conhecimento. Na minha turma, muitos tiveram o ensino em arte defasado, e para ser sincera, a maioria desistiu até o terceiro semestre, ou porque não conseguiam acompanhar, ou porque tinham outras expectativas perante o curso que não se concretizaram. A maioria das disciplinas que tive nos primeiros períodos previam discussões aprofundadas sobre alguns conceitos e muitos que não tiveram acesso ao teatro na escola básica tinham dificuldade de acompanhar as discussões. Apesar disto, eu não desisti do curso e corri atrás do conhecimento que eu não tinha, ou que me foi negligenciado, e pude aprender muito mais sobre teatro e isto faz com que o meu desejo de atuar na área cresça a cada dia. Os professores que tive aliado a minha força de vontade mais a ajuda de amigos experientes fizeram toda diferença no meu processo artístico que vem se transformando a todo instante, e hoje consigo ter autonomia para pensar e viver o teatro fazendo as minhas escolhas artísticas com muito mais consciência.

Contudo, não foi fácil apreender os conhecimentos devido aos momentos de desequilíbrio físico e também mental que passei o maior período de curso devido a um problema de saúde física. Até passando por isso eu vivenciei arte, porque o afeto e

¹⁴ Professor Arnaldo Alvarenga. Conversa informal sobre as dificuldades que o mesmo enfrenta ao representar o curso de graduação em Dança em editais de incentivo ao estudo no exterior, justamente porque os responsáveis pela tomada de decisão aprenderam que arte não é importante, nem merece ser estudada e financiada.

solidariedade que recebi de todos no curso, desde professores, alunos e funcionários, me aproximou ainda mais do universo artístico, onde afeto e arte estão diretamente ligados.

Ainda dentro do curso tive a oportunidade de participar de um intercâmbio oferecido pela Universidade chamado Minas Mundi, que proporciona aos alunos uma experiência de seis meses em outro país. Fui para Portugal mais especificamente, na Universidade de Coimbra e pude vivenciar um pouco do teatro que é praticado e estudado lá. Foi nesse intercâmbio que pude estudar mais a fundo sobre tecnologia e arte¹⁵. Fui para esse intercâmbio e quando cheguei lá descobri a disciplina “Introdução aos Novos Média”, que tinha total ligação a pesquisa de iniciação científica¹⁶ na UFMG que eu acabava de começar. Esse intercâmbio e esta pesquisa foram decisivos no meu percurso escolar dentro da graduação, pois influenciaram na decisão de dar continuidade aos estudos sobre arte e tecnologia, agora voltados para a escola, resultando nessa monografia.

De aluna à professora: As experiências docentes vivenciadas no curso

Optei por licenciatura sem nunca ter dado aulas, nem de teatro, nem de dança, nem nenhuma disciplina. Sinceramente escolhi licenciatura sem ter a menor noção da responsabilidade que isto implicava, porque no nosso curso, no terceiro período temos que decidir por licenciatura ou bacharelado em Teatro. No meu caso, o que o curso ofereceu antes do terceiro período não foi suficiente para uma decisão mais convicta. Mas, mesmo que até hoje o desejo ardente de ser professora não tenha feito parte de mim, eu tenho uma concepção muito mais responsável (talvez por isso ainda o medo) e madura sobre a docência, e novamente, atribuo a esse fato, aos excelentes professores que tive. Sei a maravilha da docência pelo lado do aluno, sei quanto um professor pode transformar e realmente contribuir para a formação de alguém, porém me falta ainda, descobrir a maravilha de ser professora.

¹⁵ Por ter tido a maior parte do conhecimento teórico sobre tecnologia e arte fora do Brasil, algumas das referências usadas neste trabalho são de autores estrangeiros.

¹⁶ O programa de iniciação científica é oferecido por diversas instituições ligadas a UFMG que incentivam os alunos à pesquisa. Participei de duas iniciações científicas com a professora doutora Mariana Muniz uma das pesquisas teve como o tema teatro e internet. A outra pesquisa foi sobre o processo de criação do espetáculo Tio Vânia- Aos que vierem depois de nós, do Grupo Galpão.

Ao cursar os estágios obrigatórios durante o período de formação como professora de teatro tive a oportunidade de vivenciar experiências muito diversas uma das outras. No estágio I observei o “Instituto Neusa Rocha” na região da Pampulha em Belo Horizonte e o “Sítio Escola 4 Elementos” em Contagem. Ambas foram observadas a partir das turmas de ensino fundamental de 5º e 6º anos, em instituições particulares, mas completamente diferentes. Na primeira, uma professora que se formou como bacharel em Letras¹⁷, e na segunda, um aluno do Curso de Licenciatura em Teatro da UFMG prestes a se formar. Pude constatar que o contexto muda muito a maneira do professor na hora de dar as aulas, seja pela formação, espaço, diretoria, alunos, todos esses aspectos influenciam na condução do professor. Além disso, o que ficou de mais importante nesse estágio foi perceber que escolas particulares podem ser mais fáceis de trabalhar no sentido de poucos alunos, mas não está isenta dos mesmos problemas que vivemos na rede pública, tais como desinteresse pela disciplina, falta de respeito dos alunos para com os professores, indisciplina, ausência dos pais, entre outros fatores. Os alunos da “Sítio Escola 4 elementos” se mostravam incrivelmente entediados e desinteressados com as aulas, porque ficavam na escola em tempo integral, e isso os deixavam muito cansados do ambiente escolar. Esse mesmo problema costuma acontecer com os alunos da escola integrada de escolas públicas, porém a principal diferença é que no caso daquela escola, diferente da rede pública onde se tem 40 alunos por turma, haviam apenas 8 adolescentes em classe. O professor de teatro do Sítio Escola, não possuía uma sala de teatro e isso afetava muito as suas aulas.

Já no Instituto Neusa Rocha havia um espaço propício para as aulas, espaçoso e sem carteiras, suficiente para permitir que os alunos deitassem no chão ou corressem pela sala. Por outro lado a professora sofria grande pressão da escola para produções teatrais de final de ano, pois nessa escola, os espetáculos de teatro são cartão de visitas para os pais de novos alunos.

Foi nesse estágio que ouvi da professora uma frase que levo até hoje: “Ser professor é questão de estratégia.” Essas palavras fazem muito sentido diante das práticas que pude observar, e de todos os relatos de professores que conheço. Sendo minha mãe professora, tenho muito contato com docentes, principalmente de escolas públicas e o discurso é sempre o mesmo: “A escola é um campo de guerra, onde o professor luta para ensinar, e o

¹⁷ A professora embora formada em letras, apresentava mais de 15 anos de experiência atuando como atriz.

aluno para não aprender, ou resiste sem nem ao menos saber por quê. Ganha quem tem a melhor estratégia.” Parece um pouco duro esse pensamento, mas quando se reflete um pouco mais sobre o assunto e os rumos da escola, se vê que até por uma questão de contexto, os alunos ainda temem o lugar de liberdade de pensamento. Nas minhas experiências docentes, que foram poucas, percebi que os alunos gostam de ser tratados como alunos do século passado, ou seja, receberem ordens para executá-las e não pensar sobre elas. Esse comportamento é fruto de uma característica de uma pedagogia que durante muitos séculos vigorou nas instituições escolares, a pedagogia tradicional, onde o aluno não tem nenhuma autonomia no processo de ensino.

Na pedagogia tradicional o processo de aquisição dos conhecimentos é proposto através de elaborações intelectuais e com base nos modelos de pensamento desenvolvidos pelos adultos, tais com análise lógica, abstrata. Na prática, a aplicação de tais idéias reduz-se a um ensino mecanizado, desvinculado dos aspectos do cotidiano, e com ênfase exclusivamente no professor, que “passa” para os alunos “informações” consideradas verdades absolutas. [...] Nas aulas de Arte das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava a teoria estética mimética, isto é, mais ligada às cópias do “natura” e com apresentação de modelos para os alunos imitarem. (FERRAZ; FUSARI 1993, p. 23).

Não acredito que ser aluno seja isso, e hoje existem outras propostas¹⁸ educacionais que colocam a relação aluno/professor como uma troca, mas infelizmente é assim que muitos dos alunos reagem. Transformar ou ao menos administrar isto é uma tarefa difícil para o professor.

O segundo estágio foi feito em uma casa de educação não formal para jovens em situação de risco. Completamente diferente da escola, e ao mesmo tempo igualmente desafiador, esta experiência foi crucial para a minha formação acadêmica docente. Aqui o contexto é mais emocional e menos sistemático como nas escolas formais. Os jovens, todos do sexo masculino, tinham e não tinham interesse pelas aulas. Por um histórico de abandono, eles tinham muita dificuldade de se envolver nas oficinas oferecidas na casa porque normalmente eram de curto prazo. A nossa¹⁹ oficina foi um desses casos, mesmo que tenhamos avisado previamente que seria uma oficina de curta duração para os meninos

¹⁸ Em 1930 o movimento Escola Nova veio em contraposição à pedagogia tradicional no Século XX e tem como ideia um professor que media o conhecimento, um aluno que é o centro do processo de ensino aprendizagem, valoriza o sujeito. Segundo Saviani (2005) outras pedagogias podem ser analisadas como a pedagogia tecnicista, escola dualista, etc.

¹⁹ As alunas responsáveis pela oficina eram: Bruna Betito, Carolina França e Júlia Camargos.

ainda foi difícil se envolverem, tendo muitos deles, desistido de participar no primeiro dia. Deste estágio, o que mais ficou de importante para o meu pensamento crítico sobre minha profissão foi a abertura por parte do professor para que o processo aconteça. Fizemos um planejamento de aulas impecável, tecnicamente e pedagogicamente falando. Porém ele nunca foi usado, porque quando tivemos contato com os alunos, com o contexto, todo o plano mudou. Estes meninos já passam por muitos problemas emocionais, devido ao contexto em que foram retirados do lar, então optamos por dar uma oficina baseada em jogos de luta, diferente da ideia inicial que envolvia, entre outras práticas mais intimistas, o relato pessoal. Optamos por aproximarmos das práticas que eles se interessavam, como a luta, pois foi algo que percebemos ser de interesse geral dos garotos durante suas falas. A partir disso propusemos práticas teatrais que envolvessem o universo fantasioso das lutas de *videogame* e, dentre vários exercícios, que os alunos pudessem ser seus personagens favoritos. A oficina surtiu um efeito muito grande nos meninos porque puderam experimentar o jogo de uma forma que ainda não conheciam, e quando existe interesse, há entrega. Até mesmo os meninos mais velhos queriam participar da oficina porque sentiam que ali poderiam mostrar aquilo que eles têm de positivo, de capacidade, e não enfatizar ainda mais os problemas.

Muitos fizeram suas próprias produções de figurino, mostravam com orgulho os golpes que sabiam, mas claro, sem usá-los para agredir, se mostravam verdadeiros entendedores de lutas e *videogame*. Trabalhamos com eles o universo do *videogame*, das lutas animadas, que tem total relação com a inserção do universo digital no processo de educação em teatro porque o vídeo-game é umas das formas mais completas de imersão no universo digital. Lembro do empenho e do interesse dos alunos em fazer as aulas de teatro sob essa perspectiva. Eles chegaram a usar tempo extra da oficina para confeccionar seus objetos de cena.

Outro fator forte nesta experiência foi a oficina ter sido encarada, de certa forma, como momento de lazer pelos alunos e pelos funcionários. Arte é lazer? Sim. É só isto? Não. Infelizmente, como estagiárias, não pudemos continuar o projeto e incentivar o olhar da arte como algo a mais do que divertimento, tanto para os alunos, quanto para os coordenadores do local.

A última experiência de estágio que tive, já que a terceira é fruto de pesquisa deste trabalho, sendo relatada em um capítulo específico, foi a mais diferente em relação às outras. Digo isso porque tive a oportunidade de estagiar em uma escola pública, da prefeitura de Contagem, onde estudam apenas alunos com deficiência das mais diversas. Nessa escola chamada “Escola Municipal Antônio Carlos Lemos”, estudam alunos de todas as idades, com diferentes graus e tipos de deficiência, desde alunos com síndrome de *Down*, até alunos com paralisia cerebral severa. Funciona de manhã e a tarde, tendo turmas que vão desde 3 a 12 alunos. Existem três instâncias na escola: “projeto conviver, escolarização 1 e 2, oficinas”.

A escolarização se assemelha ao estudo que os alunos têm em escolas regulares. Já a socialização se destina a propor o convívio com as deficiências muito acentuadas. As oficinas são voltadas para arte, não tendo disciplinas como matemática ou português, por exemplo. O que chama a atenção primeiramente é a estrutura da escola. Apesar de possuir rampa para o acesso dos cadeirantes, não possui espaço adequado para os alunos que apresentavam diferentes deficiências. A sala de Arte é muito pequena, não comportando mais de três cadeirantes, sendo impossível, portanto, utilizar a sala com toda a turma de alunos. Normalmente a professora que observei ficava com os alunos na quadra.

Outro fator é o lanche cedido pela prefeitura que não leva em consideração os alunos que não podem ingerir a maioria dos alimentos como, por exemplo, alimentos sólidos, já que muitos alunos têm paralisias graves, o que os impede de comer o lanche da prefeitura, que normalmente é sanduíche, bolachas, entre outros. Os pais de cada aluno devem comparecer na hora do recreio para dar-lhes o lanche, porém, a minoria faz isso, tendo os professores a tarefa de alimentar os alunos, mesmo correndo o risco de fazê-lo de forma errada.

As turmas em geral são muito misturadas no sentido de múltiplas deficiências, o que não necessariamente seria um problema se houvesse profissionais especializados para auxiliar nos diversos casos. Mas o que acontece é justamente o contrário, os professores são professores da rede pública, que não tiveram formação específica para lidar com estes alunos, e nem uma formação para lidar com as especificidades dos alunos, sendo quase impossível dar uma aula onde todos os alunos tenham condições de acompanhar a proposta. Um dos motivos é por causa desse despreparo dos professores. Não existem profissionais

da saúde atuando nesta escola, o que é o ponto mais crítico de todo o quadro escolar analisado. Existem certas deficiências que precisam do acompanhamento de profissionais da saúde, como por exemplo, o autismo. No turno da tarde tínhamos casos extremos de autismo, onde os professores não têm conhecimento para lidar com os alunos autistas. Precisa existir um trabalho em conjunto, profissional, para que a escola não seja apenas uma creche onde os alunos passam um tempo para que seus pais possam resolver as coisas do dia a dia.

É nítido o desempenho e avanço dos alunos que tem condições de fazerem acompanhamento especializado com fonoaudiologia, fisioterapia, fora da escola em relação aos que não tem essa oportunidade. A prefeitura da cidade de Contagem parece não estar interessada em estruturar a escola e todo ano ameaça fechá-la. O irônico é que o atual prefeito é deficiente e nem por isso oferece condições mínimas para que o trabalho efetivamente aconteça para os professores e para os alunos. Os próprios professores chegaram a chamar o Ministério da Educação uma vez para denunciar o abandono da escola, mas nada foi feito em relação a isso. Entretanto, a impressão que tive foi que não são todos os professores que desejam reais mudanças na escola porque para muitos é uma situação bastante confortável. Os alunos não dão “trabalho” para os professores, então além do descaso da prefeitura, a escola ainda sofre com divergência de opinião entre os profissionais, o que impede que a escola se organize melhor para reivindicar seus direitos.

Sobre as aulas ministradas por mim como previstas pela disciplina de estágio, onde o estagiário tem que cumprir 10 horas de regência na escola, não pude desenvolver nenhuma prática efetiva com os alunos justamente por nesse caso, a deficiência em conhecimento e prática era minha, pois não tinha ideia de como lidar com eles, já que nunca tive contato com alunos especiais.

Optei por ser extensa no relato sobre essa experiência porque acredito que para o curso de Teatro, ela é muito importante e toca em diversos pontos que o curso ainda não atinge. Na universidade não é oferecido disciplinas que levem em consideração a diferença. Mesmo que tenhamos a disciplina de Libras, ofertada na modalidade *online*²⁰, essa disciplina não é suficiente para contextualizar o aluno na hora da prática com alunos especiais, muito menos voltadas em relação à arte. Isso afeta no estágio porque é difícil se

²⁰ Esta disciplina é oferecida na plataforma *moodle* disponível aos alunos da UFMG.

sentir seguro e preparado para abordar a arte com alunos deficientes. O que pude fazer no meu estágio foi dar dicas aos professores com quem tive contato e abertura, pontuar ações e propor atividades mínimas, mas que a meu ver, já fizeram alguma mudança, não em relação ao trabalho específico com a diferença, mas com um novo olhar sobre a arte, um olhar que considera as possibilidades do outro como potencialidades, que não exclui.

Esse assunto merece ser discutido nessa monografia, porque mesmo que o meu tema de estudo seja tecnologia e arte, a inclusão está prevista para acontecer nas escolas públicas, estando nós, professores, portanto, sujeitos a estar em situação de docência a alunos deficientes. É cada vez mais frequente o processo inclusivo nas escolas, no entanto, enquanto não houver por parte do governo projetos ou programas de capacitação ao professores que já se encontram na rede, e aos que estão chegando, essa inclusão tende a ser, na verdade, exclusiva.

CAPITULO 2: A influência da tecnologia no ensino de arte

Este capítulo contextualiza brevemente o leitor sobre como a tecnologia e a arte foram se aproximando ao longo dos tempos, até a era digital que vivemos hoje. Depois busco apresentar como a tecnologia digital influenciou o ensino de arte na escola.

Era digital e arte

Para entender a relação da era digital com a arte é preciso antes contextualizar brevemente os processos midiáticos ocorridos anteriores à explosão do universo digital em nossas vidas²¹, principalmente relacionados à arte.

O termo mídia, segundo Santaella²² (2011) tem um sentido mais amplo e pode ser considerado como meios de comunicação. São meios, suportes materiais, físicos, por onde as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. A autora nos chama atenção sobre os diversos significados que a palavra pode ter, muitos deles superficiais, assim:

Embora não se possa negar que atualmente as mídias e as tecnologias se constituam em princípios organizadores da sociedade, os meios de massa compõem apenas uma parte das mídias em geral, não sendo, por si sós capazes de nos levar a compreender a hipercomplexidade midiática das culturas contemporâneas cuja trama exige a apreensão de distinções bastante sutis que a designação *tout court* de cultura midiática não é capaz de absorver. (SANTAELLA, 2011, p 121)

Sendo o termo mídia designado a falar sobre os processos de comunicação que o mundo vem agregando ao longo dos tempos, não podemos deixar de pensar que o desenvolvimento da comunicação está ligado ao desenvolvimento de tecnologias e que tudo isso interfere na cultura, mesmo sabendo que o desenvolvimento cultural não está associado apenas às questões tecnológicas e aos meios de comunicação. O desenvolvimento da linguagem, os tipos de meios e mensagens que circulam nesses meios é que são responsáveis por novos ambientes socioculturais. Santaella (2010) nos diz que as mídias

²¹Este tópico do capítulo está baseado na disciplina de Introdução aos Novos Médias, cursada na Universidade de Coimbra, ministrada por Manuel Portela durante o 1º semestre do ano de 2013

²² Maria Lucia Santaella Braga, nascida em 1944 é uma pesquisadora brasileira e professora titular da PUC-SP com doutoramento em Teoria Literária na PUC-SP, em 1973, e livre-docência em Ciências da Comunicação na ECA/USP, em 1993. É fundadora do "CS games", Grupo de Pesquisa em Games e Semiótica da PUC-SP, além de professora da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas EESP-FGV, nas áreas de Novas Tecnologias e Novas Gramáticas da Sonoridade, Relações entre o Verbal, Visual e Sonoro na Multimídia e Fundamentos Biocognitivos da Comunicação.

não devem ser consideradas de modo isolado e que são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação trás consigo um ciclo cultural que lhe é próprio. Ela ainda pontua que essas tecnologias que proporcionam os meios de comunicação podem ser desde nosso aparelho fonador, que nos permite falar, até as mais complexas criações tecnológicas desenvolvidas pelo homem.

Marshall McLuhan, nascido em 1911, educador e teórico canadense, a partir da obra *A galáxia Gutenberg* (1994) defende a ideia de que o mundo vive em uma aldeia global, e estabelece a relação entre mídia²³, organização social e formas de pensamento nos vários momentos da história humana. Marshall pensa a partir dos parâmetros culturais e delimita quatro grandes eras: A era Tribal, ou da oralidade; A era da escrita; A era da imprensa; A era eletrônica.

McLuhan morre antes da era digital. Ele traça um estudo mais sociológico e em âmbito de transformação cultural a partir dessas eras. Segundo ele, o meio é a mensagem. Essa mensagem e esse meio sofreram diversas mudanças ao longo das eras da humanidade. O meio como o seu próprio conteúdo: isto é, as suas características técnicas condicionam a forma das práticas culturais, da organização social e dos padrões de pensamento.

Marshall (1994) propõe e analisa a relação do homem na era tribal com a oralidade que, segundo ele, transformou a sociedade e suas formas de relações em todos os âmbitos. Depois na era da escrita, o homem dá mais um passo e agora tem um processo de registro muito mais concreto e perdurável do que a transmissão oral. Na era da imprensa isso se torna mais eficaz no sentido de reprodução do conhecimento e proporciona um avanço enorme na sociedade em termos de difusão da informação. Finalmente a era eletrônica vem e dá um salto nas possibilidades de comunicação, avanços sociais, científicos e também artísticos.

A luz elétrica, um dos marcos da era eletrônica, por exemplo, permitiu no campo do teatro transformações significativas na forma de iluminar espetáculos teatrais, que podiam estender as possibilidades de iluminação graças à tecnologia elétrica. Com novas maneiras

²³ Outra designação para o termo mídia. Neste trabalho serão utilizados ambos os termos porque cada teórico referenciado aqui se refere ao termo de uma determinada forma.

de iluminar, os espetáculos podiam experimentar mais e criar cenas e imergir o espectador de formas mais realistas. É o que nos diz Serrat:

A luz elétrica veio proporcionar melhores condições para visibilidade e abrir novos caminhos não só para a iluminação como para o teatro em geral. Ela provocou mudanças no conceito de cenografia, figurinos, alterando completamente o aspecto visual do espetáculo. Com o objetivo de otimizar ainda mais a iluminação cênica, novos aparelhos dotados de lentes e lâmpadas especiais foram surgindo, em consequência disto muitas vantagens como; a focagem, lentes de abertura do foco, direcionamento preciso, regulagem de posição fixa ou móvel e em todas as direções que facilitava cobrir o objeto de cena e artistas de qualquer ângulo e suporte para filtros coloridos. (SERRAT, 2006, p. 41)

Essas eras têm sido tão impactantes na forma de se viver que hoje em dia, com todos esses processos já vividos, fica difícil ter a real noção de como foram transformadores estes sistemas. Se olharmos para a poesia, por exemplo, percebemos que o surgimento da máquina de datilografar transformou o processo de escrita dos poetas. Muitos escritores do século XIX não consideravam ser arte a forma de escrita através da máquina. Hoje, existem expressões poéticas que só existem pelo advento dos programas digitais, muito parecidas com a poesia concreta, mas por estarem e serem pensadas a partir do dispositivo digital são chamadas, entre outras denominações, de ciberpoesia. (Santaella, 2011).

Importante ressaltarmos que uma era não exclui a outra. Vale lembrar que ao mesmo tempo em que se desenvolvia a fala, se desenvolvia a pintura rupestre, e assim sucessivamente. Hoje em dia isso é mais claro se analisarmos como um meio deriva de outro meio, como um meio pode ser conteúdo de outro meio, e como isso afeta a humanidade no âmbito cultural e social.

Santaella (2010) aprofunda nas questões trazidas por Marshall e ainda nos aponta outros conceitos como Cultura das massas, Cultura das Mídias e Cibercultura (ou Cultura digital, virtual). Ela se refere de fato a Eras, mas segundo a mesma, prefere se referir as Eras também como culturas, justamente para evidenciar que uma não desaparece com o surgimento da outra e que muitas das vezes surgiram concomitantemente.

Relacionado à cultura de massas estão os processos tecnológicos e de comunicação que moldam a sociedade e as práticas culturais de forma generalizada. Como o nome já diz, são processos que movem a massa social. Pensando na relação desse conceito com a arte

podemos traçar alguns movimentos de interferência dessa cultura com as expressões artísticas. O cinema, por exemplo, foi uma prática artística muito vinculada à cultura de massa, assim como a televisão é nos dias de hoje. Todos os meios que oferecem informação padrão a todos podem ser incluídos nessa categoria defendida por Santaella (2010), como jornais, revistas, cinema, TV. Mesmo que o espectador escolha mudar de canal, sua participação nestes meios é passiva.

A cultura das mídias seria o intermédio entre a cultura de massas e a cultura digital. Houve todo um processo de transição entre essas duas expressões culturais, (massas e digital) que como já dito, não obedecem a uma ordem cronológica. Essa cultura das mídias teria como principal característica propiciar a escolha e o consumo individualizados. São linguagens híbridas, multiplicadores de mídias. Relacionado ao campo da arte podemos ver algumas tecnologias que foram caminhando para essa característica cultural. A criação da fonografia²⁴, ou mais tarde, do gramofone²⁵, influenciou e muito nas práticas artísticas. A partir de então a sociedade poderia ouvir música em casa, não mais necessariamente, como era até antes dessas invenções, precisaria se deslocar até um teatro, ou ópera. O surgimento da locadora, dos vídeos cassetes modificou a relação do consumo da arte cinematográfica por parte da população. Apesar de cultura de mídias designada por Santaella estar ligada ao desenvolvimento de tecnologias eletrônicas, podemos ver que mesmo antes desse advento eletrônico, como o caso dos vídeos cassetes, já podíamos ver esse processo de individualização acontecendo como no caso do gramofone. Ou seja, mais uma vez vemos que estes processos tecnológicos e comunicativos não seguiram uma cronologia de tempo.

Em resumo, a nova mídia determina uma audiência segmentada, diferenciada que, embora maciça em termos de números já não é uma audiência de massa em termos de simultaneidade e uniformidade da mensagem recebida. A nova mídia não é mais mídia de massa no sentido tradicional do envio de um número limitado de mensagens a uma audiência homogênea de massa. Devido à multiplicação de mensagens e fontes, a própria audiência torna-se mais seletiva. A audiência visada tende a escolher suas mensagens, assim aprofundando sua segmentação, intensificando o relacionamento individual entre o emissor e o receptor. (CASTELLS *apud* SANTAELLA, 2010, p. 16)

Podemos perceber que estas características, segundo Santaella (2010), é que nos prepararam para a era ou cultura digital que estamos vivendo hoje, onde a principal

²⁴ Fonografia é a grafia do som. Registro do som por meio de algum aparato seja eletrônico ou não.

²⁵ Gramofone é o primeiro aparelho de registro de som não elétrico. Foi desenvolvido no século XIX.

característica imperante está na busca dispersa, alienante, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação. Nessa cultura outra característica é a constante convergência das mídias. A tendência é que tudo migre para o universo digital. Enquanto a cultura das mídias seria a cultura do disponível, a cultura digital seria a cultura do acesso. A cada dia o computador, os aparatos digitais se tornam mais acessíveis e mais baratos, aumentando assim, seu consumo. Esse processo começa com a cultura das mídias e se fortalece e domina com a cultura digital.

Sobre esse aspecto, Bolter e Grusin²⁶ (2000) vão a fundo nisto e propõem uma tripla lógica na genealogia dos média ou mídias. Eles estabelecem três tipos de características para os mídias: remediação: a lógica através da qual novos média derivam, transformam e coexistem com os média anteriores. Bolter e Grusin analisam esta lógica através das relações formais entre diferentes média e também através das suas relações de poder e prestígio cultural. Imediácia (ou imediação): a lógica de representação e presença dos meios em si próprios. Bolter e Grusin (2000) analisam esta lógica através dos processos de transparência, naturalização e ocultação do meio. Hipermediácia (ou hipermediação): a lógica de representação e presença dos meios em si próprios. Bolter e Grusin analisam esta lógica através dos processos de opacidade, estranhamento e revelação do meio.

Todas essas três características das mídias estão presentes nas formas Culturais delineadas por Santaella, mas em especial, a Remediação faz todo o sentido com o conceito e os aspectos presentes na Cultura digital. Em um computador podemos ver filmes, assistir novelas, ler as notícias, ouvir músicas e até mesmo ver teatro. Nós escolhemos o que, como e quando vamos ter acesso a um conteúdo, mesmo que este conteúdo já tenha sido selecionado pela massa a priori.

Apesar de tudo isto, não podemos esquecer que antes de qualquer coisa, todos estes tipos de culturas são humanas. A cultura somos nós. Se fizermos uma relação com as práticas artísticas a partir do que já foi discutido podemos traçar alguns momentos mais específicos da influência dessas culturas nas artes, principalmente no teatro. Podemos até mesmo fazer relações mais conceituais entre o teatro e as características descritas por Bolter e Grusin. Há em Imediácia indiretamente um sentido de ilusão Como se a intenção

²⁶ Bolter nascido em 1951 é e professor na Faculdade de Literatura, Mídia e Comunicação do Instituto de Tecnologia da Geórgia. Grusin nascido em 1953 é professor de Inglês tanto e Diretor do Centro de Estudos do século 21 (C21) na Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

fosse enxergar além do meio, criar uma ilusão para quem vê ou usufrui daquele meio. Podemos relacionar esta questão com o teatro realista. Existe uma intenção clara neste tipo de teatro que é de produzir uma imersão do espectador através do teatro, procurando uma ilusão, uma realidade, embora falsa, porque se trata de uma encenação, mas completamente convincente. Por um momento, o desejo deste teatro é que o espectador esqueça que está em uma sala, com um palco, com outras pessoas que nem ao menos conhece, assistindo atores fingindo ser quem não são.

Já a hipermediacia deixa-se mostrar, é além do meio e o próprio meio, estando muito relacionada a alguns aspectos do teatro não realista, principalmente com a ideia de estranhamento, muito usada por diversos atores e diretores, sendo mais conhecida nas teorias e práticas do teatro Brechtiniano²⁷. Podemos nos emocionar com o personagem, mas podemos também, ser distanciados com a presença dos holofotes em cena, evidenciando, entre outros elementos, para o espectador a todo tempo, que aquilo é teatro. Há aqui um estranhamento por parte de quem usufrui do meio, sem que isto tenha uma conotação negativa. É preciso que personagem e ator se mostrem, que o teatro e o espaço do teatro apareçam, que ilusão e quebra dividam o mesmo espaço, afinal, para se produzir a quebra da ilusão, é preciso que esta antes seja construída para depois ser quebrada. Remediação pode ser vista na constante aproximação entre teatro e cinema, entre teatro e artes visuais, ou seja, outras expressões artísticas vem sendo remediadas no teatro, o que não faltam são comparações e reflexões acerca de como a arte vem sendo influenciada por esses modos de Cultura.

No exemplo acima, podemos afirmar mais uma vez que esses tipos de cultura não são cronológicas. Estas três características foram idealizadas por Bolter e Grusin para falar principalmente de um sistema digital, mas podemos notar que elas já existiam anteriormente a isto, inclusive nas diferentes metodologias ou estilos das práticas artísticas. Onde tem meio de comunicação é possível traçar aspectos comuns. Contudo, para este

²⁷ Bertolt Brecht nascido em 1898, foi dramaturgo, romancista, roteirista e poeta alemão, revolucionou o idioma alemão e o teatro moderno. Brecht propõem um teatro dialético, épico onde se tem como base a discussão sobre os conflitos sociais e políticos. Algumas das características do teatro brechtiano são: a comunicação direta entre ator e público, a música como comentário da ação, a ruptura de tempo-espaço entre as cenas, a exposição do urdimento, das coxias e do aparato cenotécnico, o posicionamento do ator como um crítico das ações da personagem que interpreta, e como um agente da história.

trabalho, nos interessa antes de tudo problematizar os impactos que esses meios de comunicação e novas tecnologias fazem sofrer a arte.

Walter Benjamin²⁸ (2006), fala bastante sobre o efeito que as mídias causaram na arte e em sua reprodução. Ele problematiza o conceito de reprodutibilidade técnica e arte relacionado à Era da imprensa (Walter morreu em 1940), mas seus conceitos ainda podem ser analisados sob a perspectiva da cultura digital. Primeiramente ele fala das formas de reprodução que podemos encontrar que são basicamente a reprodução manual e a reprodução mecânica. Somos levados a refletir como o surgimento e desenvolvimento da reprodução mecânica repercutiu na sociedade de modo geral, e também na arte. Benjamin traça os efeitos da reprodutibilidade técnica na obra de arte como a diminuição da presença da obra enquanto objeto singular num espaço, num tempo e num contexto, a perda da aura²⁹, entre outros pontos de discussão.

Especialmente este autor, corrobora muito com o tema de pesquisa deste trabalho, pois problematiza a questão da reprodução da arte, e como isto afeta ou não as expressões artísticas. Aqui somos capazes de perceber que a questão da reprodução técnica, mecânica, de muitas formas artísticas já existiam desde muito cedo, diferente do teatro enquanto espetáculo, que ficou até o surgimento da internet, fora dessa reprodução³⁰ por falta de tecnologia que o pudesse realizar. Mesmo com a possibilidade de vídeo, o teatro era gravado com intuito de registro, não de entretenimento. Vemos que a música, principalmente, vem sofrendo influência dessas formas de reprodução. Desde o surgimento do gramofone, a reprodução da música vem sendo feita pela sociedade como forma de entretenimento, permitindo um maior acesso da população à arte musical. Contudo, o fato de se poder reproduzir algo, ao mesmo tempo em que aumenta a difusão cultural, perde no quesito presença física, que de forma alguma deixa de existir pela possibilidade da reprodução mecânica. Pessoas continuam (em menor número) indo a concertos mesmo com a possibilidade de ouvir música em casa. Benjamin vem problematizar justamente esse

²⁸ Walter Benjamin nasceu em 1892 e foi um importante ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo.

²⁹ Segundo Benjamin (2006) toda obra possui uma aura, que são as marcas de autenticidade garantidas pelas marcas da origem e da inscrição da história na própria obra.

³⁰ Refere-se aqui a reprodução como meio de produto final do espetáculo, pois antes disso, o teatro já usava da filmagem, mas não como o espetáculo em si, mas como meio de registro de uma determinada prática ou encenação.

paradoxo que existe entre essa relação de reprodução da arte com os meios eletrônicos e para ele:

Por mais perfeita que seja a reprodução, uma coisa lhe falta: o aqui e agora da obra de arte – a sua existência única no lugar onde se encontra. Sobre essa existência única, e sobre ela apenas, se fez a história a que a obra esteve sujeita no decurso da sua existência. Para isso contam tanto as transformações que a sua estrutura física sofreu ao longo do tempo, como as várias mudanças de proprietário por que possa ter passado. Só é possível descobrir vestígios das primeiras através de análises químicas ou físicas, que não podem ser feitas sobre reproduções; os vestígios das segundas são objecto de uma tradição cuja reconstituição se tem de fazer a partir do lugar onde se encontra o original. O aqui e agora do original encerra a sua autenticidade. (BENJAMIN, 2006, p.210)

Outro autor que vai de encontro com Benjamin é Jorge Dubatti³¹ (2012) em seu texto *Teatro, Convívio e Tecnovívio* reforça que devemos saber dosar essa forma de convívio à distância, e defende que o teatro precisa da presença física do espectador. Como todo avanço, a cultura digital traz benefícios, mas também muitos malefícios aos seus usuários/criadores. Ao mesmo tempo em que ter a possibilidade de conversar com um ser do outro lado do mundo pode ser maravilhoso, ou poder ter acesso às produções teatrais que estão sendo feitas na Oceania pode agregar no conhecimento sobre teatro, o que acontece muitas vezes é uma substituição das relações humanas no sentido de presença física. A presença digital não exclui a presença física, pois cada uma proporciona ao ser humano experienciar aspectos diferentes da relação e do convívio com outro ser. Mesmo que o sentido de presença possa ser expandido, até que ponto um meio eletrônico, virtual, consegue suprir as necessidades de relacionamento dos seres humanos? O que é importante ponderar é o cuidado para não haver uma banalização e uma alienação por parte de quem cria e utiliza os meios digitais, pois se corre o risco de não termos mais autonomia sobre estes meios. Tudo em excesso pode ser prejudicial e segundo Dubatti, o teatro não pode existir no tecnovívio:

O Teatro, em sua fórmula básica, não admite a supressão do corpo, o vínculo tecnovivial. Dessa forma, ele já se distingue do cinema, do rádio, da web, das redes óticas e da televisão. O Teatro não permite a desterritorialização, a desaturatização, a des-historialização da zona de experiência, porque não admite a supressão do corpo. O que é sumamente interessante no Teatro é que, por um lado, sua base está no convívio, no encontro com o outro, no corpo a corpo. É possível haver tecnologização nesta relação — podemos usar televisores ou

³¹ Jorge Dubatti, nascido em 1963 é professor universitario, crítico e historiador teatral argentino.

outros equipamentos. Se o corpo do ator está alterado, fragmentado ou transformado pela tecnologia, mas está presente, o convívio se estabelece. Só não podemos subtrair o corpo do ator, porque então se passa a outro paradigma tecnovivial. (DUBATTI, 2012, p. 04)

Já para Rodolfo Araújo³² (2010) diferente de Dubatti e Benjamim, o universo digital alimenta o físico, que realimenta o digital, e essa dialética faz a arte avançar. Percebemos que existem diferenças entre as teorias de Araújo em relação às teorias defendidas por Dubatti e Benjamim, contudo, não há um mais correto que o outro. Existem autores que pesquisam e defendem pontos distintos dessa relação entre arte, tecnologia, presença. Araújo acrescenta a telepresença, afinal:

Qual o futuro ou as novas possibilidades do teatro fora a telepresença? É a questão do corpo. Na semana passada foi notícia o australiano Stel Arc, nome famoso da body art que colocou uma orelha no antebraço. Ele vai usar um microfone para tentar ouvir o que se passa nessa orelha (risos). São dimensões radicais, mas válidas para responder qual será o corpo biotecnológico do futuro. Que outras modificações o corpo pode ter num contexto de representação? É uma questão obscura, mas um dos caminhos. (ARAÚJO, 2010)

Beth Coleman³³ (2011) vai de encontro com o termo telepresença de Araújo e propõe conceitos como copresença³⁴; tempo-real³⁵; ‘*x-reality*’ [realidade-x]. O termo de Araújo vem de encontro com os conceitos de copresença e tempo-real, uma vez que estes dois estão muito próximos em seus significados. Ao mesmo tempo em que uma pessoa exerce a copresença ao conversar com outra pessoa por skype, ela também está exercendo tempo-real, uma vez que a comunicação se dá no aqui e agora. Já *x-reality* significa, segundo a autora, os universos digitais que criamos hoje em dia. As interações no mundo virtual, personagens digitais entre outros. Ainda segundo Laurel citado por Santaella (2011) telepresença é um meio que nos permite estar em um outro espaço com o nosso corpo, num ambiente gerado por computador ou transmissão de vídeo, ou os dois. Segundo estes autores é possível haver arte e interação em meios digitais, à distância.

³² Participa do núcleo de pesquisa CEPOP-ATOPOS da ECA/USP, dirigido a estudos sobre opinião pública dos novos contextos digitais.

³³ Dr. Beth Coleman é professor de escrita e novas mídias no Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

³⁴ Presença relacionada à comunicação de pessoas em espaços físicos diferentes.

³⁵ Presença que se dá no aqui e agora, como o termo já diz, em tempo real.

A principal discussão que podemos fazer com base no tema dessa pesquisa, é em relação à cultura digital e arte, teatro. Podemos indagar se mesmo podendo transmitir uma peça de teatro pela internet (em tempo real ou não) se esta forma de arte ainda seria teatro. Existem graus de apropriação das tecnologias, sejam digitais ou anteriores à essa cultura, nas artes, e, são estes graus que nos cabe discutir, a fim de identificar se estes mudam ou não em essência da arte, no nosso caso, do teatro que se apropria do mundo tecnológico. Há um limite, que, quando tocado, nos faz pensar se não se está na verdade, surgindo uma nova expressão artística, uma nova categoria de arte.

Os debates atuais nos permitem distinguir a arte nas redes e a arte das redes. Nas redes, a arte utiliza a internet como meio de distribuição, como são, por exemplo, as galerias ou exposições virtuais. Nesse caso, a internet é apenas uma ferramenta de apresentação eficaz, mas substituível. Já a arte das redes está irmanada com o meio das redes eletrônicas, joga com seus protocolos e suas virtualidades técnicas, tira partido dos vírus e aproveitam o potencial dos softwares e hardwares. Essa arte seria impensável sem seu meio específico, a internet (BROECKMANN *apud* SANTAELLA, 2011, p. 331)

Quando se modificou nas práticas teatrais, o uso de orquestra ao vivo, pelo som gravado, depois, com a invenção da eletricidade, novas técnicas de iluminação foram utilizadas, possivelmente se questionava a essência da arte teatral. O teatro vem se enfrentando todas as vezes que é modificado pelo tempo e cultura no qual está inserido, e com o advento da tecnologia digital não seria diferente. Teatro gravado, ao vivo ou não, ainda é teatro? Retirando-se a presença física de ator-espectador, ainda poderemos considerar aquilo uma prática teatral? E as outras formas de inclusão do teatro na rede, como divulgação, discussão e pesquisa, são válidas? Se sim, em que medida?

São todas perguntas sem resposta, por estarmos vivenciando esta era digital ao mesmo tempo em que refletimos sobre ela. Depois, percebemos que tudo depende do ponto de vista e do que se pretende com isto. Vimos que vários autores possuem opiniões diferentes sobre a relação entre teatro e internet, universo digital e arte, não sendo nenhum deles mais correto que o outro por pensarem diferente. Desde seu início (ou desde onde se tem registros sobre a existência de práticas teatrais), o teatro vem se modificando, se renovando e se adaptando às gerações que perpassam por ele. Uma das características que podemos identificar no teatro é transformação, e podemos entender essa transformação

também no tempo e no espaço. Se permitir ao desconhecido e jogar com ele sempre será uma característica inerente ao teatro, esteja ele em qual época for.

Isto posto, podemos relatar mais objetivamente muitos grupos que já utilizam da tecnologia, da internet relacionada ao teatro, seja para divulgação, para registro, ou para transmissão em tempo real de uma peça. A plataforma *Teatro para alguém*³⁶ ainda vai além e tem como proposta um teatro exclusivamente transmitido pela internet.

Estamos imersos em uma série de transformações tecnológicas que, se podemos comparar com outras ocorridas no passado, ainda somos abrumados por suas possibilidades. O que buscamos apontar aqui foi para o fato de a internet representar uma tensão ontológica sobre o teatro, pois exclui a necessidade da co-presença no convívio entre atores e espectadores, assim como o cinema o fizera no início do século XX. Não sei se o que surgirá dessa tensão ainda será chamado teatro ou não, mas se o for, será essencialmente diferente de tudo o que foi feito nos últimos 2.500 anos no ocidente, pois prescinde da presença no convívio. Essa tensão parece-nos positiva, pois permite que o teatro repense seu lugar na contemporaneidade e permaneça em crise, reinventando-se (MUNIZ, ROCHA, 2013, p.11).

Vemos que o teatro está em constante fase de questionar os conceitos até então existentes sobre ele próprio enquanto arte milenar, e agora questiona quais serão os impactos dessas novas formas de fazer teatro em relação ao universo digital perante a própria arte teatral e perante a sociedade. Apesar disto, sabemos que à medida que o mundo evolui, evoluímos com ele, e dentro desse mundo está o teatro, que vem se mostrando aberto as novas formas de reprodução e criação que a tecnologia, o universo digital e a internet podem proporcionar.

Era digital, arte e ensino

Se é verdade que cada período da história da arte no Ocidente é marcado pelos meios que lhe são próprios, os meios do nosso tempo, neste início do terceiro milênio, estão nas tecnologias digitais, nas memórias eletrônicas, nas hibridizações dos ecossistemas com os tecnossistemas e nas absorções inextricáveis das pesquisas científicas pela criação artística, tudo isso abrindo ao artista horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade (SANTAELLA, 2010, p.176).

³⁶ O Teatro Para Alguém é uma reunião de atores em uma plataforma teatral brasileira, formada em 2008 em São Paulo. Influenciado pela revolução digital dos anos 2000, procurou pesquisar novas formas de se criar, produzir, e difundir o teatro a partir dos conceitos da Cultura digital e da Cibercultura.

A partir desse breve estudo e da fala de Santaella acima podemos nos perguntar: e no ensino, mudou alguma coisa com o advento da tecnologia digital, da internet? Se como visto, as transformações que o mundo agregou nas suas formas de comunicação e reprodução da informação afetam o sistema global como um todo, socialmente, culturalmente, politicamente, é de se pensar que também o ensino sofreu modificações a partir das expressões socioculturais que estamos inseridos. Cada vez mais vemos a era digital adentrar os muros das escolas, ou até mesmo, ultrapassar os limites do espaço escolar. Hoje é possível estudar à distância, diversas universidades e escolas técnicas já utilizam ensino não presencial. Vemos que cada dia a noção de presença tem mudado, e que o conceito de tempo e espaço se expandiu. O espaço “escola” hoje pode ser a minha mesa de computador. Mas essa intervenção digital não acontece somente no ensino à distância. A sala de vídeo já é um espaço conquistado como forma de ensino e de informação nas escolas, mesmo que muitas ainda não tenham esses aparatos disponíveis. Informática esteve e está no currículo de muitas instituições de ensino.

Analisando sob o aspecto relacional, podemos ponderar sobre as diferenças entre gerações de professores e de alunos que a escola sofreu e sofre, e considerar seus impactos no processo de ensino. Com o advento digital podemos perceber que muitas vezes, os alunos é que ensinam aos professores como lidar com o universo digital.

Assistimos uma profunda mudança da forma de vida da sociedade em geral e na escola em particular, em consequência do uso da TIC³⁷. Neste processo de mudança, também os alunos são diferentes- *net generation*. Estamos cada vez mais confrontados com o facto de os média (em geral) e os digitais (em particular) desempenharem um papel central na formação e construção das identidades sociais e culturais. (SILVA, 2014, p.03)

Esse advento se torna um desafio não só para os docentes, mas para a escola em geral, que tem que descobrir modos de responder, lidar e acompanhar a mudança e transformação das gerações mais novas. Muitos professores e escolas ainda têm resistência com a tecnologia, com tecnologia digital, porém, não conseguem, e nem podem, ignorar os novos modos de aprender ensinar que a era digital propõe. “O ciberespaço rompeu com a ideia de tempo próprio para aprendizagem [...] o espaço da aprendizagem é aqui- em qualquer lugar- o tempo de aprender é hoje e sempre. (SILVA, 2014, p.05)”. A

³⁷ Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)

possibilidade de participar da criação do conhecimento é enorme na rede digital, ainda mais na atualidade onde os dispositivos móveis estão ganhando mais força a cada dia, celulares, *smartphones*, temos o universo digital nas mãos, e cabe a escola aprender a ensinar considerando esses novos moldes de difusão da informação. Vale a pena ressaltar que apenas utilizar os meios digitais na escola não legitima uma mudança e uma agregação de novos modos de aprender e ver o mundo. É preciso que a escola e os professores realmente embarquem em novas formas de interação, que sejam os mediadores do conhecimento, e que possibilitem a autonomia do aluno. Tudo isto é possível sem a internet, mas também é possível no universo digital. A era digital pode participar do processo de ensino-aprendizagem de forma ativa.

Em escolas de ensino superior, a interação entre ensino e tecnologia está muito presente, com dispositivos e disciplinas *online*, mas na escola básica ainda se mostra tímida a ideia, mesmo nas escolas particulares, que tem uma maior liberdade para proporem práticas e metodologias educacionais. Vemos quando muito, disciplinas isoladas que utilizam da tecnologia digital, como informática, mas falta ainda agregar a tecnologia como possibilidade de processo de ensino nas outras áreas do conhecimento. Apesar disto, alguns movimentos já começaram a surgir por parte de alguns professores que abrem as portas para o que o universo digital tem a oferecer.

E na disciplina de Arte, nas práticas artísticas na sala de aula, onde encontramos essa tecnologia? No Conteúdo Básico Comum (CBC³⁸), encontramos no ensino de arte para o ensino médio, o eixo temático I, que prevê o Conhecimento e Expressão em Artes Audiovisuais. Vemos então que o Estado de Minas Gerais já considera a tecnologia, tecnologia digital de certa forma como um campo específico relacionado à arte, mesmo que entendamos hoje que a tecnologia pode se estender além do campo audiovisual. Nos seus parâmetros de ensino em arte, o CBC considera essa vertente artística importante justamente por entender que desde o século XIX com o cinema, fotografia e televisão estamos sendo inseridos numa nova lógica social e também cultural. Segundo Loyola (2009) o computador e a internet não substituem os livros de arte, mas ampliam e favorecem para o professor a pesquisa e ensino no campo artístico. Além disso, possibilitar

³⁸ Conteúdo básico comum é uma proposta da Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais, para estabelecer parâmetros que orientem os conhecimentos, habilidades e competências que devem ser adquiridos pelos alunos na educação básica.

o aluno adentrar no universo digital artístico o possibilita a participação e interação com a obra de arte, que muitas vezes, não chega até a escola, nem no contexto familiar. Visitas digitais a importantes museus são possíveis pela internet. Existem hoje ferramentas e programas digitais que permitem edição de imagem, cor, som, além de simulação de técnicas artísticas que podem aproximar a arte do aluno que não tem acesso a ela. Mesmo não substituindo a ida ao museu, conhecê-lo digitalmente já é um passo importante para a construção e formação do aluno em relação à arte.

É um espaço que supre, ao menos parcialmente e virtualmente, a carência de ambientes para as atividades da disciplina Arte nas escolas. Nessa perspectiva, a integração da arte com as novas tecnologias abre novas possibilidades para o ensino de Arte em escolas equipadas com computadores e com internet. É um instrumento importante para se usar na mediação cultural com os alunos. (LOYOLA, 2009, p.10)

Ao mesmo tempo em que o ciberespaço pode estar presente no processo de ensino da arte, é importante, sobretudo, formar o público para o conteúdo da rede. É preciso saber analisar e avaliar o que se passa no computador, quais informações são qualitativas ao processo de ensino de arte. É preciso produzir, analisar e refletir o conhecimento. Ana Mae Barbosa (1998) vem de encontro com essa necessidade de analisar os conteúdos e nos sugere a Proposta triangular, que em linhas gerais diz que para o ensino de arte, é fundamental que se crie, mas também que se aprecie e contextualize arte. Segundo Barbosa:

A Proposta triangular é sistema cuja proposição depende da resposta que damos à pergunta: Como se dá o conhecimento em arte? Portanto, qualquer conteúdo, de qualquer natureza visual e estética, pode ser explorado, interpretado e operacionalizado através da Proposta Triangular. (BARBOSA, 1998, p. 38)

Pensando nisto, podemos concluir que mais importante que discutir sobre os meios, é importante pensar que a aprendizagem artística é o que interessa nos processos de ensino nas escolas. Segundo Pimentel citado por Loyola (2009) o foco é a aprendizagem em artes, quer seja por meios tradicionais ou por meios tecnológicos contemporâneos. Com este pensamento podemos considerar que desde que se tenha o objetivo de ensinar e aprender arte na escola básica, os meios são secundários, cabendo ao professor saber identificar que

tipo de prática e meios para desenvolver e facilitar o acesso ao aprendizado em arte que mais se encaixam ao seu contexto de trabalho.

CAPITULO 3: A experiência docente na Escola Municipal René Chateaubriand Domingues

Neste capítulo apresento um relato sobre o processo de estágio na Escola Estadual Renné Chateaubriand Domingues, em Contagem. Início com dados mais gerais sobre o estágio para chegar ao projeto desenvolvido com os alunos que deu origem a esta monografia. Na sequência do texto trago os passos trilhados por essa jovem professora culminando na proposição do projeto de intervenção, onde foi criada a videoteca de teatro. E finalmente relato e problematizo a continuação do projeto posterior ao período de estágio, quando estive na escola como voluntária para dar continuidade ao trabalho.

Contexto geral

A disciplina Análise da Prática Pedagógica e Estágio em Teatro III previsto pelo curso de graduação em Teatro foi realizado por mim na Escola Municipal René Chateaubriand Domingues, que fica na cidade de Contagem, região Metropolitana de Belo Horizonte. A escola comporta cerca de 10 turmas por período (manha, tarde e noite), possuindo em torno de 400 alunos por turno, incluindo alunos com algum tipo de deficiência. Abrange alunos de ensino fundamental (1º ao 9º ano), EJA, e atualmente possui Educação Infantil. A escola participa de um projeto da Prefeitura intitulado Harmonia, que faz parte da orquestra Jovem de Contagem. Possui uma sala de arte, muito bem equipada para a modalidade de artes visuais.

Acompanhei a professora de Arte, Maria Lúcia, que dá aulas para oito turmas com 35 alunos em cada aproximadamente. Suas atividades na sala de aula são, prioritariamente, práticas e a teoria vai sendo desenvolvida a partir dessa prática. A professora utilizou no período em que fiz o estágio imagens como recurso didático, utilizou o teatro como projeto fora de sala de aula e fez parte do projeto interdisciplinar que foram os jogos e gincanas anuais da escola.

O ambiente escolar

Os alunos da referida escola em sua maioria são de famílias de classe baixa e moram próximas à escola, que possui a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Supletivo. A escola não possui nenhuma área verde, porém possui uma quadra coberta pátios e uma

cantina. A sala de Artes existe, e é grande o suficiente para comportar todos os alunos. O convívio escolar é bastante tranquilo, os alunos não apresentam comportamento como violência nem para com os professores, nem para com os outros colegas, fato que tem sido cada vez mais comum em escolas. A comunidade escolar participa, na medida do possível, das festas da família, quadrilha, feira de cultura, entre outras atividades que a escola promove. Os alunos participam mais ativamente no espaço escolar como um todo e não somente na sala de aula. Principalmente a professora de Artes desenvolve projetos de mobilização do espaço escolar com os alunos, como por exemplo, a pintura dos muros da escola, que foi concebida e executada pelos alunos.

Processo inclusivo na escola

A escola também é inclusiva, e recebe alunos com deficiência. Existe uma grande número de alunos com deficiências múltiplas, tendo associado à deficiência física, na maioria dos casos, a deficiência mental, e nem sempre, a escola está preparada para tal:

A deficiência mental desafia a escola comum no seu objetivo de ensinar, de levar o aluno a aprender o conteúdo curricular, construindo o conhecimento. O aluno com essa deficiência tem uma maneira própria de lidar com o saber, que não corresponde ao que a escola preconiza. Na verdade, não corresponder ao esperado pela escola pode acontecer com todo e qualquer aluno, mas os alunos com deficiência mental denunciam a impossibilidade de a escola atingir esse objetivo, de forma tácita (BRASIL, SEESP, MEC, 2007, p.16).

Não sei até que ponto estes alunos estão realmente inseridos na escola comum. Por já ter feito estágio em uma escola que recebe exclusivamente alunos com deficiência pude perceber algumas diferenças no comportamento dos alunos quando estão na escola comum para quando estão na escola especializada. Especificamente porque tive um aluno que estuda na Escola René Chateaubriand Domingues e também na Escola Antônio Carlos Lemos, já mencionada no primeiro capítulo.

É nítida a diferença de tratamento, ainda que mesmo na escola especializada, os profissionais também não estejam sendo capacitados para lidar com estes alunos.

O convívio e a relação dos alunos são diferentes de uma escola para outra. Percebi que os mesmos se sentem mais pertencentes ao ambiente na escola especializada do que na escola comum, apesar de cada uma desempenhar papéis diferentes no quadro de deficiência

dos alunos especiais, tendo as duas experiências, portanto, escola regular e especial, sua devida importância, até mesmo se pensarmos na inclusão não só para o aluno tido como deficiente, mas como essa inclusão também é positiva para os demais alunos no caso da escola regular. Sobre este aspecto, a Procuradoria Federal dos direitos do Cidadão e o Ministério Público federal afirmam:

Os demais alunos, sem deficiência, para conviverem com naturalidade em situações como essas, devem, se necessário, receber orientações dos professores sobre como acolher e tratar adequadamente esses colegas em suas necessidades. Certamente todos serão beneficiados, tanto no aspecto humano como pedagógico com a presença desses alunos nas turmas escolares. (PROCURADORIA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO, 2004, p. 21)

O que pude constatar é que embora seja garantido por lei³⁹ o direito a inclusão, o processo de capacitação dos profissionais que se encontram tanto na escola regular quanto em algumas escolas especializadas ainda está em fase de construção do saber, e que é preciso que haja por parte da instituição escolar, espaço para a capacitação destes profissionais.

Sobre os procedimentos pedagógicos e as aulas de Arte

Pude observar durante todo o período de estágio que os alunos são muito interessados nas aulas de Arte. A professora busca os alunos quando estão com outra professora ou os aguarda na sala de arte, dependendo muito das matérias que os alunos têm anterior à aula, como exemplo, educação física, pois a quadra já se encontra em frente à sala de arte. Normalmente ela fica durante o recreio na própria sala organizando os materiais para a próxima turma. No último horário ela procura dar práticas que não demandem tempo extra, como a pintura, por já conhecer os alunos e saber que eles não vão ficar depois do sinal para ajudar a arrumar a sala. Normalmente, eles ajudam a professora no final de cada aula, para que a próxima turma possa utilizar a sala da melhor maneira possível.

³⁹ A constituição elege como um dos princípios para o ensino, a igualdade de condições de acesso e permanência na escola (art. 206, inc. I), acrescentando que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um (art. 208, V).

A professora estabelece vários acordos com as turmas, entre eles: não gritar para chamar a atenção de ninguém, levar para a sala de arte apenas materiais que servirão para a aula. Percebo que os alunos estabelecem e seguem estes acordos criados na sala de aula. Diante disto, observei que possivelmente a professora teve um olhar adquirido pela experiência naquela escola, com aqueles alunos, para propor estes acordos com os eles. À medida que o professor conhece os alunos e a escola em que trabalha, estabelecer acordos em conjunto com os mesmos se torna muito mais eficaz, porque se conhece bem que tipo de acordo irá ou não permear as práticas de convívio e aprendizado do conteúdo trabalhado. Dependendo do que cada aluno está fazendo, existe um lugar específico para se sentar (pintura em tela de um lado da sala, pintura em papel de outro). Quando os alunos se comportam de forma inadequada do combinado com a professora, eles permanecem durante os 50 minutos esperando o sinal bater, sem fazer nada. Pude ver que esta prática funciona muito mais do que impor outros castigos, pelo menos com estes alunos. Ficar calado, segundo a professora, é o pior castigo que os alunos dela podem receber, pois em geral eles são muito comunicativos. Nem mesmo os famosos “sermões” de mau comportamento a professora faz durante o tempo de espera. E incrivelmente, os alunos respeitam o momento de silêncio, porque sabem que possivelmente irão ficar sem atividades na próxima aula caso não respeitem o tempo de silêncio como consequência do mau comportamento.

Os trabalhos desenvolvidos no tempo em que permaneci na escola como estagiária foram pintura em tela, pintura em papel, montagem de uma peça de teatro, além de todas as atividades paralelas que aconteceram na escola, como excursões e gincanas. Durante todo o período de estágio houve eventos escolares que pude acompanhar, e durante estes eventos, normalmente os professores fazem projetos juntos, como olimpíadas, semana de jogos, entre outros. Se há uma vantagem na execução de atividades em conjunto por diversos professores, aproximando conteúdos transversais como cooperação, ética, respeito mútuo, observei que os professores não se organizam para que essas práticas sejam aproveitadas dentro de suas matérias específicas, aproximando os conteúdos desenvolvidos de forma coletiva na particularidade das aulas.

As aulas dadas pela professora são de um jeito diferente para cada turma e até mesmo sobre assuntos e práticas distintas umas das outras. Segundo a própria professora,

ela trabalha um aspecto das artes plásticas e da arte em geral de forma diferente com cada turma por acreditar que cada turma é única, tendo um ritmo e interesse particulares. A organização da professora e a preparação de aulas foram procedimentos didáticos que me chamaram a atenção. Percebo nitidamente que há um planejamento para cada turma. Maria Lúcia organiza, a seu modo, os projetos que desenvolverá com cada sala. Uma coisa é um professor planejar para duas turmas aulas de acordo com sua característica de grupo, outra é um professor fazer isso na mesma escola, com oito ou dez turmas, de 30 a 40 alunos por sala. Para uma iniciante na docência como eu, constatar esta complexidade pode assustar muito no primeiro momento, depois, quando pude perceber a naturalidade com que a professora faz isto, vi que é possível planejar aulas diferentes de acordo com o contexto em que estamos.

Refletindo mais sobre o assunto, vejo que o que faz um professor conseguir se organizar mentalmente e em questão de planejamento desta maneira é o tempo de experiência e constante estudo que este professor possui. Quanto mais eu apreendo aquilo que me proponho a ensinar, mais orgânico se torna ter opções, digamos, na “ponta da língua”, mais repertório no momento de planejar as aulas. Percebo que é um processo de construção, não só de experiência do professor, mas de tempo na escola, de conhecimento das suas possibilidades pedagógicas dentro da instituição. Desse modo, ela conhece com muita propriedade cada aluno e sua forma de ser.

O pesquisador Maurice Tardif (2012) nos diz sobre os saberes dos professores e afirma que o professor é um conjunto de vários saberes que provêm de diversas fontes. Esses saberes podem ser disciplinares, curriculares, profissionais (incluindo os das ciências da educação e da pedagogia) e experienciais. Partindo então deste último conceito, vemos que o tempo de experiência de um professor faz diferença no modo como ele ensina, tal como apontado abaixo:

Os próprios professores, no exercício de sua função, desenvolvem saberes específicos, baseados no seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses brotam da experiência e são por elas validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus*, e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos. (TARDIF, 2012, p. 38)

Pensando sobre esta fala de Tardif, posso perceber que na condição de estagiários, ou de professores iniciantes, muitas vezes deixamos a ansiedade tomar conta e esquecemos que boa parte da nossa profissão se dá a partir da experiência, e que não tem como conseguir da noite para o dia obter um conhecimento grande sobre o dia a dia da de uma sala de aula. Muitas vezes essa ansiedade se torna frustração de jovens professores que não superam suas expectativas de ensino nos primeiros anos de profissão.

Outro aspecto que também me surpreendeu na observação da professora de Arte foi a sua didática e o domínio do conteúdo que trabalha nas turmas. Os alunos têm espaço para propor e se expressar criativamente em cima da prática prevista da professora. Sua maneira de conduzir o pensamento artístico é muito sutil e mostrou-se eficaz. Penso que dificilmente eu conseguiria essa fluidez didática sem conhecer os alunos e a escola que trabalho. Já sabemos na teoria, e agora vi na prática, que quanto mais experiência, estudo e prazer, mais orgânico e natural pode se tornar a docência.

Um aspecto de crítica construtiva que faria à professora nos momentos que pude observá-la, seria o pouco conhecimento em teatro, digo isto porque ela se propõe a criar peças todo ano, mas de fato não vejo estudo sobre o fazer teatral. Claro que um professor de Arte não precisa nem deve querer ser especialista em todas as áreas artísticas, respeitando assim sua especialização, mas, a partir do momento que se dispõe a desenvolver uma área artística que não está dentro da sua especialidade, deve-se procurar saber mais sobre o que se está fazendo. Vejo o teatro ainda como ferramenta para outras áreas do conhecimento, ou aplicado de forma muito superficial, sem conhecimento de processo. O problema não é a professora ter essa visão rasa do teatro, até porque provavelmente a sociedade a formou com esse olhar, mas identifico o problema em permanecer com essa visão. Deve-se ir atrás das informações, das possibilidades, sempre em qualquer área do conhecimento que se propõe a ensinar.

Sendo a professora minha mãe, sei de informações a mais que as observadas na sala de aula. Sei por exemplo, que ela se formou na FUMA⁴⁰ (hoje ED-UEMG⁴¹) e me lembro de acompanhá-la na faculdade muitas vezes porque não tínhamos empregada em casa e não recordo de ver nenhuma prática relacionada ao teatro, até porque o curso era de Artes

⁴⁰ Fundação Mineira de Arte. Nome atribuído a antiga Escola de Design que abrangia diversas áreas artísticas, entre elas Artes Plásticas.

⁴¹ Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Plásticas. Sei também que por falta de tempo e de costume, ela não frequenta teatros, e nem estuda sobre o assunto. E com certeza sei, que o que ela aprendeu sobre arte e seu ensino há pelo menos 20 anos atrás não é nada parecido com a dimensão de arte-educação que temos refletido hoje na faculdade. Talvez ela não pesquise sobre, porque simplesmente não imagina que o universo teatral existe e é diverso. Ainda sim, se houvesse o interesse de aprofundar, ela descobriria, porque não se trata de uma criança em formação, mas de um adulto formado em uma posição de responsabilidade, ainda mais agora, que suas duas e únicas filhas escolheram como profissão o teatro, tendo ela em casa, duas pessoas que podem orientá-la de perto quando ela precisar.

Do mesmo modo que incomoda a professora Maria Lúcia outros profissionais e alguns alunos acharem que ensinar artes plásticas é simples e fácil, que pode ser feito de qualquer jeito, me incomoda a professora não pensar que o teatro também demanda tempo, práticas, estudo, valores, etc. É nítida a diferença de conhecimento, de procedimento e de didática dos conteúdos que ela domina para o teatro que tenta com muita boa vontade fazer.

Como a professora é minha mãe, eu estou empenhada em fazer com que ela agregue conhecimento da prática teatral na sala de aula. Pesquisa sobre cursos e oficinas sobre teatro a medida do possível e ela é muito aberta às coisas que indico. Por outro lado, nós jovens, temos que compreender muito bem os professores que estão há anos na escola pública, e tiveram outra concepção de arte. Além do que, no caso dessa professora, o interesse é enorme de aprender e percebo o incomodo da falta de domínio no assunto por parte dela. Contudo, é muito fácil, nós recém formados, envolvidos inteiramente no mundo acadêmico, julgarmos os professores sem analisar com muito cuidado o contexto de cada um. Percebo que assim como Maria Lúcia, a maioria dos professores que estão na rede pública há mais de 10 anos simplesmente não tem forças emocionais, nem incentivos da secretaria de Educação do Município para procurar uma reciclagem na maioria das vezes.

[...] profissão docente tem sido desprestigiada aos olhos dos outros e tem se tornado difícil atuar nas escolas, devido à ausência de um projeto coletivo da classe docente, que poderia contribuir para a afirmação social dos professores. Em sua perspectiva, ao longo do tempo, professores têm sido submetidos a processos de natureza histórica, social, política e pedagógica que parecem favorecer as mudanças na sua profissionalização e indagações sobre as funções exercidas por eles. A própria intensificação do trabalho do professor, a inflação de suas tarefas diárias e sobrecarga de atividades que têm sido observadas nas escolas, mostram que as situações enfrentadas pelos professores, no cotidiano

escolar, apresentam características e respostas únicas. Segundo NÓVOA (ibidem), há inclusive certa crença que uma das fontes geradoras de stress seja o sentimento do professor quanto à ausência de domínio das novas e inesperadas situações pedagógicas do atual contexto profissional. (BASTOS, 2009, p. 13)

A saúde física, emocional e intelectual dos professores muda muito de acordo com as experiências que passaram. Pelo menos no caso dessa professora, a satisfação em dar aulas ainda perdura, mas infelizmente a realidade para muitos é um desgaste tão grande que a satisfação já não existe. É exigido mais do que o professor pode dar conta sozinho, e alheado a desvalorização da profissão, o professor perde cada vez mais o interesse. Segundo Philippe Perrenoud (2011) nós vivemos em uma política educacional que se define pelo modelo da eficácia, onde o pragmatismo define que tipo de pesquisa sobre educação vai nortear e embasar as políticas que serão implementadas na educação. Perrenoud nos diz que o professor não deve trabalhar pela eficácia, ou seja, para cumprir metas, ou para por em prática pesquisas, mas sim pela satisfação. De acordo com ele, as pesquisas que vem sendo feitas na área da educação de fato não ajudam na prática dos professores que se encontram na educação básica, e entre os fatores que ele associa como causa desse problema é o descompasso entre pesquisa e prática em educação. Não é uma questão de comunicação, mas de como a coisa é feita. A forma com que as pesquisas estão sendo concebidas pelos pesquisadores nas Universidades dificultam a compreensão do professor que está dentro da escola básica, porque muitas vezes as pesquisas são reflexivas e não manuais, dificultando o entendimento destes professores. Ao dificultar o entendimento, perde-se o interesse, então, um material que foi pensando em orientar a ação, faz com que o professor se sinta incapaz de absorver todas as demandas e novos modos de educar que a sociedade propõe.

Vemos então que o problema começa anterior a sala de aula. Favacho⁴² nos apresenta alguns problemas chave que perpassam as condições que o professor enfrenta nas escolas. A Universidade, responsável pelas pesquisas que norteiam as leis, por um lado se mostra de certa forma salvacionista no âmbito da defesa, precisando se ajustar ao novo tempo. O professor da escola básica não tem incentivo para que ele mesmo pesquise, que tenha alunos envolvidos em suas pesquisas, assim como temos na Universidade

⁴² Informação verbal durante a disciplina Política Educacional, na Faculdade de Educação da UFMG, dada pelo professor André Favacho. 2014

(orientadores e bolsistas), o que faz com que o professor dependa dos pesquisadores que estão distantes da sua prática. O acesso à pesquisa vem de forma externa à prática do professor, quando na verdade, poderia ser ele mesmo a receber auxílio do governo para desenvolver suas próprias pesquisas na escola básica, e por último mas não menos importante, as condições de trabalho do professor são cada vez mais desfavoráveis. Espera-se que o professor permita seus alunos serem sujeitos em ação e em aprendizado na escola, mas o tempo de preparação desse professor para agregar novos modos de se fazer é muito inferior à demanda que a escola exige, ficando ele sempre na mesma concepção pedagógica. E por fim, o tempo de preparação para uma boa escuta e troca de conhecimento e aprendizado precisa ser proporcional a quantidade de alunos e turmas que se tem a cumprir numa escola. O tempo de planejamento é insuficiente para a demanda escolar e de turmas que o professor tem que cumprir.

Indiquei a professora (que como dito, também é minha mãe) uma oficina de práticas teatrais com a UMA COMPANHIA⁴³, voltada para professores de escola pública e ela se inscreveu. Indiquei porque um dos alunos é formado no curso de Teatro, além disso, conheço o grupo e proposta de trabalho do mesmo, que muitas vezes propõem oficinas voltadas para a docência. A oficina era durante a semana por isso ela não pôde ir todos os dias porque o horário da oficina batia com o horário de trabalho. Mais uma vez vemos que nem sempre a vontade do professor de reciclar seu conhecimento é possível porque o próprio sistema escolar não permite. É importante relatar isto neste trabalho porque uma resposta sutil sobre o que ela achou da oficina reflete muito essa diferença do olhar da arte de antes para o de hoje. Minha mãe descreveu para mim um dos jogos que aicineira aplicou nos alunos da oficina. Pareceram-me pelo relato dela, jogos teatrais enfocados na improvisação. Sobre essa prática o comentário da minha mãe foi: “Nossa as dinâmicas que ela deu são muito legais”. Esse comentário a meu ver é extremamente importante para refletirmos sobre a diferença de ensino da arte dos anos passados para os dias de hoje. Podemos concluir, portanto, que a especialização é muito importante e faz diferença na

43 A UMA Companhia é um dos principais grupos de teatro brasileiros que se dedicam à prática e à difusão da improvisação teatral como espetáculo.

hora de ensinar e aprender um conteúdo. Em Belo Horizonte, como a graduação⁴⁴ em teatro é relativamente nova (16 anos) os alunos que formam com um diploma em teatro estão começando a ir para as escolas agora. Alguns poucos já se encontram na sala de aula pondo, ou tentando por em prática o universo da pedagogia do teatro que aprenderam no curso.

Ainda sobre conduta e conhecimento do professor ao exercer sua profissão, relacionando conosco, estudantes de teatro, artistas e futuros docentes, penso que nosso dever enquanto professores e artistas é permitir que o aluno possa se expressar e vivenciar a arte no processo de construção de seus saberes e em seu desenvolvimento enquanto sujeito social. Podemos desenvolver atividades que sejam tanto educativas quanto artísticas, sem precisar separá-las na prática, dicotomizando-as.

O resgate das origens do Teatro no Brasil nasce estabelecendo uma clara aproximação com a pedagogia [...] o teatro surge como forma de catequização. No entanto não é novidade que o teatro contribui para a formação do indivíduo. A figura do professor-artista [...] surge a fim de romper os preconceitos que tendem a distanciar arte e pedagogia, sendo que sua atuação vai além do equilíbrio entre estas áreas. [...] O professor-artista mantendo-se comprometido com a educação e o ensino da linguagem cênica atua também como artista na escola. Ele busca o desenvolvimento de práticas teatrais que permitam sua atuação de forma plena, ou seja, sem desvincular-se das responsabilidades pedagógicas, atua como diretor teatral, ator, produtor, figurinista, cenógrafo, sonoplasta, etc. com o objetivo de desenvolver um processo criativo, dialógico e transformador, através da apreciação, da prática, do estudo e da aprendizagem da linguagem cênica. (DEBORTOLI, 2014, p.93)

Nesse sentido, podemos nos considerar Professores-artistas. Além de ter a noção de que ensino de Teatro pode ser educativo e artístico, ainda devemos nos lembrar de dar liberdade aos nossos alunos na hora dos processos artísticos, senão corre-se o risco de ficarmos fechados a vertente teatral que decidimos seguir enquanto artistas, tendo como consequência, um ensino de teatro que preze apenas o interesse pessoal do professor.

É natural que ensinemos aquilo que mais gostamos, no nosso caso, professores de teatro, e profissionais da arte, é compreensível que ensinemos o tipo de teatro que mais gostamos de fazer, e que, portanto, mais dominamos em termos de conteúdo e prática. Porém, é preciso que o aluno escolha aquilo que mais lhe apetece dentro da área do

⁴⁴ Apesar de antes do curso de graduação ser criado já houvesse professores de teatro dando aulas nas escolas públicas, somente a partir da graduação é que os professores tem a possibilidade de ter um diploma de ensino superior em teatro.

conhecimento proposta, neste caso, o teatro. Paulo Freire (2002) nos diz que ensinar exige respeito aos educandos. Ele ainda vai mais a fundo ao dizer que devemos o direito aos educandos de ser autônomos.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinha o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. Tanto quanto o professor licenciado rompe com a radicalidade do ser humano - a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 2002, p.35)

Para que o aluno tenha reais chances de escolhas, é preciso que o professor-artista ofereça uma gama de possibilidades, de ferramentas para pesquisa, para que ele próprio tenha essa autonomia artística e possa propor e experimentar aquilo que mais lhe chamou atenção. Cabe então ao professor-artista, estar aberto para as propostas que virão dos alunos, se adaptando e se redescobrendo enquanto professor e artista a todo o momento.

As dez horas de regência: Tecnologia, teatro e pesquisa na escola

A pedido da professora, fiquei responsável por ensaiar a peça que os alunos de uma turma do sexto ano estavam montando. A história se chamava “O julgamento do chocolate⁴⁵”. Como o tempo era curto, e as circunstâncias escolares não facilitavam um processo mais contínuo, o ensaio se resumiu em decorar as falas e determinar posições, pois os alunos já estavam fazendo desta maneira, e como tinha poucos dias para a apresentação, por mais que eu tentasse, não dava para mudar a forma como eles estavam ensaiando, além do que o trabalho não era meu. Penso que se tivesse sido pensado de maneira diferente no início da proposta, seria possível fazer um teatro prezando mais o lado processual, mas como peguei a turma já desenvolvendo um trabalho, na condição de estagiária, fiquei

⁴⁵ Livro de Alexandre de Castro Gomes, Editora Baobá. Fala sobre o preconceito e alimentação saudável.

limitada ensaiar os alunos apenas. O processo de ensaio foi bem conturbado por tantos eventos escolares e faltas dos alunos. O comportamento da turma também oscilou muito durante todo o tempo. À medida que foram dominando mais as ações e os textos, ficaram mais livres para proporem e criarem coisas diferentes. Ai o interesse deles aumentou muito. Uma das mudanças que considero significativa nesse processo foi o fato de muitos alunos ficarem responsáveis por outras instâncias que envolvem o fazer teatral que não somente a atuação, como cenário, figurino, sonoplastia.

Em um caso especial, a professora depois de muito tentar, resolveu que o aluno mais bagunceiro da sala não faria mais a peça justamente porque ele não estava se comportando, como já se é esperado pela escola inteira, e outro menino faria seu papel. Disse que como responsável por ensaiá-los, não tomaria essa decisão e que daria mais uma chance para ele, porque comigo, foi a primeira vez que ele não tinha respeitado o trabalho que estava sendo desenvolvido. Tomei essa atitude porque a maioria dos professores se deixa levar pelo comportamento dos alunos em outras aulas e não possibilita que o aluno desenvolva uma nova relação na sua aula. O fato de ele ser bagunceiro nas outras aulas não quer dizer que ele seria na minha. Perguntei para ele se queria continuar fazendo e ele disse que não. Disse para ele que estava tomando essa decisão e não sendo obrigado a deixar a peça. Claro que disse que ele teria que fazer outra coisa no horário da aula e que eu não ia escolher para ele o que deveria fazer, teria que escolher sozinho, para aprender a ter responsabilidade sobre as escolhas que faz. Ai ele disse: “Eu desenho”, e eu retruquei “o que vai desenhar? Tem a ver com a aula? Terá uma continuidade nesses desenhos? Quando vai me entregar?” Ele não respondeu e eu esperei o momento mais propício para voltar a tocar no assunto. Dentro desse mesmo raciocínio, perguntei um por um na turma se ainda queriam fazer a peça. Todos disseram que sim. Perguntei quem queria fazer o papel deste aluno e quatro alunos que não tinham nenhum papel na peça levantaram a mão mostrando interesse. Deixei os quatro fazerem o mesmo personagem, mas durante os ensaios, os alunos acabaram desistindo, faltando, ou se interessando por outras coisas que envolviam a montagem, como a sonoplastia, por exemplo. Deixei então que trocassem de função.

Ao longo do ensaio, três alunos, incluindo o dito bagunceiro, perguntaram se eles não podiam ser meus assistentes e desenhar o cenário. Aproveitei a oportunidade e disse que poderiam, que seria ótimo, porque isso também é participar da peça. Pedi para

proporem ideias de cenário, e de como iriam fazer. Ficaram muito empolgados, e posso dizer que de todos os alunos, estes foram os mais empenhados, porque tiveram a oportunidade de se expressarem artisticamente, e não de executar algo programado pelo professor. Além do que, o sentido de coletivo, ganhou outra conotação, pois agora eles poderiam refletir que um coletivo nem sempre precisa que todos dentro dele desempenhem o mesmo papel ou função.

No plano do coletivo, o teatro oferece, por ser uma atividade grupal, o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção. No plano físico e motor, o teatro explora a capacidade individual do aluno, considerando todas as limitações que por ventura tenha, igualando o indivíduo a todo o grupo. (SILVEIRA, 2008)

Durante os ensaios pude perceber também que embora eu quisesse que eles participassem ativamente do que estavam fazendo, é muito difícil transformar o que já começou sob uma determinada perspectiva diferente da minha. Vi-me quase que obrigada, devido às circunstâncias e ao comportamento dos alunos, a fazer o papel de uma diretora que manda e o resto obedece. Admito que embora tenha conhecimento teórico sobre maneiras mais “pedagógicas”, mais respeitosas de proporcionar um processo artístico, ainda tenho pouca prática, e, aliado à condição de estagiária, não soube ensaiar os alunos de outra maneira. O primeiro comportamento de minha parte ao ver os alunos faltarem, mostrarem desinteresse, conversarem, e fazerem bagunça foi de querer impor a eles o conceito de bom comportamento, como se isto fosse estimular a vontade de aprender e viver teatro neles. Volto a dizer que o interesse durou pouco e acabaram se comportando como nas aulas de outras disciplinas, como se esperassem sempre o professor dizer o que fazer e executarem as tarefas de má vontade.

Como esperado, no dia da apresentação muitos alunos faltaram, sendo substituídos por outros colegas, o que me faz pensar que o processo poderia ter sido desenvolvido sem personagens fixos. Como meu papel era apenas ensaiar a turma, não pude conduzir o processo desde o início, como queria. O teatro foi muito bem recebido pelo público, pude perceber isto pelos comentários gerais de professores e alunos. Porém, para mim, não está dentro do que eu acredito no ensino do teatro e me preocupou muito os elogios que recebi.

Não fiz absolutamente nada de diferente do que a professora já faz na escola, mas por ser uma pessoa diferente, dita “experiente no assunto”, por professores e diretores, a apresentação tomou proporções que nunca existiram. Ouvi a supervisora dizendo que foi “coisa de profissional”. Isso me chateou muito, porque estando dentro do meio teatral, posso afirmar que não foi profissional no sentido de rigor técnico e responsabilidade consciente, nem foi uma oportunidade de experiência do ato criativo por parte dos alunos. Já que não propuseram e nem se envolveram o suficiente para esta tomada consciente do fazer artístico, a maioria apenas executou o que eu solicitava.

Por outro lado, houve momentos de surpresa para os alunos em relação à prática teatral. Em poucos momentos pudemos fazer práticas que os levaram a um teatro até então desconhecido por eles. Um dos alunos disse: “não sabia que teatro era melhor que educação física”. Penso que educação física seja uma das poucas disciplinas que os alunos se sentem a vontade para praticar aquilo que gostam e experimentar mais dentro daquilo que os apetece. Percebi através da fala deste aluno que para ele existe prazer na aula de Educação física, mas nas outras disciplinas, nem tanto. Isso mostra que apesar de não ter ficado satisfeita com a prática teatral desenvolvida, alguma coisa modificou no que eles já vinham fazendo. Mais uma vez percebo que iniciantes da docência tem muita expectativa, e vão querendo fazer grandes mudanças, digo isto por mim e pelos meus colegas de faculdade que enfrentam os mesmos questionamentos que eu. Agora olhando a prática com mais calma, estando fora dela, consigo perceber que as pequenas mudanças ocorrem, e que são significativas na formação de um indivíduo quando são somadas ao longo do tempo.

Todo este relato sobre o meu período de estágio se torna fundamental para adentrar especificamente no tema deste trabalho. O leitor poderá compreender mais de perto todo o contexto em que a prática foi desenvolvida, as reflexões que fiz, os erros que cometi e a aprendizagem que adquiri.

Em fim, o projeto: Muitas ideias, pouca possibilidade de prática

Um dos requisitos da disciplina Análise da prática de estágio em Teatro III na época era disponibilizar uma quantidade de horas obrigatórias do estagiário em projetos de

intervenção⁴⁶. Bom, o meu projeto surge de uma pergunta feita por mim para os alunos no primeiro dia de estágio, que será relatada mais adiante. Observei muitas turmas, mas acabei me ocupando mais com os alunos que ensaiavam a peça de teatro.

Com toda a empolgação de iniciante, no primeiro dia que fui designada a ensaiar os alunos para a peça já mencionada no tópico anterior, fui logo propondo a eles que o processo de ensaio e de criação restante - já que o processo estava iniciado - poderia ser bem livre, que eles poderiam escolher como gostariam de atuar, que tipo de teatro eles gostariam de fazer. Percebi que não obtive resposta da turma, nenhuma ideia, então resolvi fazer a pergunta que deu origem ao projeto: “Alguém aqui já foi ao teatro?” Para minha surpresa, ninguém levantou a mão, e continuei: “Vocês conhecem o Grupo Galpão?” Nenhuma resposta. “Vocês conhecem algum grupo, já ouviram falar na Campanha de popularização do teatro e da dança?” Nada. Uns segundos depois um dos alunos disse: “Ah eu já vi uma na escola...” Outro aluno se manifesta: “Ah eu também, mas era infantil...” Depois dessas respostas, ou desses silêncios, eu pensei: “como eles poderiam escolher o tipo de teatro que queriam fazer se não conheciam absolutamente nada sobre teatro, pelo menos em questão de apreciação e teoria?” porque sei que todos eles têm dentro de si uma ideia de como seja fazer teatro, assim como eu tinha na idade deles. Tanto tinham que até estavam ensaiando um.

Imediatamente lembrei-me dos meus primeiros contatos com o teatro, e de como a falta de reconhecimento do teatro como uma área do conhecimento me incomodou anos mais tarde, quando finalmente descobri o universo teatral. De forma alguma meu intuito era formar artistas, atores e atrizes, acadêmicos em teatro na escola pública, porque acredito que o papel da arte na educação básica é proporcionar uma experiência de viver a arte, não de ser uma disciplina profissionalizante.

Mas, como dar uma disciplina que os alunos não fazem noção do que seja? Acredito que o teatro possa sim ser uma ferramenta para outras disciplinas, mas não é somente isto, e como professora da área eu não gostaria de ficar limitada a isso. Além disso, podemos perceber que o universo teatral ainda pertence muito a quem o faz, porque a incidência de desconhecimento completo das produções teatrais da cidade e região é muito alta, o que nos

⁴⁶ Segundo o professor proponente desta ideia, um projeto de intervenção poderia ser qualquer atividade artística em Teatro, ou em conjunto com o professor de arte da escola que fosse extraclasse.

faz pensar: os artistas não estão indo onde o povo está, ou estão indo e não estão sendo percebidos/valorizados? Porque não formar alunos que saibam que esse universo existe? De fato arte está sendo negligenciada dentro do processo de democratização do saber da humanidade, porque não é interessante para o poder que as pessoas conheçam arte. Não foi em vão que segundo Charles Feitosa⁴⁷ Platão condenava a mimese ao seu povo, por que via na arte potencia para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, que não era bom para quem está no poder e rege uma sociedade onde quem deve pensar e refletir são os poderosos, não a massa. Como proporcionar uma experiência de vivência artística a partir do teatro sem consciência de que teatro é mais que interpretar um papel?

Questionei-me sobre tudo isto e fiquei pensando no que eu poderia fazer na posição de estagiária para que, de alguma forma, essa falta de conhecimento fosse amenizada. A primeira coisa que pensei foi: Como posso reunir o maior número e diversidade de material relacionado ao teatro? Já que não tem como eu levar os alunos até o teatro, vou levar o teatro a eles. Tinha a preocupação de fazê-los ver diferentes modos de se fazer teatro, então pensei em recolher vídeos, mesmo que um registro de uma peça não seja o mesmo que assistir a uma peça. Onde encontrar material? Na internet, é claro. Imediatamente comecei a confabular planos de projetos incríveis, que incluíam até uma ida ao teatro com os alunos. Obviamente a realidade deu aquele beliscão no meu braço e eu acordei para as reais possibilidades que eu tinha inserida naquele contexto. A professora de arte não colocou nenhum impedimento para que a minha proposição fosse colocada em prática, então tratei de sistematizar como eu faria essa inserção do universo teatral por meio de vídeos aos alunos.

Lembrei então que como em toda escola, havia uma biblioteca disponível aos alunos. “Vou criar uma videoteca!” Um compilado de material em vídeo aliado a informações prévias sobre o conteúdo dos vídeos e dos grupos ou atores que neles aparecem. Inicialmente pensei em fazer isto juntamente com os alunos, porém, o estágio III foi prejudicado pela greve que a UFMG passou em 2012, então o ano letivo nas escolas públicas já estava prestes a acabar, não sendo possível, portanto, que eu fizesse a videoteca

⁴⁷ Informação verbal dada pelo filósofo Charles Feitosa (PPGArtes/Unirio) no sexto encontro intitulado Ética e estética, do III fórum de Teatro: Formação e Mercado de Trabalho, ocorrido na UFMG. 2013. Segundo ele, Platão ecoa em nós todas as vezes que dizemos ou ouvimos: Para de fazer arte menino!

com a ajuda dos alunos. Ter um material de teatro, mesmo que sem a ajuda deles, é melhor do que não ter nenhum, então dei continuidade ao meu projeto.

A proposta deste projeto⁴⁸ foi de angariar e armazenar vídeos em 60 horas de pesquisa e gravação dos conteúdos. Este armazenamento foi feito em DVDs que foram separados por tema ou linguagem⁴⁹: Teatro de formas animadas (32 vídeos); Teatro gestual (10 vídeos); Improvisação (4 vídeos); Teatro de rua (8 vídeos), Solo narrativo (4 vídeos) e palhaço (10 vídeos). Em cada DVD tem uma breve explicação sobre cada vídeo nele contido, tendo informações sobre seu autor, e contexto teatral.

Este material foi disponibilizado na biblioteca da escola, para que os alunos tivessem mais acesso as produções artísticas não só do Brasil, além de conhecer mais a história do Teatro e suas diversas linguagens através dos vídeos. Propus este projeto com a ideia de que os alunos sabendo que existem diferentes modos de se fazer teatro, posteriormente, ou concomitantemente a isto, eles pudessem entender também na prática, essa diversidade teatral.

A meta seriam gravar 20 vídeos, mas acabei armazenando 68 vídeos, ultrapassando as 60 horas previstas. O material foi apresentado aos alunos na sala de vídeo, e foram escolhidos de um a dois vídeos de cada linguagem, exceto de formas animadas, que devido ao grande número de variedades, teve exibição de quatro ou cinco vídeos.

Os alunos ficaram no primeiro momento alheios ao conteúdo dos vídeos, porque sair da sala de artes e ir a sala de vídeo para eles já era um evento, então se dispersavam demais. Conquistada a mínima disciplina necessária para assistir os vídeos, os alunos aos poucos foram ficando empolgados com o que viam, e conseguiram após a exibição, dentro de um debate proporcionado por mim e pela professora, relacionar os vídeos entre si e estabelecer as semelhanças e diferenças entre eles, e entre as formas de se fazer teatro.

Na faixa etária desses alunos, que varia de 11 a 13 anos, e principalmente estes alunos, que ao mesmo tempo em que apresentam comportamentos voltados pela vontade de serem adultos, estão brincando de elástico no recreio, a exibição dos vídeos foi, no mínimo, curiosa. O fato é que tiveram uma resistência ao verem vídeos de teatro de objetos, de bonecos, porque mostrar interesse por isto seria ser, na concepção de um deles “criança

⁴⁸ Na íntegra em anexo.

⁴⁹ Na íntegra em anexo.

demais”, apesar de que, ao vivo, acredito que o interesse seria diferente. Não tenho condições de dizer que seria melhor nem pior, mas seria diferente. Rapidamente, como uma boa estrategista, utilizei da informação dada pelo aluno e a usei ao meu favor. Há um vídeo de Philippe Genty⁵⁰ em que um boneco palhaço se mata cortando as próprias cordas que fazem o manipulador dar vida a ele. O silêncio foi geral pela turma nesse momento. Eles ficaram impressionados, porque não esperavam que bonecos pudessem se matar. Depois disso o interesse pelo conteúdo dos vídeos aumentou bastante, principalmente quando chegou à improvisação.

A improvisação causa muita agitação nos alunos. Refletindo sobre isto, penso que a improvisação é bem aceita porque é algo que eles aprenderam a gostar. É fácil achar na internet e TV os jogos de improvisação. Isso nos faz pensar que o acesso a informação estimula sim o interesse sobre aquilo que se dispõe a ensinar. Mais uma vez vemos a internet ajudando nesse sentido. É algo próximo deles, porque está nas redes sociais, e, além disso, tem o fator da comédia que influencia no gosto popular por essa forma de expressão artística.

Acredito que o incentivo visual funcionou muito com os alunos. Depois da exibição muitos pediram para jogar jogos de improvisação. Eu nem precisei dar comandos, um dos alunos empolgadíssimo e amante da arte foi logo liderando a turma e já sabia exatamente o que fazer. Aliás, todos eles sabiam como era improvisar, mas, diferente do início do estágio quando responderam não conhecer linguagens teatrais, eles tinham agora a consciência de que improvisação é também teatro. Esse momento significou muito na minha formação como professora, porém, fiquei preocupada porque provavelmente eles não iriam por vontade própria à biblioteca ver o que mais tinha naqueles DVDs porque a experiência não foi suficiente, na minha concepção, para criar raízes de interesse em teatro. Tenho consciência de que o projeto que idealizei demandaria pelo menos um ano para ser bem desenvolvido, contudo, quis iniciar o projeto mesmo assim, por achar que mesmo pouco, já estava valendo para transformar a visão de pelo menos um dos alunos sobre teatro.

Como estagiária o que eu poderia fazer naquele momento era esperar que a professora de artes continuasse o projeto, e fizesse com que ele crescesse dentro da escola.

⁵⁰ Philippe é um dos maiores mestres do ilusionismo teatral deste século. Nascido em 1938, é considerado o criador do moderno teatro de fantoches em todas as suas dimensões.

Por outro lado, a professora trabalha com artes visuais, então o projeto seria levado em segundo plano, mesmo que ela também trabalhe com o teatro. Outro fator já mencionado é a falta de conhecimento da professora na área, ou seja, ela teria que primeiro estudar sobre os conteúdos dos vídeos para depois saber conduzir o projeto com os alunos. Mesmo ela tendo o interesse em estudar, isso levaria um tempo, e durante esse tempo, os vídeos ficariam parados, porque os alunos não têm costume de frequentar a biblioteca a menos que mandem.

Uma coisa que aprendi na escola básica, é que tudo leva o dobro do tempo para acontecer em relação ao tempo normal. Uma prática teatral feita com atores, como jogos teatrais, por exemplo, demora o dobro do tempo se feito na escola. Um projeto como este para alcançar seus objetivos gastaria pelo menos um ano de trabalho com os alunos, até porque em 50 minutos, os professores já fazem verdadeiros milagres para darem práticas artísticas. Mais uma vez podemos questionar: o processo pedagógico que aprendemos na universidade, em teoria, na vida real é possível de ser realizado? É possível fazer determinadas práticas artísticas em 50 minutos? Estamos então limitados ao que vamos ensinar em arte pelo fator tempo? Muitas perguntas que eu só poderia responder depois de mais alguns anos dando aulas. Cada vez mais aprendo que tudo deve ser considerado ou ponderado de acordo com o contexto que se vive, por isto mesmo, não sei se estas perguntas teriam respostas tão fechadas.

Acabei o meu estágio com a sensação de que aquele material idealizado com tanto esforço ficaria empoeirado na biblioteca como o resto dos livros. Por outro lado, o projeto só foi possível com o advento da internet. Ver um vídeo de produções artísticas que são feitas na França, por exemplo, antigamente só seria possível se tivéssemos um amigo que tivesse esse material raro, ou se fossemos até a França. É incrível pensar que mesmo não sendo exatamente o que aconteceu ao vivo, se considerarmos que a obra de arte é mais do que o estímulo sonoro e visual, mas também energético, ter essa possibilidade pode ser significativo para o aprendizado de muita gente. Segundo Loyola (2009), os professores devem se atentar a essas novas tecnologias e apresentá-las aos alunos, uma vez que a interatividade implica em experimentações que agregam potencialidades para a construção de conhecimentos. A escola hoje permite, tendo consciência ou não, que práticas contemporâneas façam parte do processo de ensino dos que estão inseridos nela, e isto é um

avanço muito grande. Digo dos que estão na escola, porque o ensino e a vivência acontecem com todos que estão inseridos dentro dela, isso inclui os próprios professores.

O retorno

Quando comecei a fazer a disciplina de Pesquisa em Artes Cênicas⁵¹ em 2013, não tinha ideia do que iria pesquisar para a minha monografia. Em geral, todos os alunos do curso reclamam muito dessa disciplina não ser introduzida mais cedo dentro do curso. Compartilho dessa mesma opinião porque poderíamos desde o primeiro estágio já olhar a prática com os olhos voltados para uma linha de pesquisa, que poderia ser desenvolvida não só no quarto estágio, mas em todos eles. Alguns cursos de graduação em Teatro no Brasil prevêm esta disciplina mais cedo na grade curricular, como o curso da Bahia (César Lignelli)⁵².

Mesmo assim, não demorou para que o meu interesse em pesquisar mais sobre os estudos que a Iniciação Científica sobre Teatro e Internet me proporcionou viesse à tona. Então decidi que iria pesquisar a prática de estágio III que já havia feito antes de começar a iniciação. Sem saber, fiz uma prática na escola que tinha muita ligação com o meu objeto de pesquisa na Iniciação Científica um ano mais tarde. Resolvi aprofundar essa pesquisa também no campo da educação na escola pública, até porque eu já tinha a prática para ser analisada.

“Uni a fome com a vontade de comer”, já que aquela experiência com os alunos ainda repercutia em mim. Decidi que iria dar continuidade ao projeto, agora um pouco mais completo, mesmo que como voluntária na escola. Contudo, como a decisão por essa pesquisa veio tarde, novamente os alunos já estavam terminando o ano letivo e, além disso, a professora já estava com trabalhos para serem desenvolvidos com os alunos, de modo que eu pude ter apenas dois novos encontros com eles, em uma turma que já me conhecia, mas ainda não tinha tido um trabalho mais específico com a videoteca. Resolvi usar isso ao meu favor, e assumi um novo tipo de presença, não física, mas a digital com esses alunos. Outro fator complicador nesse caso, é que mesmo a escola sendo muito aberta a minha presença,

⁵¹ Disciplina obrigatória na grade curricular do curso de Teatro e tem como objetivo de auxiliar os alunos a escreverem seus projetos de pesquisa para a monografia.

⁵² Informação verbal dada por César Lignelli (UnB/DAC) no primeiro encontro intitulado Habilidades necessárias ao profissional das Artes Cênicas para sua atuação no mercado de trabalho atual, do III fórum de Teatro: Formação e Mercado de Trabalho, ocorrido na UFMG. 2013

ter uma pessoa de fora dando uma prática dentro da escola pode ser bem complicado juridicamente falando, no sentido de ser complicado para a escola, aceitar uma pessoa de fora, dando aulas, desenvolvendo projetos, ainda mais se tratando de crianças, a situação com a comunidade escolar poderia não ser amigável, por isso preferi evitar uma situação desconfortável para a escola, pois hoje é muito comum diretores e professores serem processados por diversos motivos. Isso motivou a minha escolha por estar presente na internet, além do que, nada mais coerente com o meu projeto.

Vemos que a educação a distancia já está muito presente nos cursos superiores, mas não sei se seria válida uma presença virtual do professor no processo de educação de crianças, contudo, nesse caso, como não sou a professora dos alunos, e sim uma proponente de um projeto extraclasse, esse contato distante pode ser experimentado também na educação básica.

Pensei mais no meu projeto antigo, e em toda a pesquisa desenvolvida na Iniciação Científica e vi que poderia complementar mais as etapas e objetivos do projeto. Mesmo que nessa escola eu não pudesse colocá-lo totalmente em prática, já teria um esboço de proposta de inserção da tecnologia nas práticas teatrais dentro da escola pública para futuros projetos.

Relembrando a experiência com os alunos, percebi que o envolvimento deles com o tema poderia ser estimulado pela própria tecnologia. Se antes eu a inseri na minha prática de modo intuitivo, agora eu tinha domínio do assunto para propor novos desafios. Percebi que poderia ter acesso aos alunos via *facebook*. Além de toda a ideia inicial da videoteca, agora o projeto tinha também como proposta, criar um grupo no *facebook* com os alunos do último ano escolar⁵³, para que eles pudessem continuar tendo acesso aos materiais mesmo depois que fossem para uma nova escola. A ideia era continuar a pesquisa da videoteca pela internet, pela rede social, onde cada vídeo sugerido pelos alunos no grupo seria avaliado e depois agregado à biblioteca da escola. Depois de um tempo de estudo sobre os vídeos, proporíamos uma nova categoria que seria justamente o teatro na internet, que como já vimos, já é considerada por muitos grupos e pensadores de teatro, incluindo grupos que trabalham exclusivamente por meio de plataformas digitais.

⁵³ A escola René Chateaubriand Domingues só possui turmas até o sexto ano do ensino fundamental.

Sobre essas plataformas digitais, temos outra questão para ser pensada no campo da inserção da tecnologia, da internet as práticas artísticas na escola. O *facebook*, assim como *emails* e quase toda a internet, tem uma idade mínima para seus usuários, que é a idade legal acima de 18 anos. Como propor um grupo com alunos menores de 13 anos? O fato é que isso independe do meu projeto, porque a maioria dos pré-adolescentes hoje tem páginas na internet com idades falsas. Podemos ver aqui que o mundo digital está muito sujeito à falhas de identificação, onde é sempre muito fácil burlar o sistema. Na teoria, nenhum menor de idade pode ter uma página no *facebook*, ou *emails*, mas na prática não é assim.

Na minha concepção, ignorar esse fato não ajudaria em nada e nem faria com que os alunos cancelassem suas contas no *facebook*. Não podemos ignorar que as novas gerações são cada vez mais pertencentes ao universo digital, e não aceitar isto, pode ser considerado um retrocesso no ensino. Não que tenhamos que aderir um universo no qual não acreditamos que nossa prática artística seja realizável, mas ignorar esse fato pode anos mais tarde, ser bem difícil, assim como vemos muitos professores de longa data que simplesmente não conseguem atualizar suas práticas para os dias de hoje. Digo em relações a coisas sutis como exemplo, o diário de classe, que hoje é digital. O professor que se nega a isso terá mais dificuldades em se relacionar com o resto do sistema. Loyola (2009) nos diz que com a difusão dos dispositivos tecnológicos, ninguém fica de fora, nem mesmo quem é excluído do processo por não querer ou não poder participar. Por que não utilizar dos materiais disponíveis na internet sobre teatro? A diferença está em como você aborda esses materiais. Se conseguirmos unir as novas tecnologias, principalmente ligadas ao teatro, com a noção de que nada substitui apreciar uma peça ao vivo, em presença física, estamos caminhando muito bem com o velho e o novo. Se bem que essa noção de velho e novo nos dias de hoje já não se encaixa muito, porque o teatro está em constante renovação, chegando até mesmo, a apresentar vertentes exclusivamente transmitidas pela internet. Em muitos países, incluindo o Brasil, já existem propostas de espetáculos que são totalmente transmitidos pela internet. Um dos mais conhecidos em Belo Horizonte é o espetáculo de formatura da turma de atores de 2012 do CEFAR⁵⁴, chamado *Play Me* onde o público existe ao vivo, mas existe também pela internet, em transmissão ao vivo por uma plataforma chamada *Livestream*. O interessante, é que o espetáculo é executado para o

⁵⁴ Centro de Formação Artística.

público presente fisicamente, e depois apresenta sessões exclusivamente para a transmissão *online*, sem nenhum público local. Outro grupo já mencionado aqui é o Teatro para Alguém, que só possui peças na internet. Algumas são transmitidas em tempo real, e depois ficam disponíveis no site do grupo. Ambos os exemplos são práticas teatrais muito polêmicas, porque associam ao teatro outra noção de presença, a presença virtual. Pensando ainda sobre a noção de novo e velho, percebemos por fim que o importante é não ligar a noção de velho a uma coisa que não serve mais, ou que é ruim, e igualmente ligar a noção de novo, a algo que é melhor. O teatro surgiu na Grécia e se renova a cada dia, podemos dizer de uma forma descontraída que nunca “sai de moda”. No mundo digital, o novo amanhã já é velho, outro fator que reflete e muito na sala de aula. O tempo de envolvimento dos alunos é muito curto, uma prática de mais de três dias no mesmo tema para os alunos se torna absurdamente entediante. A busca pelo novo, pela informação é gritante nos dias de hoje, e nossos alunos fazem parte dessa realidade. (Santaella) ⁵⁵ “os atores não precisam ter medo, o teatro não acabou e nem nunca vai acabar ou morrer com o advento de novas tecnologias e de novos tempos”.

Caminhando com o projeto, eu teria que começar de algum lugar, então organizei os dois encontros presenciais que eu teria com os alunos da seguinte maneira: rerepresentar os materiais já coletados a nova turma⁵⁶, explicar um pouco, estimular o interesse e depois, no segundo encontro, explicar melhor como seria a proposta do grupo no *facebook*.

No primeiro encontro conduzimos os alunos para a sala de vídeo, a professora e eu e como de costume, os alunos estavam muito agitados. A professora precisou se ausentar a pedido da direção e eu fiquei sozinha com os alunos. Nesse dia, eu me apresentava um pouco impaciente e intolerante, o que nos lembra que antes de professores, somos pessoas, e que o nosso humor ou ações externas interferem na sala de aula. Tardif (2012) diz que a personalidade do professor interfere na aula, sempre, e nesse caso, não seria diferente. Mesmo um pouco impaciente, pedi aos alunos que ficassem em silêncio para que pudéssemos ver os vídeos.

⁵⁵ Informação verbal durante um encontro dos alunos de Pós-graduação da UFMG com Lúcia. Palestra realizada em 2013, intitulada A arte digital pode substituir as artes da presença?

⁵⁶ A turma que participou da primeira etapa do projeto já não estudava mais na escola, pois se tratava do sexto ano. A nova turma de sexto ano ainda não conhecia totalmente o material, apenas alguns alunos dessa turma chegaram a ver os vídeos quando estagiei na escola porque estavam na aula de educação física em grupos livres, então a professora permitiu que um grupo fosse ver os vídeos.

Em dado momento, os vídeos começaram a ficar com o áudio atrasado em relação à imagem, devido a uma incompatibilidade de formato entre o vídeo e o aparelho de DVD. Esse é um ponto muito cruel da tecnologia, porque nós simplesmente não conseguimos controlar os imprevistos tecnológicos, em geral, depender exclusivamente da tecnologia pode ser um problema. A mesma coisa com a internet, se não tem sinal, não tem relação entre o que se encontra na plataforma virtual e o espectador. A reação dispersa dos alunos foi geral nesse momento, o pouco silêncio que eu tinha conseguido com a turma de desfez, eles definitivamente não estavam interessados, e pela falta da professora, da real autoridade, eles nem ao menos disfarçavam o desinteresse. Apesar de já conhecerem o que seria trabalhado, uma vez que a professora conversou previamente com eles sobre o projeto, os alunos não se mostraram receptivos, mesmo que no momento da explicação da professora, todos tenham aceitado a ideia de bom grado.

Mudei o foco e como eles já tinham tido uma pequena ideia do que seria o projeto eu comecei a falar do grupo no *facebook*, e pedi que eles passassem uma lista com os nomes, *emails* para que pudéssemos criar o grupo. Pedi um dos alunos para ficar responsável por convidar todos da turma. Os alunos acharam o máximo, se empolgaram, como se eu fosse conhecer uma parte deles que só é possível conhecer a partir da rede social. Eles se sentem mais únicos com a rede, foi a impressão que tive.

Quando as pessoas participam online de uma comunidade virtual, estão ali para responder umas as outras. Nesse sentido, uma comunidade virtual, as pessoas estão ali por você, para responder a você. Isso se torna uma fonte importante de atração. As comunidades virtuais podem ser como bares, bistrôs, cafés. Não possuem a intimidade da família nem o anonimato da rua. Posicionam-se entre o público e o privado. Tais espaços se tornam raros no real, ao menos nos Estados Unidos. [...] o campo de jogo é utilizado pelas crianças do jardim de infância, mas assim que entram na escola são levadas para outro lugar. (TURKLE, 1999, p. 121)

A partir disto, podemos refletir novamente sobre o lugar que a escola representa na vida dos seus alunos. Apesar de todas as reformas⁵⁷ escolares já vivenciadas em os alunos ainda continuam se comportando como se o professor soubesse, e eles não, onde receber

⁵⁷ Algumas reformas e pedagogias podem ser consultadas em Saviani (2005) texto: As concepções pedagógicas na história da educação brasileira.

ordens e executar é melhor do que pensar, e muitas vezes, os próprios alunos não querem sair desse sistema.

Voltando ao relato da prática, deixei que os alunos corressem com a lista de nomes e endereços eletrônicos, e uma das alunas então diz: “Professora, eu não tenho *facebook*, não tenho computador”. O que fazer nesse caso? Respondi a aluna que o trabalho seria feito em grupo, e que ela poderia pesquisar juntamente com os colegas, e que estes estariam responsáveis por passar as informações a ela.

Essa questão de acesso merece ser discutida. No Brasil, a internet é paga. Isso nos faz pensar que o acesso não é nada democrático como costumamos pensar. Boa parte da população não tem condições ainda de ter um computador, de poder pagar um sinal de internet. Isso é muito grave se pensarmos que a maioria dos cadastros e inscrições hoje são feitos virtualmente. Muitas pessoas ainda dependem de *lan houses*. Por outro lado, o universo digital é tão forte, que se torna hoje uma questão de aceitação social o fato de ser ter ou não páginas sociais na internet. É um meio de inclusão, mas sobretudo, também um meio de excluir.

Contornado essa questão, e digo contornada, porque se a proposta é continuar o grupo depois do egresso escolar, essa aluna possivelmente ficará de fora das discussões. Infelizmente, ao se abordar o universo digital, se exclui quem não pode, ou quem não quer fazer parte dele. Bom, esclarecido isso para a aluna, percebi que a turma conversava demais, se levantavam, formavam grupinhos no fundo da sala, como se eu não estivesse ali, mostrando e explicando a eles o conteúdo dos vídeos. Como mencionei, minha impaciência fez com que eu tomasse uma atitude intolerante naquele momento. Pela falta de respeito dos alunos eu disse algo mais ou menos assim: “Bom, eu não gosto de trabalhar com essa falta de respeito toda, se não querem, não tem interesse, não precisam ficar aqui na sala de vídeo, podem sair mais cedo. Não vou perder meu tempo explicando algo para as paredes...” Para a minha surpresa, todos se levantaram e saíram. Eu não sabia se ficava chocada, ou se ficava com mais raiva. Lembro-me de quando era aluna e os professores falavam assim com a gente, ninguém tinha coragem para sair da sala, mas nesse caso, todos se foram. Realmente a posição de estagiário não auxilia muito, porque na escola existe muito o fator autoridade, um estagiário não é autoridade, não é professor. Eu fiquei ali, parada, esperando a professora voltar. Claro que quando ela voltou e eu expliquei o que

tinha acontecido, ela buscou os alunos e rapidamente todos começaram a voltar para a sala, porém, o sinal bateu, e obviamente, todos saíram correndo para ir embora.

A professora ficou de conversar com os alunos na próxima aula, e segundo relato da mesma, ao chegar à sala, os alunos haviam feito recadinhos de desculpa no quadro, e pediram desculpas pelo mau comportamento da aula passada. Reconheceram que passaram do limite, ou por medo das consequências, ou porque realmente perceberam que agiram de forma desrespeitosa. O fato é que no segundo encontro com os alunos, eles pareciam outras pessoas. Silenciosos e compenetrados nas explicações. Eles perceberam que passaram do limite e a professora aproveitou para reforçar a eles que suas atitudes não tinham sido respeitosas perante a estagiária.

Pude por fim explicar qual era a ideia completa do projeto. A turma se dividiria em 6 grupos, e cada grupo ficaria com uma categoria da videoteca: teatro de rua, teatro de formas animadas, palhaço, solo narrativo, improvisação e teatro gestual. Cada grupo deveria pesquisar nos vídeos da videoteca o que já se encontrava arquivados e pesquisar na internet outros vídeos daquela mesma categoria para agregar ao material armazenado. Os detalhes eu optei por esclarecer no grupo do *facebook* para que fosse estimulado nos alunos o debate no grupo. Os alunos não tiveram dificuldades de se dividirem em grupos.

Um dos alunos me perguntou se eles teriam que escrever corretamente no grupo. Essa pergunta foi muito importante porque reflete outra característica do universo digital. A linguagem na rede é bem diferente da linguagem formal ou coloquial. Entretanto, isso não muda o fato de que os alunos sabem escrever corretamente na escola, tanto é que esse aluno me fez a pergunta já sabendo da diferença de regras na escrita de um ambiente para outro. Eu respondi que seria bom se ele tentasse manter uma escrita mais correta, já que era uma proposta ligada ao ensino escolar, mas não quis impor isto como regra, porque me interessava ver como é que estes alunos se expressam na rede social, e a escrita diz muito sobre eles. Um segundo fator é que muitas pessoas, por causa das redes sociais, aprendem a escrever, e de fato, exercitam a escrita, mesmo que um pouco diferente da gramática formal do português. As pessoas têm se expressado mais através da escrita, e criando novas formas de comunicação da linguagem. É um movimento muito significativo socialmente.

Vêm ocorrendo mudanças profundas no modo como o letramento é entendido. Para aqueles que nasceram e foram educados antes da era da

internet, o letramento impresso é fundamental e o da tela, periférico. Para pessoas nascidas e educadas desde então, vem sendo o contrário. Neste momento, encontramos-nos em um período de transição esquisito, de confronto entre essas gerações. O uso da tecnologia pelos jovens é visto com desconfiança. Os telefones celulares são proibidos em sala de aula. Mitos sobre o impacto do meio eletrônico na linguagem encontram-se por todos os lados (como

Mostro em *Txtng*). As pessoas reclamam que “os adolescentes não leem”, quando na realidade os adolescentes leem o tempo todo – no telefone celular, no Facebook... É de extrema importância a leitura ser uma rotina na vida desses jovens. Talvez não estejam lendo o que os adultos querem que eles leiam (Shakespeare, Dickens...), mas *estão* lendo. Então, o desafio pedagógico é encontrar modos de encurtar a distância até a literatura sofisticada – de usar a tecnologia como ponto de encontro com ela. Em vez de proibir as mensagens de texto em sala de aula, precisamos usá-las para fazer poesia (e romances, em algumas partes do mundo). Precisamos tornar o letramento digital uma prioridade nas bibliotecas das escolas. Precisamos distribuir notebooks para as crianças, caso ainda não os tenham. E, de forma geral, precisamos trabalhar em prol de um clima de respeito pelo modo de os jovens verem o mundo em vez de condená-lo. (CRYSTAL, 2013, p. 27)

Dada a aula, fui até a biblioteca avisar a bibliotecária de que provavelmente os alunos iriam pesquisar e assistir os vídeos no computador que a escola possui. Chegando lá eu descobro que os alunos não podem usar o computador que fica na biblioteca. Fiquei extremamente estressada nesse momento. Como que eles aceitam uma parceria de trabalho para uma videoteca que os alunos não podem consultar? Como não me disseram isto na primeira vez que fui até lá e conversei sobre o projeto? Bom, não adiantava ficar com raiva, o jeito era contornar a situação. O sistema escolar nem sempre auxilia nas práticas que os professores propõem, ou nesse caso, por eu ser voluntária, não conheço a escola o suficiente para saber até onde eu poderia ir com essa prática.

Combinamos então, a professora, a bibliotecária e eu que aquela turma teria permissão para usar o computador, grupo por grupo, para dar continuidade ao projeto. Percebi, contudo que essa consulta seria tão burocrática, que resolvi com os alunos que eles poderiam escolher qualquer categoria, desde que a escolha não fosse igual para todos os grupos, para facilitar a pesquisa. Aceitaria um ou dois grupos com categorias iguais, mas não aceitaria todos na mesma categoria, justamente por saber que a escolha geral seria por improvisação, uma vez que um dos meus objetivos desde o início do projeto era estimular o interesse e o conhecimento sobre outras linguagens teatrais que eles não tinham acesso.

A partir daí, mesmo percebendo que a prática do projeto não estava indo muito bem, nem pedagogicamente, nem atingindo os objetivos com eficácia, entre eles estimular o

interesse pelo teatro e adquirir conhecimento sobre, dei continuidade para ver até onde conseguiríamos chegar. O meu contato com os alunos passou a ser exclusivamente pela internet.

Em geral percebi os alunos muito mais acessíveis na rede social. Primeiramente eu estava falando sozinha no grupo, mas depois, os alunos foram se posicionando, às vezes dentro do tema, às vezes não, e aos poucos começaram a surgir os vídeos pesquisados pelos alunos. Apesar de ter ficado muito feliz de ver que eles procuraram os vídeos, mesmo não sendo um trabalho que valia pontos, feito praticamente na última semana de aulas, fiquei um pouco preocupada porque constatei algo: Os alunos usam as redes sociais, mas não sabem pesquisar nela. Identifiquei imediatamente como foi que os alunos pesquisaram. Digitaram no *youtube* o nome da categoria na íntegra e postaram os primeiros vídeos encontrados. Percebi isto em um dos grupos e desafiei a equipe em pesquisar outros atores que faziam aquele mesmo tipo de teatro, e os alertei sobre checar as fontes toda vez que se faz uma pesquisa.

Percebo que esse foi um problema não previsto na metodologia do projeto idealizado por mim. Não esperava ter problemas com formas de pesquisa, porque estou em constante trabalho de pesquisa na faculdade não levei em consideração que eles são jovens, e que a pesquisa na escola básica não é feita da mesma forma que a nível superior de ensino. Pude observar que os alunos não sabem pesquisar em livros, nem na internet. Sei que para alunos de sextos anos não é preciso ensinar normas da ABNT como nos é esperado na faculdade, mas as escolas e os professores precisam incentivar e ensinar formas de pesquisa, para que quando os alunos forem cobrados mais a frente, possam dar conta do mercado e da faculdade caso almejem fazer uma, além de claro, acumular saberes. Depois dessa experiência com certeza vou incluir no meu projeto um tempo para exercitar a pesquisa.

Outro fator relacionado ao universo digital é que as pessoas acessam a rede de diversas formas, mas não sabem das reais possibilidades de conteúdo que a internet oferece em relação a pesquisa na maioria das vezes, não sabendo avaliar, portanto, as informações verídicas das falsas contidas na rede. Apesar disso, mesmo tendo sido superficial, já considero que os alunos ainda assim, tiveram que assistir os vídeos para ver se estavam minimamente corretos.

Não foram todos os grupos que postaram no grupo, mas em geral alguns alunos interagiram bem. Não deram suas opiniões sobre o conteúdo dos vídeos apesar de eu ter pedido várias vezes, mas vejo que os alunos têm mais disposição em se expressarem, agora, se estão apresentando-se como são, ou como gostariam de ser já é outra discussão, mas mesmo assim, se expressam muito mais do que na sala de aula.

Na vida online, as pessoas encontram-se em situação de poder desempenhar papéis diferentes, adotando diversas personalidades nos diferentes lugares da Rede. Vêm e experimentam inúmeros aspectos delas mesmas. Vivem intensamente tal multiplicidade. Nesse sentido, a vida online, retoma um aspecto da vida cotidiana para levá-lo a um grau superior. Mostramos no dia a dia diferentes aspectos de nós mesmos: acordamos como amantes, almoçamos como mães, pegamos o carro como advogadas. [...] então, não é que não se vivam múltiplas experiências offline, com os diferentes papéis de cada um, mas a vida online retoma isso para levá-lo a um nível superior. Para muitas pessoas, a comunidade virtual permite uma expressão mais livre de inúmeros aspectos de si mesmas, mas se trata de algo que se vive também no “resto da vida”. Há momentos em que a cultura enfatiza a uniformidade da experiência e outros em que acentua a multiplicidade da experiência. (TURKLE, 1999, p.119)

Esta diferença de comportamento é preocupante porque se a escola e os professores, e, até mesmo a comunidade e a sociedade não fazem o esforço de mostrar aos alunos que a escola pode ser mais do que um local aonde se vai para apenas receber um conteúdo disciplinadamente, estas pessoas que por hora são apenas crianças, podem ter muita dificuldade de se entenderem como agentes críticos e sociais de um mundo onde as relações transformam nosso ser e agir perante o outro e perante as coisas da vida. É maravilhoso que exista um espaço como a internet onde estes alunos possam conviver e se expressarem mais livremente uns com os outros e passarem a se enxergarem como seres humanos e não como alunos⁵⁸ ou colegas de classe, mas o espaço virtual não pode ser o único a contribuir para isto, e a todo momento, é preciso que as especificidades de cada universo, o físico e o digital sejam vividos e conceituados de forma clara naquilo que se diferem e naquilo que possuem de positivo ou semelhante. Os alunos e a sociedade precisam entender que escola não é lugar de ser apenas aluno, que a escola é um espaço de troca, e principalmente em arte, o intuito é que eles sejam antes de tudo, pessoas em formação e construção de conhecimento, onde cada um tem muito a oferecer. Busquei por em prática toda a minha

⁵⁸ Apesar da Escola Nova e os tempos atuais preverem que o conceito de aluno perpassa a condição de ator social, sendo o centro do processo de ensino, este conceito está longe de acontecer na prática, pelo menos nesta escola, onde o pensamento tradicionalista ainda impera, mesmo que inconscientemente.

utopia sobre educação em arte, e ainda pretendo quando estiver exercendo a profissão de professora, retomar este projeto, pois ainda acredito que ele possa dar muito certo no ensino-aprendizagem de teatro nas escolas públicas. Quem sabe até não consigo viabilizar visitas físicas ao teatro com meus futuros alunos? Só o tempo poderá dizer.

Considerações finais

A sensação foi de estar enlouquecendo, observar, se questionar, perder noites de sono, se revoltar, discutir, não pensar em outra coisa, aplicar. Inicialmente considerei a prática do projeto bem frustrante porque a mesma não chegou nem perto da idealização prevista. Mais uma vez reforço que tenho consciência que um projeto desses leva muito mais tempo do que eu tinha na posição de estagiária, e mais do que isso, exige uma relação com os alunos de confiança, de tempo, de estudo, além de uma preparação por parte da turma em vários aspectos até poderem ter interesse e estímulo suficiente para realmente pesquisar e desejar conhecer o teatro. Tudo isto eu não tive, na posição de estagiária, mas pretendo recomeçar essa ideia em uma nova escola, quando eu puder ser a professora dos alunos. Vejo também, depois de propor o projeto que na verdade, ao criar a videoteca, mesmo que ela tenha relação com os meios eletrônicos, ela seria muito mais eficaz se permanecesse em alguma plataforma *online*, pois assim, o acesso a esses conteúdos cumpriria um dos objetivos do projeto que é manter o vínculo de ex alunos da escola com estes materiais, além de aproximar ainda mais o universo digital ao acesso e a pesquisa direcionada. Futuramente pretendo aplicar essa videoteca em algum blog ou plataforma, e claro, incluiria no meu projeto idas ao teatro físico, se a escola permitisse. Vejo que esse projeto seria ideal para uma prática a longo prazo, assim como a professora Maria Lúcia tem oportunidade de desenvolver com os alunos propostas diferenciadas por ser efetiva na escola.

Apesar disto tudo consegui aos poucos identificar pontos positivos dessa experiência. Ainda tenho contato com alguns alunos, o que mostra que a presença virtual perdurou. Além disso, um dos grupos postou um vídeo depois do final do ano letivo, para a minha surpresa. Isso revelou um compromisso por parte dos alunos que é “uma luz no fim do túnel” para o problema de “só fazer porque alguém manda” que assola as escolas. Eles poderiam não se preocupar mais com isto, contudo, o trabalho significou o suficiente para que pelo menos por causa do compromisso assumido, o vídeo fosse parar no grupo.

Outro fator é que os alunos permanecem no grupo. Poderiam tê-lo deixado, mas ainda estão lá. Isso reforça para mim, que eu ainda posso, como faço questão de às vezes, postar um vídeo ou outro na página. Uma das maravilhas da tecnologia é que o facebook

avisa quantas visualizações a postagem na página teve. Mesmo que os alunos não tenham chegado a ver o vídeo, só de entrar na página já é um avanço, porque eles tem a opção de receber a notificação de postagem e não entrarem no grupo. Pensar que você pode continuar tendo acesso aos seus alunos depois do contato escolar, ou perdurar o contato escolar pela internet é algo que se bem aproveitado, pode ser positivo no processo de ensino-aprendizagem de ambas as partes. Principalmente na arte onde o afeto está muito ligado as práticas artísticas, teatrais, o interesse por aquele conteúdo, por aquela expressão artística pode ser cada vez maior. Além disso, pela página eles podem acompanhar as minhas produções como artista, e as de outros artistas. Isso também é uma forma de unir cada vez mais o professor e o artista, por consequência, é mais uma maneira de estimular o interesse dos alunos pelo teatro.

Pude constatar também, que a possibilidade de ver produções na internet não supri a vontade ir ao teatro, nem a vontade de fazer teatro que os alunos têm. Pelo contrário, ela estimula. Todas as vezes que mostrava os vídeos aos alunos eles tinham uma vontade enorme de fazer, ou de tentar fazer o que tinham acabado de assistir. Tornava-se desafiante para eles, e assim, quando iam para a prática, no caso da improvisação, por exemplo, e percebiam a dificuldade de realizar aquilo, davam um valor muito maior ao processo, porque normalmente eles queriam ir direto para a cena, por acharem que teatro está diretamente ligado à intuição e não a trabalho. Desse modo, eles compreendem vivenciando a importância das práticas anteriores à encenação.

Um aluno recentemente me surpreendeu quando o vi *online* e resolvi perguntar onde estava o vídeo que ele tinha tentado postar no grupo e não tinha conseguido. Ele me respondeu e tentou me enviar novamente o vídeo que a equipe dele tinha selecionado. Ao não conseguir novamente, ele resolveu me mandar o nome do vídeo, e para a minha surpresa, me mandou vários nomes e comentava sobre eles, coisas do tipo, “Esse é de improvisação, esse é muito legal, esse eu acho que você vai gostar”. Foi uma das respostas mais concretas que obtive sobre o impacto que essa prática gerou nos alunos.

Outro fator que considero muito interessante é o fato de poder conhecer a minha mãe na profissão de professora. É muito interessante, e quem dera se todos pudessem conviver a fundo com os professores que vêm na sala de aula. Este convívio ajudaria a entender muitas atitudes do professor na prática. Enxergar o professor como sendo algo,

além da profissão, como sendo uma pessoa, que tem vida, que tem sonhos, problemas, ajuda muito quando vamos criticar algum aspecto em sua condução docente. Mais ainda, no meu caso, aprendi a ver a figura materna por outra ótica, e a partir disto, saber criticá-la enquanto profissional, ao mesmo tempo que aprendi também, a reconhecer uma bravura nela que antes não conhecia.

Depois de observar a experiência vivida, percebi que a prática docente é mais difícil do que eu imaginava, mas também pode ser muito prazerosa, além de te por a prova de novos desafios a todo momento. Há muitas questões que envolvem o ensino, como a escola, os alunos, o professor, entre outros motivos mais subjetivos que vão desde afeição até contexto familiar. Muitas coisas influenciam, e cada um é cada um. Cada pessoa carrega uma história e isto dentro da sala de aula é visível. Dar aulas se aprende dando aulas. Reafirmei em mim a importância do plano de aula, no plano político pedagógico. Hoje, olhando para o que já vivi e imaginando o que ainda virá, posso dizer que amadureci muito durante o meu processo universitário, e consegui desenvolver um senso de responsabilidade perante a docência que está em constante crescimento. De certa forma, estou aprendendo a utilizar daquilo que acredito ou pesquiso academicamente, como uma ferramenta ou como uma metodologia, filosofia de vida na hora de ensinar. Pesquisa e ensino não precisam estar dissociados.

Saio dessa experiência pensando duas vezes antes de criticar o trabalho do professor, da escola, e o comportamento dos alunos. Pesar igualmente os lados dos problemas antes de querer chegar a uma conclusão que muitas vezes pode ser preconceituosa e razi. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de nos questionar e querer fazer o melhor possível para que a realidade possa mudar de acordo com nossas atitudes. Estou cada vez mais disposta a aprender e a compartilhar meus saberes artísticos com toda a esfera que envolve a arte e o ensino.

REFERÊNCIAS:

ABRACE. Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Disponível em: <http://portalabrace.org/1/> Acesso em: 06 jun. 2014

ARAÚJO, Rodolfo Gonçalves. **Panorama da teatralidade remidiada: uma reflexão a partir de Play on Earth**. 2010. 199f. Dissertação de Mestrado- PUC-SP, São Paulo, 2010

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. BH. C/ARTE. 1998

BARBOSA, Ana Mae. **O ensino de arte no Brasil**. Rede São Paulo de Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio. São Paulo. 2011. Disponível em: http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf Acesso em: 27 mar. 2014

BASTOS, Josane. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de betim/mg**. Dissertação de mestrado. PUC. 2009. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_BastosJA_1.pdf Acesso em: 03 abr. 2014

BENJAMIN, Walter. '**A Obra de Arte na Época da sua Possibilidade de Reprodução Técnica**', in *A Modernidade*, org. e tradução de João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 207-241. 2006

BOLTER, Jay David & GRUSIN, Richard. '**Immediacy, Hypermediacy, Remediation**', in *Remediation: Understanding New Media*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press [1ª ed. 1999], p. 19-50. 2000

BRASIL, MEC, PCN Arte. Proposta Curricular Nacional. Ministério da Educação. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> Acesso em 28 mar. 2014

BRASIL, SEESP/SEED/MEC. **Atendimento educacional especializado**. Deficiência mental. Secretária de Educação Especial. Ministério da Educação. Brasília. 2007 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dm.pdf Acesso em: 09 out. 2011

BUENO, Kátia. **Os processos sociais de constituição das habilidades**. Artigo publicado em Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 18 n. 2, p. 47-53, maio./ago., 2007. Foi baseado na tese de Doutorado, realizada com apoio do CNPq, intitulada: Os processos sociais de constituição das habilidades: trama de ações e relações. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/14006-16984-1-PB.pdf> Acesso em: 27 mar. 2014

COLEMAN, Beth. **Hello Avatar: 9 Principles of Transmedia Design / PICNIC Festival 2011**. Vimeo. Disponível em: <http://vimeo.com/30017458> Acesso em: 06 mar. 2014

CRYSTAL, David. Capítulo **O princípio: entrevista com David Crystal**. Tania G. Shepherd, Tânia G. Saliés. Tradução de Tânia Gastão Saliés do original em inglês. In *Linguística da internet*. Ed. Contexto. 2013. p.27. Disponível em: www.editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/1494/introduc_o_a_sociolinguistica_primeiro_capitulo.pdf+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&g Acesso em: 16 fev. 2014

CUNHA, Helenice. Padrão PUC Minas de normalização. Pontifícia universidade católica de minas gerais. Pró-reitoria de graduação. Sistema de bibliotecas da PUC Minas. 2011 Disponível em: http://pucminas.br/documentos/normalizacao_monografias.pdf Acesso em: 06 de jun. 2014

DEBORTOLI, Kamila. **Professor e artista, ou professor artista?** Santa Catarina. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/edicoes_anteriores/8/files/01CENICAS_Kamila_Rodrigues_Debortoli.pdf Acesso em: 20 abr. 2014

DUBATTI, Jorge. **Teatro, Convívio e Tecnívio**. Disponível em portalabrace.org. Acesso em: 25 dez 2012.

DUBATTI, Jorge. Conexões: entrevista com jorge dubatti. Renato Mendonça. Cena 10 ISSN 2236-3254, nº10. 2012 Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/26187/15321> Acesso em: 05 jun. 2014

ESCOLA DE BELAS ARTES. Graduação em teatro. Site oficial do curso de teatro. Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/graduacao/teatro/sobrecurso.html> Acesso em: 02 abr. 2014

FARIAS, Daniela. Convergência de Linguagens, Artes Visuais: Cinema, Vídeo, Teatro e Internet.[2001?]. p 02. Disponível em: <http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt020-convergenciade.pdf> acesso em: 23 mai. de 2014

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio *online*. 2008- 2014. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Cognicao.html> Acesso em 06 jun. 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Editora EGA. Ano de publicação: 1996. Ano de digitalização: 2002 Disponível em: http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17338 Acesso em: 19 abr. de 2014

GOMES, Alexandre. O julgamento do chocolate. Ed. Baobá. Belo Horizonte. MG. 2013

LOYOLA, Geraldo Freire. **Me adiciona.com: Ensino de Arte+Tecnologias Contemporâneas+Escola Pública**. Dissertação. UFMG. Belo Horizonte. MG 2009. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSS-7WSQ3H/me_adiciona_com_ensino_de_arte_tecnologias_contempor_neas_escola_p_blica.pdf?sequence=1 Acesso em: 17 mai. 2014

MACHADO, Marina Marcondes. **O imaginário infantil como trabalho-em-processo**. childhood & philosophy, rio de janeiro, v.6, n. 12, jul./dez. 2010 Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/childhood/article/viewFile/721/615> acesso em: 04 de mai.2014

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia Gutenberg (excertos)**, selecionados e traduzidos por Olga Pombo, in Cadernos de Filosofia e História da Educação, Caderno N°1: 'McLuhan: A Escola e os Media', Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.

MCLUHAN, Marshall. **Compreender os Meios de Comunicação: Extensões do Homem**. Trad. José Miguel Silva; rev. Alda Couto. Lisboa: Relógio D'Água. 2008

MINAS GERAIS. Prefeitura de Contagem. Site oficial da prefeitura. 2013. Disponível em: <http://www.contagem.mg.gov.br/?materia=040170> acesso em 05 de mai. 2014

MINAS GERAIS. CBC: Conteúdo básico Comum. Centro de referência virtual do professor. Secretaria do Estado de Minas Gerais. 2006. Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/SISTEMA_CRV/index.aspx?id_projeto=27&id_objeto=38836&tipo=ob&cp=994d99&cb=&n1=&n2=Proposta%20Curricular%20%20CBC&n3=Fundamental%20-%206%C2%BA%20a%209%C2%BA&n4=Hist%C3%B3ria&b=s# Acesso em 06 jun. 2014

MINAS GERAIS. Prefeitura de Contagem. Site oficial da prefeitura. 2013. Disponível em: <http://www.contagem.mg.gov.br/?materia=040170> Acesso em: 05 mai. 2014

MORAES, Danielle. **Teatro na escola: da lei à lida**. Dissertação. São João Del-Rei. Minas Gerais. 2011. Disponível em:

[http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/mestradoeducacao/DANIELLE_RODRIGUES_DE_MORAES- DISSERTACAO_FINAL_PDF\(1\).pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/mestradoeducacao/DANIELLE_RODRIGUES_DE_MORAES- DISSERTACAO_FINAL_PDF(1).pdf) Acesso em 06 jun. 2014

MUNIZ, ROCHA. **A relação entre Teatro e Internet: tensionamento do tempo e do espaço do acontecimento teatral**. Artigo não publicado. 2013

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, Antonio. (Coord.) Os professores e a sua formação. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf Acesso em: 03 abr. 2014

PERRENOUD, Pilippe. Pesquisa e práticas pedagógicas. In: ZANETN, Agnés. Dicionário de Educação. Petrópolis. RJ: Vozes, 2011

PROCURADORIA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO. **O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular / Ministério Público Federal**: Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (organizadores) / 2ª ed. rev. e atualiz. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.
Disponível em: <http://www.adiron.com.br/site/uploads/File/cartilhaatual.pdf> Acesso em: 04 abr. 2014

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as Comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo. Ed. Paulus, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós- humano**. São Paulo. Editora Paulus. 2010

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo. Ed. Paulus. 2011

SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do Histedbr”. Campinas, 25 de agosto de 2005. Disponível em:
<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/AS%20CONCEP%C3%83%E2%80%A1%C3%83%E2%80%A2ES%20PEDAG%C3%83%E2%80%9CGICAS%20NA%20HIST%C3%83%E2%80%9CRIA%20DA%20EDUCA%C3%83%E2%80%A1%C3%83%C6%92O%20BRASILEIRA.pdf> Acesso em 06 jun. 2014

SERRAT, Bárbara. **Iluminação cênica como elemento modificador dos espetáculos: seus efeitos sobre os objetos de cena**. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em:
<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAnica/Pesquisa/ilumina%E7%E3o%20c%EAnica%20espetaculos.pdf> Acesso em: 20 mar. 2014

SILVA, Adelina. **Processos de ensino-aprendizagem na Era Digital**. Universidade aberta. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-processos-ensino-aprendizagem.pdf> Acesso em: 07 mar. 2014

SILVEIRA, Ivanete Gomes; FAGOSO, Erlândia de Fátima Leite; AMIGO, Leonídia Maria Batista. **Teatro e educação básica: um olhar a partir do programa mais tempo na escola**. 2008. Disponível em: Conferir como citar mais de um autor.
<http://www.webartigos.com/artigos/teatro-e-educacao-basica-um-olhar-a-partir-do-programa-mais-tempo-na-escola/68528/> Acesso em: 09 out. 2011

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis. RJ. Ed. Vozes. 2012

TURKLE, Sherry. **Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual.** In CASALEGNO, F. Sherry Turkle: fronteiras *do real e do virtual*. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 11, p. 117-123, dez. 1999. Disponível em:

<http://gilbertoavila.pro.br/wp-content/uploads/bp-attachments/91/3057-10430-1-PB.pdf>

Acesso em: 16 fev. 2014

ANEXOS

ANEXO A- PROJETO VIDEOTECA DE TEATRO.

Projeto de Intervenção**Videoteca de Teatro**

Nome do projeto: Videoteca de Teatro

Professor orientador: José Simões de Almeida Junior

Aluno: Carolina França Corrêa

Resumo: A proposta deste projeto é de angariar e armazenar vídeos em 60 horas de pesquisa e gravação dos conteúdos. Este armazenamento será feito em DVDs que serão separados por tema ou linguagem. Ex: teatro de improvisação; Teatro Brasileiro. Em cada DVD terá uma breve explicação sobre cada vídeo nele contido, tendo informações sobre seu autor, e contexto teatral.

Objetivo: Disponibilizar um material áudio visual de Teatro em parceria com a biblioteca da escola, para que os alunos tenham mais acesso as produções artísticas não só do Brasil além de conhecer mais a história do Teatro e suas diversas linguagens através dos vídeos.

Justificativa: O projeto partiu da necessidade de um maior conhecimento sobre o que é Teatro, quais suas possibilidades e linguagens, bem como sua história por parte dos estudantes. Os alunos e a escola conhecem pouco sobre Teatro e com isso o abordam de forma superficial, dificultando um aprofundamento nas propostas teatrais que surgem na escola. Como fazer, escolher, montar um teatro se não se conhece quais os tipos de teatro que se pode escolher nem as possibilidades de execução?

Tempo previsto: 60 horas

Meta: 20 vídeos

Metodologia:

- pesquisa virtual.
- Download e armazenamento destes vídeos.
- Pesquisa bibliográfica.
- Gravação de DVDs.

- Divulgação do projeto á escola em parceria com a biblioteca.
- Organização do material.
- Organização dos textos.
- Debate e apresentação do material aos alunos ao final do projeto.

Cronograma:

- Pesquisa virtual e download e armazenamento destes vídeos: 30 horas
- Pesquisa bibliográfica, Organização do material e Organização dos textos: 7 horas
- Gravação de DVDs: 15 horas
- Debate com os alunos e divulgação do material: 8 horas

Total de horas: 60 horas

ANEXO B- CATALOGAÇÃO DOS VÍDEOS

IMPROVISAÇÃO

Vídeo 1. Match de Improvisação .wmv

Os atores-jogadores não sabem que espetáculo vão fazer. O público-torcida não sabe ao que vai assistir. Assim é o Match de improvisação. O trabalho provoca uma mistura entre teatro e esporte, em um jogo que evidencia, em cena, o universo cômico-lírico, a dramaturgia do ator e a “improvisação enquanto espetáculo”, além de incentivar a participação do público, por meio de divertidas interações.

O Match é um formato criado no Canadá e praticado em vários países. No palco (ou pista de jogo), dois times improvisam a partir de títulos que o público dá, no início de cada apresentação. As cenas são criadas no mesmo instante, na presença dos espectadores, e jamais vão se repetir. Vídeo disponível youtube e na página do grupo.

Uma Companhia: Sediada em Belo Horizonte, a UMA Companhia é um dos principais grupos de teatro brasileiros que se dedicam à prática e à difusão da improvisação teatral como espetáculo. Com 6 anos de trabalho contínuo, o grupo possui 4 espetáculos em repertório.

Mais informações: <http://umacompanhia.wordpress.com>

Vídeo 2. Os Barbixas Improvável Estilos (Marcio Ballas e Gustavo Miranda)

Cena retirada do canal do youtube do grupo os barbixas. Cenas do espetáculo improvável. Vídeo disponível no youtube.

Criado, produzido e encenado pela Cia. Barbixas de Humor, o espetáculo “Improvável” é um projeto de humor baseado em improvisações no qual a platéia tem fundamental importância para criação das cenas. O espetáculo tem muita influência do programa "Whose Line is it Anyway?" (Inglaterra e EUA). Nele, um Mestre de Cerimônias aquece a platéia com uma pequena introdução antes do espetáculo interagindo com o público e explicando como eles poderão influenciar nas cenas. Na hora das improvisações ele seleciona as sugestões da platéia e explica os mecanismos e as regras dos jogos de improvisação. A cada apresentação serão chamados dois atores convidados para completar o elenco. E como tudo é baseado no improviso, o público sempre verá uma peça diferente e interativa.

Grupo Barbixas: O grupo teve seu início em 2004 quando começaram a escrever esquetes como Santa Ceia e Coiso, que, na internet, tiveram milhares de visualizações através do canal oficial da Cia. Em 2008, eles criaram o Improvável, um espetáculo de improviso onde são convidadas duas pessoas que, junto com Daniel, Anderson e Elidio, realizam vários jogos de improviso como: "Troca, Transforma, Só Perguntas", entre outros clássicos.

Mais informações: <http://www.barbixas.com.br>

Vídeo 3. Os Barbixas Improvável Frases 2 (com Marcio Ballas e Allan Benatti) Um dos jogos do espetáculo Improvável. Vídeo disponível *youtube* e na página do grupo.

Sobre o espetáculo e o grupo: vide vídeo 2.

Vídeo 4. Os Barbixas Improvável Só Perguntas 3 (com Marcelo Tas e Marco Luque) Um dos jogos do espetáculo Improvável. Vídeo disponível *youtube* e na página do grupo.

Sobre o espetáculo e o grupo: vide vídeo 2.

SOLO NARRATIVO

Um espetáculo de solo narrativo acontece na medida em que o ator domina o enredo, encontrando palavras sons e gestos próprios que dão forma à adaptação. Tudo isso por meio de exaustivo trabalho, repetição, experimentação, observação, desprendimento e disciplina. Tal proposta consiste em narrar interpretando todos os personagens e estabelecendo um pacto de cumplicidade com a platéia, para que ela imagine, por meio do vocabulário mímico (imagens, gestos e máscaras) e sonoro (palavras, ruídos, onomatopéias), toda a trama que se passa. Assim, a performer revira-se, expondo na interpretação suas entranhas.

Fonte:

<https://www.facebook.com/pages/Flicts-Por-MarianaJacques/221029491259321?sk=info>

Vídeo 1. A descoberta das Américas do Original de Dario Fo

A descoberta das Américas é um texto do dramaturgo Dario Fo, que se tornou um espetáculo na interpretação de Júlio Adrião. Com uma técnica apurada, Julio utiliza recursos circenses e de onomatopéia, muita inteligência e humor para contar a história de um pobretão metido a esperto chamado Johan, que embarca em um navio rumo à América numa correria desenfreada para fugir da Inquisição. Disponível *youtube*.

Julio Adrião: nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1960. Formado pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), em 1986, inicia sua carreira no teatro de rua. Recém formado, cria a [Cia. do Público](#), grupo com o qual participa de alguns festivais até ir para Itália, em 1992, onde trabalhou seis anos com o Teatro Potlach e outras companhias.

Mais

informações:

http://www.spescoladeteatro.org.br/enciclopedia/index.php/Julio_Adri%C3%A3o

Vídeo 2.

Informações sobre a peça e sobre o ator vide vídeo 1.

Vídeo 3. Acorda Amor

Vídeo da cena curta Acorda amor. De uma forma diferente, a atriz conta a história de Bela adormecida. Disponível *youtube*.

Florencia Santángelo: Atriz nascida em Montevideu, formada pela EMAD.

Mais informações: <https://www.facebook.com/florencia.santangelo1>

Vídeo 4. Solo Narrativo de Flicts por Mariana Jacques

O solo narrativo é baseado no livro Flicts do autor Ziraldo conta a historia de uma cor rara, solitária e rejeitada pelas tonalidades espalhadas por todos os cantos do mundo. “Flicts uma cor que não existe, um texto poético e sublime, em busca de um local para se instalar, de um amigo, de um suporte para espalhar seu tom. Durante esta procura, ele revela ao espectador que o mundo é feito basicamente de cores, e que elas todas possuem um coração, que revelam sentimentos e emoções. Por mais diferente que se sinta, o raro Flicts vai encontrar seu lugar, ainda que seja bem distante do mundo das cores mais conhecidas, mas não mais belas do que ele”.

Mariana Jaques: A atriz após cursar a oficina “O Ator no Solo Narrativo”, ministrada pelo ator e diretor Júlio Adrião, no Rio de Janeiro, buscou apoderar-se dessa técnica sobre a qual procurou sintetizar toda a sua bagagem teatral adquirida em 15 anos de experimentação artística.

Mais informações: <https://www.facebook.com/pages/Flicts-Port-MarianaJacques/221029491259321?sk=info>

PALHAÇO

Vídeo 1. Clown Mikhail Usov

Nessa apresentação ele transforma o ordinário em extraordinário e faz, assim, brotar a essência das coisas.

Mikhail Usov: é um palhaço russo que faz do riso o seu ofício. Com movimentos delicados, capazes de prender a atenção do público, ele nos conduz ao universo mágico do silêncio. Uma espécie de seriedade engraçada.

Mais informações: <http://maxwell-alegoriadacaverna.blogspot.com.br/2012/11/palhacaria-mikhail-usov.html>

Vídeo 2. Cravo

Vídeo com trecho do espetáculo O cravo, lírio e a Rosa. Disponível *youtube* e site do grupo.

Os palhaços Carolino e Teotônio chegam com suas malas. Dois grandes patetas que como lados de uma mesma moeda, se completam e se opõem, compondo um entrelaçar de situações ridículas e delicadas dentro de um universo de objetos lúdicos e surpreendentes. Com seus jogos e gags, danças e duelos que destilam uma afeição subliminar, esta inseparável dupla toca profundamente o espectador.

LUME: É um coletivo de sete atores que se tornou referência internacional para artistas e pesquisadores no redimensionamento técnico e ético do ofício de ator. Um espaço de multiplicidade de visões que refletem as diferenças, impulsos e sonhos de cada ator. Ao longo de quase 30 anos, tornou-se conhecido em mais de 26 países, tendo atravessado quatro continentes, desenvolvendo parcerias especiais com mestres da cena artística mundial. Criou mais de 20 espetáculos e mantém 14 em repertório, com os quais atinge públicos diversos de maneiras não-convencionais. Com sede em Barão Geraldo, Distrito de Campinas (SP), o grupo difunde sua arte e metodologia por meio de oficinas, demonstrações técnicas, intercâmbios de trabalho, trocas culturais, assessorias, reflexões teóricas e projetos itinerantes, que celebram o teatro como a arte do encontro. Correu segundo o pulso próprio de uma pesquisa em profundidade e foi quando se consolidou um

treinamento de ator primoroso em três linhas de pesquisa: Dança Pessoal, Mimesis Corpórea e Clown e o Sentido Cômico do Corpo

Mais informações: <http://www.lumeteatro.com.br>

Vídeo 3. La Scarpetta

O palhaço Teotônio, uma espécie de artista “pau prá toda a obra”, apresenta seu Spettacolo Artistico com números de magia, equilibrismo, contorcionismo, música e acrobacia com ovos, provocando e surpreendendo o público que vê surgir diante de si o caos. Com grande vivacidade o jogo de Teotônio é contagiante, fazendo da alegria uma potência anárquica. Uma demonstração do potencial de guerrilha do palhaço com seu subversivo poder de transformação. Disponível *youtube* e site do grupo.

LUME: Vide vídeo 3.

Vídeo 4. O Não Lugar

Presas entre desastres, onde a sobrevivência é tudo, e cada próximo passo é uma decisão agonizante a ser – ou não ser – tomada, Agada Tchainik aparece, convidando o público a segui-la, junto com seus “companheiros de estimação”, em sua viagem.

Compulsiva, à beira de um ataque de nervos, com sua fala errante, ela torna o público seu grande parceiro, com quem interage, ora convocando sua ajuda, ora implicando com algum espectador, ora provocando, rindo, brigando. Disponível *youtube* e site do grupo.

LUME: Vide vídeo 3.

Vídeo 5. Jef Johnson in Slava's Snowshow Coat Scene

Uma das cenas do Show Slava's Snowshow. Disponível *youtube*

Jef Johnson: É um palhaço principal na companhia internacional de Slava Snowshow, um show próprio do palhaço Slava e seus companheiros. Como palhaço, ele também excursionou com o Cirque du Soleil. Jef tem mais de 20 anos de experiência de trabalho em uma ampla gama de estilos físicos. Sua abordagem está enraizada na expressão subjetiva, expressão física da condição por meio de impulso e reflexo. Ele estudou expressão corporal

de discípulos de Grotowski, Suzuki, Marceau, Decroux, Lecoq, Meyerhold, Tchekhov M., Vakhtangov.

Mais informações: <http://www.nyclown.com>

Vídeo 6. Okidok: HaHaHa. London International Mime Festival at Southbank Centre

Cena do espetáculo HAHAHA no festival London International Mime Festival at Southbank Centre. Disponível *youtube*.

No palco, dois personagens engraçados: nariz vermelho, estranhos, são uma reminiscência de palhaços orientais. Mas esse aceno a tradição é combinado com um gosto pela fantasia, juntamente com um senso inato de comédia, e uma técnica para acrobatas pendentes.

Okidok: Okidok é um dueto de comediantes de palco belgas, Xavier Bouvier e Benoît Devos, que ocasionalmente trabalham como palhaços, especialmente em seu show, HaHaHa.

Mais informações: <http://www.okidok.be>

Vídeo 7. Teaser Palhaços Mudos LaMinima

Os Palhaços Mudos são seres que habitam a cidade e dedicam-se a praticar palhaçadas. Existe uma Seita, no entanto, que os considera uma ameaça alarmante e os persegue, na tentativa de extingui-los.

Numa noite de caça a dois Palhaços, conseguem capturar apenas um e na tentativa de matá-lo, conseguem apenas arrancar seu nariz. O pobre mutilado escapa, e não conseguindo suportar a vergonha ele se desespera. Surge então o segundo Palhaço Mudo, que entende o que aconteceu e arrasta-o para um ousado resgate nasal.

Perseguições em meio às sombras misturam-se a truques de magia, números musicais e outros absurdos cômicos, para apresentar os conflitos entre intolerâncias contemporâneas e a lógica do palhaço, se é que ela existe. Disponível *youtube*.

LaMinima: Domingos Montagner e Fernando Sampaio conheceram-se no Circo Escola Picadeiro em São Paulo Em 1997, criam o Grupo La Mínima, que estreou com o espetáculo “LaMínima Cia. de Ballet”, baseada no humor físico e nas clássicas paródias acrobáticas.

Mais informações: <http://www.laminima.com.br>

Vídeo 8. GRUPO TRAMPULIM UMA SURPRESA PARA BENEDITA

Sabonete e Benedita são grandes companheiros, mas, quando se reúnem no mesmo espaço, é certo que alguma confusão vai acontecer.

Neste espetáculo, Sabonete quer preparar um jantar surpresa especial para Benedita, mas precisa da ajuda dela. Está tudo certo, porém os imprevistos parecem impedir que o evento aconteça da maneira planejada. As situações, quase absurdas, se transformam a cada momento e o jantar surpresa vai, aos poucos, dando errado. Disponível *youtube*.

Trampulim: Circo, palhaço, música, artes cênicas, renovação, criatividade e responsabilidade social. O Grupo Trampulim é tudo isso misturado.

É circo e palhaço porque essa linguagem é o foco principal de trabalho. É música e artes cênicas porque esses são os meios expressivos explorados nos espetáculos. É renovação porque a cada pesquisa, oficina e workshop, o Grupo se reformula. É criatividade porque realiza espetáculos especiais para o seu evento. E ainda é responsabilidade social porque, paralelamente, o Grupo desenvolve, em sua sede, atividades voltadas para crianças e adolescentes da comunidade vizinha.

Mais informações: <http://www.trampulim.com.br>

Vídeo 9. GRUPO TRAMPULIM E CONVIDADOS Cabaré dos Palhaços 'Risco e Riso' Ímpeto 2010

Com o objetivo de valorizar e criar uma rede de relacionamentos entre artistas mineiros que trabalham com a improvisação e com o riso e fortalecer as artes cênicas através da integração entre os grupos da cidade de Belo Horizonte, o Grupo Trampulim uniu o útil ao agradável e criou o Ímpeto - Risco e Riso. Disponível *youtube*.

Trampulim: Vide vídeo 8.

Vídeo 10. Pelas Ruas da Cidade Fanfalhaça

Vídeo que mostra o grupo de palhaços Fanfalhaça pela ruas da cidade. Disponível *youtube*.

Fanfalhaça: *Fanfalhaça – Teatro Terceira Margem* é uma fanfarra de palhaços e palhaças que apresenta músicas e cenas cômicas. Na busca da afinação e da gargalhada coletiva, os

palhaços surpreendem, brincam e interagem com o respeitável público. Muita graça e diversão fazem parte desta fanfarra, que se apresenta em praças, parques, ruas e vielas, becos e pinguelas.

Mais informações: <http://fanfalhaca.blogspot.com.br>

TEATRO DE FORMAS ANIMADAS

Pode-se entender por formas animadas: teatro de bonecos, de sombras, de máscara, de objetos.

Vídeo 01. *Armatrux: A Banda* no Jornal Hoje

Vídeo disponível no *youtube* em entrevista pelo Jornal Hoje.

“Armatrux, a banda” surgiu de um feliz encontro entre o grupo teatral, os músicos John, do Pato Fu, e Bob Faria, antigo parceiro de John, e o artista gráfico Conrado Almada.

Essa nova banda de bonecos é criada por DJ Montanha, que utiliza seu enorme aparato tecnológico para reunir músicos vindos de universos mágicos distintos. São personagens insólitos, mas que, reunidos, formam um conjunto coerente e único. Com uma interpretação vibrante, a banda ganha vida e arrebatava o público, com suas luzes, fumaça, efeitos e claro muita música construindo um universo virtual cheio de surpresas. As idéias tomaram forma e corpo. Os bonecos se dissociaram da forma tradicional de representação de humanos e uma nova proposta se impôs. Os pequenos títeres ganharam instrumentos e, para cada um deles, foram criados sons que, reunidos, resultaram em uma música divertida e contagiante.

Armatrux- Fundado em 1991 a partir de um trabalho conjunto iniciado na antiga Escola Tangran – o Armatrux estreou nesse mesmo ano seu primeiro espetáculo: "Acorda Aderbal". Já nessa montagem o Grupo percorreu praças e ruas de Belo Horizonte e do país, revelando a mistura de linguagens que até hoje é referência no trabalho do Grupo. Teatro, música, bonecos, palhaços, circo. Rua. Palco. Galpões, palafitas e hospitais. A investigação

artística em diferentes linguagens e espaços, e o espírito de compartilhamento e democratização de seu trabalho, sempre fizeram parte do DNA do Armatrix.

Mais informações: <http://grupoarmatrix.blogspot.com.br/>

Vídeo 02. Caderno 2: Grupo Caixa do Elefante Teatro de Bonecos

Este vídeo é uma entrevista do caderno dois da UFRGS sobre a mostra de comemoração dos 20 anos do grupo. Disponível no *youtube*.

A companhia porto-alegrense "A Caixa do Elefante Teatro de Bonecos", fundada em 1991, em Porto Alegre/RS, é, hoje, uma das companhias de teatro de bonecos mais atuantes e de maior destaque no panorama artístico nacional. A Caixa do Elefante, ao longo de sua existência, tem acumulado uma vasta experiência na construção de diversos bonecos, cenografias e adereços cênicos, tanto para seus espetáculos como para outras companhias de teatro e programas televisivos, além de colaborar, por meio de workshops e oficinas, com a formação de público e profissionais de teatro.

Mais informações: <http://www.caixadoelefante.com.br>

Vídeo0 3. Giramundo: A Flauta Mágica

A flauta mágica é um espetáculo do grupo Giramundo que conta a história do austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) é considerado um dos mais importantes compositores da história da música. Disponível no *youtube*.

Giramundo: O Giramundo foi fundado em 1970, pelos artistas plásticos e professores universitários Álvaro Apocalypse, Terezinha Veloso e Madu Vivacqua. A formação acadêmica dos três contribuiu para a solidificação do Giramundo como um grupo múltiplo, que busca explorar todos os campos da criação artística, aplicando-os à prática do teatro de bonecos. Se, nos primórdios, o grupo fazia teatro e bonecos para agradar às crianças e à família, hoje conta com uma estrutura adaptada às suas necessidades, com oficina, sala de ensaios, estúdio de animação, departamento gráfico, Escola de formação e o Museu, que guarda e conserva todo o acervo de bonecos, cenários, desenhos e projetos.

Mais informações: <http://www.giramundo.org/index.html>

Vídeo 04. Giramundo: Pedro e o Lobo

Baseado no conto sinfônico do maestro russo Sergei Prokofiev, Pedro e o Lobo apresenta às crianças a estrutura elementar de uma orquestra, seus instrumentos e timbres. A simplicidade e mobilidade de Pedro e o Lobo fizeram do espetáculo a montagem mais encenada da história do Giramundo. Disponível no *youtube*.

Giramundo: Vide vídeo 3.

Mais informações: <http://www.giramundo.org/teatro/pedro.htm>

Vídeo 05. Giramundo: Pinocchio

Primeira grande montagem para adultos do Giramundo realizada sem seu fundador, Álvaro Apocalypse, o espetáculo rende homenagem ao boneco mais famoso de todos os tempos, criado por Carlo Collodi em 1883.

A montagem trouxe novidades, como a inclusão do vídeo, a composição da trilha no sistema quadrifônico, o uso de madeira e objetos de demolições e o uso simultâneo das principais técnicas tradicionais do Teatro de Bonecos: luva, fio, balcão, tringle, pantins, sombra e bonecos gigantes.

Giramundo: Vide vídeo 3

Mais informações: <http://www.giramundo.org/teatro/pinocchio.htm>

Vídeo 06. Morpheus Teatro: Samuel e Samuca

Cena apresentada no Festival Rosa dos Ventos.

Morpheus teatro: Criado em 2002, o grupo Morpheus Teatro é formado por João Araujo, Verônica Gerchman e Yuri de Franco, e pesquisa a linguagem não verbal nas relações entre ator, boneco e platéia. A possibilidade de ver a riqueza do interior humano, através de situações comuns e cotidianas ou fantásticas e imaginárias, em relação com o público que assiste agora, é a mola propulsora das criações do grupo.

Talvez um pequeno gesto possa nos colocar em um lugar de comunhão, onde compartilhamos alegrias, dores e esperanças.

Mais informações: <http://www.morpheusteatro.com.br>

Vídeo 07. PÉS DESCALÇOS

Pés Descalços é um espetáculo do Grupo Morpheus, de teatro de animação voltado para o público infantil que fala, de forma simples, da beleza do encontro, da aceitação do outro, do despojar-se de idéias pré-concebidas, da força da imaginação e do ato criativo.

Mais informações: <http://www.morpheusteatro.com.br/espeticulos>

Vídeo 08. TRUKS: O SENHOR DOS SONHOS

O espetáculo conta a história de Lucas, um velho e bem sucedido escritor, que relembra os tempos de sua infância, como um menino criativo, engraçado, simpático e, principalmente, sonhador! Se não navegava pelos sete mares, certamente estava a pilotar alguma nave espacial em planetas longínquos. E, como sempre, atrasado para ir à escola ou esquecido de suas lições e obrigações.

Cia. TRUKS: A Cia. Truks – Teatro de Bonecos foi criada em 1990, e desde então apresenta seus espetáculos de repertório em teatros, escolas, instituições ou espaços alternativos de todo o Brasil, além de participar de mostras e festivais de teatro e teatro de animação em países do exterior. Paralelamente, ministra cursos e oficinas sobre técnicas de animação de bonecos, objetos e figuras, além de cursos sobre procedimentos dramáticos para o teatro de animação. Eventualmente atua na área publicitária, criando roteiros, bonecos e animações diversas para filmes e eventos afins. O grupo coordena o Centro de Estudos e Práticas do Teatro de Animação, desde 2002.

Mais informações: <http://www.truks.com.br>

Vídeo 09. Commedia Dell'arte characters

Vídeo explicativo sobre Comédia Del' Arte. Disponível no youtube.

Comedia dell' arte faz uso de máscaras. Surgida entre os séculos XV e XVI, na Itália, país que ainda mantinha viva a cultura do teatro popular da Antiguidade Clássica, a “Commedia Dell' arte” vem se opor à “Comédia Erudita”, se afirmando até o século XVII. Também foi chamada de “Commedia All' improvviso” e “Commedia a Soggetto”.

Suas apresentações eram feitas pelas ruas e praças públicas, ao chegarem a uma cidade pediam permissão para se apresentar, em suas carroças ou praticáveis, pois eram raras as possibilidades de conseguir um espaço cênico adequado. Sua teatralidade extrapola os limites das convenções de sua época, com figurinos coloridos, alegria e espontaneidade nas cenas, e ainda o domínio dos personagens por cada ator e atriz emprestar sua própria vida a arte.

A commedia Dell' arte esbarra, de forma paradoxal à liberdade de criação, com a limitação de interpretação, pois quando um ator fica especialista em sua personagem, fazendo apenas um determinado papel, se torna repetitivo e “pobre” em relação a maior característica da Arte: a inovação. Mesmo assim, a commedia Dell' arte marcou o ator e a atriz como sendo a base do teatro.

Mais informações: <http://www.infoescola.com/teatro/commedia-dellarte/>

Vídeo 10. FAMILIE FLÖZ: Infinita

Infinita é uma peça sobre os primeiros e os últimos momentos finais da vida e da morte. O tempo que aconteceu no grande milagre. Primeira aparição no mundo, os primeiros passos corajosos e ousado o primeiro acidente Infinita é um mosaico de vida física, simples e brilhantemente composta, uma breve visão sobre a infinidade de nascimento, o sexo e morte e tudo o mais ainda é engraçado. Um jogo com a transitoriedade de sua velhice e nascimento. Uma encenação, que leva em consequência de forma rápida e cômica, a origem e a perda de vidas humanas e de sua vida em conjunto de linhas fluidas. Disponível no *youtube*.

FAMILIE FLOZ: "Familie Flöz" é um grupo internacional de artistas de teatro. Atores, músicos, bailarinos, diretores, fabricantes de máscaras, figurinistas, cenógrafos, dramaturgos e outros profissionais de 10 países diferentes. É de uma família comovente e

grotesca que, aparentemente, veio pela primeira vez à luz do ventre escuro da Terra através de um buraco profundo. Teve origem em 1994 e se encontra em Berlim, Alemanha.

Mais informações: <http://www.floez.net/>

Vídeo 11. Familie Flöz: Hotel Paradiso

O caminho para o céu leva ao inferno.

Bizarro acontece no tradicional Hotel Paradiso

Uma fonte de água mineral promete alívio dos sofrimentos físicos e psicológicos e brilho acima da porta da frente quatro estrelas. Mas o céu é de nuvens escuras. Entre colinas vertiginosas abriu o escuro, abismo sem fundo, que ninguém escapa. O desaparecimento do hotel parece iminente, porque os cadáveres são ruins em qualquer caso, para o negócio. Um sonho alpino cheia de humor negro, sentimentos tumultuados e um toque de melancolia.

FAMILIE FLOZ: Vide vídeo 10.

Vídeo 12. FIT 2012. NAQUELE BAIRRO encantado 1

Vídeo feito durante o festival internacional de Teatro de Belo Horizonte. Disponível *youtube*.

“Naquele Bairro Encantado” propõe uma experiência de habitação teatral. Desde março, um grupo de 6 atores mascarados -sim, os moradores nunca os viram sem máscaras – alugaram uma casa no bairro Santo André, que integra a região. Literalmente habitando a região, o grupo percorre as ruas dos bairros, conhecendo seu cotidiano e imergindo em suas histórias e memórias. Segundo o diretor e ator do projeto, Rogério Lopes, a ideia é propor um jogo cênico, onde suas identidades nunca são reveladas. Os moradores, no início desconfiados, chegaram a achar que se tratava de um grupo de mafiosos, se renderam a proposta. Para o Rogério, eles não são público, mas sim jogadores.

Grupo Teatro Público: O grupo Teatro Público nasce em 2011, em função da realização do projeto Residência Teatral no Bairro Lagoinha, desenvolvido por professores e atores formados pelo Teatro Universitário da UFMG, com participação da atriz Portuguesa Sofia Cabrita, via programa de intercâmbio artístico do governo português. A partir dos princípios cênicos das manifestações populares brasileiras, como a Folia de Reis, o grupo tem experimentado novas formas de relação entre teatro e sociedade, atribuindo destaque especial ao potencial da ficção no cotidiano da cidade. Ao colocar o espaço urbano e seus habitantes como elementos centrais da cena, as ações desenvolvidas pelo grupo procuram focar e problematizar as relações entre atores, público e o espaço teatral. Dessa pesquisa surgiu o Naquele Bairro Encantado, primeiro espetáculo do grupo.

Mais informações: <http://www.guiaentradafranca.com.br/noticia.php?idUrl=240>

Vídeo 13. INSTANTÂNEOS. FESTIVAL PALCO GIRATÓRIO 2012 CUIABÁ MATO GROSSO

Vídeo feito durante o festival Palco giratório. Disponível no *youtube*.

Com duração de 65 minutos, “Instantâneos” é inspirado no Topeng – teatro/dança dos rituais de Bali – e no teatro popular brasileiro, mas avança para o futuro, respondendo às evoluções do espaço cênico de hoje. Investiga na encenação o princípio artesanal desses dois universos, as cores vibrantes e os ritmos tradicionais.

O espetáculo aborda o ser humano e suas relações através de situações cotidianas. No palco, cinco atores e um músico vivem diferentes máscaras, revelando de forma simples e lúdica a maneira como habitamos o mundo. Resultado de uma pesquisa sobre objeto manipulado, o cenário habita o palco de maneira ágil e lúdica. Objetos são manipulados, ora por varas, ora sobre rodas.

Como o espetáculo não se fundamenta no uso de palavra e do diálogo, a música, tocada ao vivo, assume papel fundamental na narrativa, garantindo seu lugar junto aos atores. Instrumentos asiáticos como o gamelão e instrumentos brasileiros e africanos (cavaquinho,

conga, alfaia e pandeiro, marimbas) se integram, propondo pesquisa de ritmos populares criando uma orquestra de instrumentos tocadas por músicos e também pelos atores.

Cia. Bondrés: A Cia. dos Bondrés surgiu em 2007 para aprofundar o estudo das técnicas de representação do ator através do jogo de máscaras, sua dramaturgia e o desenvolvimento da pesquisa de linguagem cênica por meio da criação de objetos de manipulação. A direção dos espetáculos está a cargo da diretora e atriz Fabianna de Mello e Souza, que traz nove anos de experiência na trupe do Théâtre du Soleil. Em 2010, o grupo recebeu do MINC uma bolsa de intercâmbio com Bali, onde recebeu treinamento de um mês com mestres do teatro das máscaras da Ásia: TOPENG, I Made Djmat e I Nyoman Terima. O contato também permitiu que eles viessem ao Brasil para apresentações e cursos em quatro capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza e Salvador.

Mais informações: <http://www.sesc.com.br/palcogiratorio/grupos.html>

<http://www.portalamazonia.com.br/cultura/arte/companhia-bondres-apresenta-espetaculo-instantaneos-no-teatro-amazonas/>

Vídeo 14. Fragile extrait 2/3

Disponível youtube e no site da companhia.

Através de três histórias, Fragile diz: o desejo inquebrantável de viver, a beleza da incerteza, não-conformidade, a resistência, a força da imaginação que se abre a todas as possibilidades.

Fragile é um espetáculo de atores, objetos e fantoches. As duas atrizes são mais frequentemente vistas, às vezes espectadoras, às vezes atrizes, às vezes momentos de vida.

Compagnie Gare Centrale: É uma companhia francesa. Desde 1984, data da criação da Central Station Compagnie, Agnes Limbos criou 11 espetáculos originais gradualmente desenvolvidos a partir da sua pesquisa artística em torno do ator de teatro de objeto e manipulador.

Apaixonada por teatro, descobrindo brinquedos em miniatura em caixas de sabão e dada à contemplação das árvores e do céu, ela passou um momento de sua infância na África,

estudou ciência política e filosofia. Preferindo as estradas do mundo para os bancos da universidade, ela começou uma peregrinação pessoal levou entre outros á escola Movimento Internacional de Mímica Teatro Jacques Lecoq em Paris, de 1977 a 1979, o México de 1980 a 1982 e da criação Estação Central da Companhia, em Bruxelas, em 1984.

Através de suas performances e colaborações, Limbos Agnes tentar praticar um teatro popular de qualidade, cheio de sentimentos, a compreensão mágica inicialmente contraditório / realidade, trágico / cômico universo, a força do instinto e procurando uma linguagem visual e corporal que sempre muda. Suma, para as artes do espetáculo, divertido, excitante e amigável. Ele funciona como um escritor, ator, diretor, professor e apóia jovens designers em sua prática artística.

Mais informações: <http://www.garecentrale.be/fr/compagnie.html>

Vídeo 15. Katy Deville exemplifica o teatro de objetos Parte 1

Vídeo explicativo de Katy Deville sobre teatro de objetos. Disponível *youtube*.

Katy Deville: É francesa. Foi quem deu o nome de teatro de objetos as práticas teatrais que envolviam objetos. No dia 2 de março de 1980, Deville usou pela primeira vez o termo Teatro de Objeto. Para a codiretora do Théâtre de Cuisine, tratava-se de encontrar, com algumas companhias cúmplices (Vélo Théâtre, Théâtre Manarf, Les Bricciole, Piccoli Principi...), um nome comum para preocupações estéticas e éticas que compartilhavam. Um outro nome para uma outra relação com a prática teatral. Um teatro tão liberto de onipotência do texto quanto desatado das amarras impostas pelas convenções da marionete.

Mais informações: <http://www.pontaodeculturaiguaicuru.org.br/artigos/index/id/20>

Vídeo 16. Katy Deville exemplifica o teatro de objetos Parte 2

Vídeo explicativo de Katy Deville sobre teatro de objetos. Disponível *youtube*.

Katy Deville: Vide vídeo 15.

Vídeo 17. Le Polichineur de Tiroirs

Em pidgin universal, o professor Olaf Stevenson dá seu fantoche uma lição de filosofia. Xícaras de café, pão, alho-poró e bananas ganham vida por um momento. Hilariante e profunda. As artes são na rua, e a cidade se transforma carrega uma dimensão espetacular, festiva e onírica. Em toda parte os artistas estão reinventando os quadrados diários ao vivo, cruzamentos, jardins, fachadas, até mesmo o céu! Em todos os lugares mostra surpresa e desafio, maravilha, e questionamento. Convite ao sonho e uma outra visão do mundo. Disponível *youtube*.

Cie des Chemins de Terre: Grupo francês. Compagnie des Chemins de Terre foi fundada em 1988 por Stéphane Georis e Cabodi Geneviève. Ele se formou após um ano de IAD (drama escola) e da escola de circo de Bruxelas. Ela vem do Conservatório de Verviers, Teatro-musical. O que nós amamos, é oferecer o teatro das emoções no teatro como popular, no mundo: na rua!

Mais informações: <http://www.cdcterre.be>

Vídeo 18. Mummenschanz on the Muppet Show (1976) 1 of 5

Vídeo do grupo Mummenschanz do show The Muppet em 1976. Disponível *youtube*.

Grupo Mummenschanz: Paris, 1972: Nascimento de Mummenschanz através da motivação persistente de três jovens depois de um período rico em lições nos anos sessenta e três anos de ensaios experimentais em várias disciplinas. Mummenschanz convida você para uma viagem ao mundo da fantasia: ocultando os rostos e máscaras corporais, bonecas expandindo enormemente, figuras comoventes ou grotescas, objetos - ferramentas de corpo e histórias que tocam e se abrem para escapar do cotidiano.

Mais informações: <http://www.mummenschanz.com/>

Vídeo 19. TRUKS: ZÔO ILÓGICO

Zôo-ilógico é um projeto que voltou a reunir três dos mais conceituados profissionais do Teatro de Animação do país: Cláudio Saltini, da Cia. Circo de Bonecos e Henrique Sitchin e Verônica Guerchman, da Cia. Truks e do Centro de Estudos e Práticas do Teatro de Animação de São Paulo. Zôo-Ilógico traz para os palcos uma idéia aparentemente simples,

mas de fundamental importância para as crianças: o estímulo ao processo criativo, à invenção e à criação de novos referenciais imaginários. A partir de simples objetos do cotidiano, desfilam pela cena mais de uma dezena de divertidas e inusitadas criaturas animadas.

Tudo começa quando dois amigos resolvem fazer um piquenique no Zoológico. Ao encontrarem as portas do parque fechadas, não se intimidarão em criar, com muita criatividade e um certo non-sense, o seu zoológico particular, em que bichos serão feitos de pratos, panos, garrafas, talheres e tudo o mais que estiver ao alcance de suas mãos. As nada comuns criaturas viverão situações cômicas ou poéticas. Estará criado o Zôo-ilógico, possível na imaginação de todos. E aberto, sempre!

Cia TRUKS: Vide Vídeo 8.

Mais informações: <http://www.truks.com.br/>

Vídeo 20. Brilliant and Moving Puppet Theatre

Vídeo da companhia de Philippe Genty em um programa Paul Daniels Magic Show. Disponível *youtube*.

Philippe Genty: É uma companhia francesa criada por Philippe Genty em 1968. Philippe é um dos maiores mestres do ilusionismo teatral deste século. Nascido em 1938, é considerado o criador do moderno teatro de fantoches em todas as suas dimensões. À medida que a popularidade da empresa cresceu em França e no exterior, teatros de relações públicas ou jornalistas ainda enfrentam muitas dificuldades para descrever o seu trabalho. Não é em qualquer uma das categorias usuais: dança, teatro, marionetes, circo, por outro lado, é quase impossível descrever o tema. A predominância pela linguagem visual. Há mais de três décadas a conceituada Companhia Philippe Genty é responsável por fantásticas criações multidisciplinares, nas quais mistura teatro, dança, música e marionetes. O trabalho é baseado na relação entre o corpo e diferentes objetos, e explorada através de uma linguagem visual original e tocante. As criações da célebre companhia francesa pertencem ao mundo do sonho, onde atores e bailarinos, manipulando marionetes

e objetos de várias dimensões, surgem em cena tecendo histórias diante dos olhos do público.

Mais informações: <http://www.philippegenty.com/>

<http://www.midiorama.com.br/works/2011/5357/compagnie-philippe-genty-apresenta-o-viajante-imovel/>

Vídeo 21. Philippe Genty: Voyageurs Immobiliers (Official 1/3)

Em “Viajantes Imóveis”, o espectador deixa de ser um mero observador passivo de um drama ou de uma comédia. Ele é atraído para uma viagem através de uma série de quebra-cabeças, cada um produzindo uma impressão diferente, um eco de suas próprias perguntas ou simplesmente fazendo-o mergulhar em uma desordem inquietante. Na forma de um sonho, o espetáculo não mostra a psicologia de personagens clássicos, “o intuito é mexer com as nossas paisagens interiores, tirar das profundezas de nossos medos essas esperanças selvagens, as vergonhas por desejos reprimidos, esses espaços sem limites, enfrentando o impossível, produzindo choques visuais”, diz Genty. Disponível *Youtube*.

Compagnie Philippe Genty: Vide Vídeo 20.

Mais informações: <http://www.midiorama.com.br/works/2011/5357/compagnie-philippe-genty-apresenta-o-viajante-imovel/>

Vídeo 22. Philippe Genty: Voyageurs Immobiliers (Official 2/3)

Continuação do vídeo 21. Vide informações acima. Disponível *Youtube*.

Vídeo 23. Philippe Genty: Voyageurs Immobiliers (Official 3/3)

Continuação do vídeo 21 e 22. Vide informações acima. Disponível *Youtube*.

Vídeo 24. Amazing Hand Shadow Performance

Vídeo do australiano Raymond Crowe. Disponível *youtube*. Vídeos disponíveis em sua página pessoal na internet.

Crowe: É um ator mágico artista, de cabaré e mímica. Seu ato inclui ventriloquismo, mímica, magia de palco, e sombra reproduzidas usando apenas suas mãos e braços.

Mais informações: <http://www.raymondcrowe.com/>

Vídeo 25. Cia Dita Cuja de teatro: O mágico de oz: sombras. Avi

No Mágico de Oz, Dorothy, uma garotinha que mora em uma pequena cidade, é sugada por um ciclone e entra num mundo mágico cheio de aventuras. No mundo encantado ela busca consultar o Mágico de Oz sobre como voltar para casa, mas até encontrar o mago enfrenta muitos desafios e faz novos amigos: um leão, um espantalho e um homem de lata. A apresentação, nada convencional, é feita através do Teatro de Sombras, técnica antiga, originária da China, que consiste na projeção de bonecos em tela branca. Produzido e dirigido pela atriz Juliana Silveira e Vera Sebastiana. Disponível *youtube*.

Cia. Dita Cuja: Fundada em fevereiro de 2007, em Ribeirão Preto/SP, a Cia. Ainda sem Nome de Pesquisa Artística surgiu com o propósito de realizar pesquisas de estética teatral, corporal e vocal com cunho sócio-humano. Seu objetivo é mergulhar na essência humana e pesquisar, através de estudos filosóficos, os motivos que levam a comportamentos da convivência social.

A companhia tem como princípios básicos o respeito à vida, à liberdade, à oportunidade, à igualdade e a valorização da condição humana e busca vivenciar esses princípios tanto no desenvolvimento da sua pesquisa quanto na definição de objetivos cênicos para o seu trabalho.

No dia 12 de maio de 2012, a Cia. Ainda Sem Nome promoveu uma festa de “Batizado” onde, oficialmente, passou a se chamar “Cia A Dita Cuja”. Depois de cinco anos de trabalho e descoberta de uma linguagem própria e, principalmente, com o amadurecimento artístico, os integrantes decidiram mudar o nome da companhia.

Mais informações:

[http://www.spescoladeteatro.org.br/enciclopedia/index.php/Cia. A Dita Cuja](http://www.spescoladeteatro.org.br/enciclopedia/index.php/Cia._A_Dita_Cuja)

Vídeo 26. Gruppe Pilobolus Amazing Shadow Dance

Apresentação do Grupo Pilobolus em um show de dança. Disponível *youtube*.

Gruppe Pilobolus: Pilobolus é uma companhia de performance moderna, fundada em 1971, que até hoje usa suas listras revolucionários em suas mangas. Trabalhando com dança-teatro, a empresa continuou a crescer em direção à luz, ampliando e aperfeiçoando seus métodos únicos de produção criativa coletiva para montar um repertório de mais de 100 trabalhos coreográficos. Embora tenha se tornado uma força estável e influente no mundo da dança, Pilobolus permanece como protéica, ansioso para os próximos 40 anos de colaboração no futuro. Pilobolus Dance Theatre realiza coreografias para a televisão, palco, e on-line de todo o mundo.

Mais informações: <http://www.pilobolus.com>

Vídeo 27. O Valente Filho da Burra. Cia Articularte Teatro e Bonecos

Concebido a partir do conto popular "O Filho da Burra" compilado por Luis da Câmara Cascudo, o espetáculo conta a história do jovem que perdeu os pais muito cedo, sendo criado como filho por uma burrinha, que o amamenta com seu leite forte, tornando-o um jovem vigoroso e corajoso. Na aventura, o jovem Filho da Burra é enganado por dois malandros que não o ajudam a combater um monstro e fogem com três princesas, com quem pretendem se casar, deixando-o á própria sorte. Com a sua esperteza e força, o Filho da Burra retorna ao reino e transforma-se em herói. Disponível *youtube*.

Cia. Articularte: Formada em 1999, a companhia trabalha a partir de pesquisas fincadas na cultura brasileira. A Cia. Articularte trabalha de forma culturalmente engajada, a partir de pesquisas fincadas na cultura brasileira, ou enfocando artistas fundamentais para a formação da nossa cultura. Conta com 10 integrantes fixos e 9 peças que formam o atual repertório infantil. Nesses anos de atividades teatrais, desenvolveu diversas técnicas de animação.

Mais informações: <http://www.cia-articularte.com.br>

Vídeo 28. Shadowland Flower. mp4

Vídeo da companhia de dança-teatro Pilobolus. Disponível *youtube*.

Gruppe Pilobolus: Vide vídeo 26.

Vídeo 29. The Best of Black Light Theatre: Black Light Theatre of Jiri Srnec (HD)

Melhores momentos do teatro negro. Disponível *youtube*.

Teatro Negro, é um estilo de performance teatral caracterizada pelo uso de teatro caixa preta aumentada pela ilusão de luz negra. Esta forma de teatro, originária da Ásia e pode ser encontrado em muitos lugares ao redor do mundo. Tornou-se uma especialidade de Praga, onde muitos teatros a usam.

As características distintivas do "teatro negro" são o uso de cortinas pretas, um palco escuro, e "Iluminação de preto" combinada com trajes fluorescentes, a fim de criar ilusões visuais. A técnica, combinada com a arte expressiva da mímica, dança e acrobacias dos artistas é capaz de criar espetáculos marcantes.

Teatro Blacklight theatre: É uma empresa dedicada à criação e desenvolvimento de peças interessantes e cativantes do teatro. Contam histórias que normalmente não são vistas no palco.

Mais informações: <http://www.bltheatre.co.uk>

Vídeo 30. CANE BLU

Cão Azul não é um cão como os outros. Primeiro de tudo, tem o cabelo azul e olhos verdes que brilham como pedras preciosas. Um cão muito incomum. Cão Azul é, na França, um cult entre os livros infantis. A história, aparentemente simples e direta, no clássico conto de fadas, em que há sempre um elemento de "medo", tornou-se uma importante ferramenta educacional e Crescimento: Blue Dog diz-nos o universo mais íntimo e contrastou a criança e "fantástico" que se torna presença diária, que se insinua em nossas vidas e nos acompanha nos momentos importantes de nossas vidas.

Teatro Gioco Vita: Companhia Italiana coordenada pelo Fabrizio Montecchi e que se dedica à pesquisa do Teatro de Sombras a cerca de 35 anos. Teatro Gioco Vita nasceu em

1971, uma das primeiras companhias na Itália para ser líder do movimento de teatro de animação. Encontra o teatro de sombras no final dos anos setenta.

Mais informações: <http://www.teatrogiovita.it>

Vídeo 31. The Wayang Puppet Theatre

Mostra do teatro tradicional de sombras. Disponível youtube.

Wayang é o tradicional teatro de sombras originário da Indonésia e Malásia e hoje considerado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Drama que usa as sombras lançadas por bonecos manipulados por varas contra uma tela translúcida iluminada por trás. Desenvolvido antes do século 10, a forma teve origem no thalubomalata, os fantoches de couro do sul da Índia.

O protótipo das figuras Wayang é o wayang kulit, ou fantoche da sombra feita de couro, perfurado elaboradamente pintados. O jogo utilizando fantoches wayang são definidos em tempos mitológicos e dramatizar episódios da épicas hindus. Algumas são de criação de javanês, sendo elaborações adicionais das lendas Mahabharata dos cinco irmãos Pandavas heróica.

Mais

informações:

https://www.facebook.com/Teatros.de.Sombras?notif_t=fbpage_fan_invite

Vídeo 32. Amazing Hand Shadow by Bob Stromberg featuring Ken Davis

Vídeo de Bob e Ken fazendo demonstrações de sombras com as mãos. Disponível *youtube*.

Bob Stromberg: É comediante e contador de histórias. Por mais de 30 anos, através de milhares de performances, Bob tem encantado platéias de todas as idades com seu estilo único e pessoal de comédia limpa e comunicação.

Ken Davis: é um comediante talentoso e um exímio contador de histórias, ano após ano Ken continua a encantar o público de todas as idades, de costa a costa com a comédia cristã que é realmente engraçado!

Mais informações:

<http://www.bobstromberg.com/>

<http://www.kendavis.com/>

TEATRO DE RUA

Vídeo 01. Balcony scene Romeu e Julieta Galpão

Vídeo da apresentação do Grupo Galpão com a peça Romeu e Julieta no Teatro de Sheakspeare em Londres. Disponível *youtube*.

Ao atualizar o sentido da mais conhecida história de amor da humanidade, a concepção de Gabriel Villela para o Galpão transpôs a tragédia dos dois jovens apaixonados para o contexto da cultura popular brasileira. Esse conceito sustenta todo o espetáculo, especialmente na figura do narrador, que rege toda a ação com uma linguagem inspirada em

Guimarães

Rosa.

A montagem da tragédia de Shakespeare foi um marco na carreira do grupo.

Grupo Galpão: O Grupo Galpão é uma das companhias mais importantes do cenário teatral brasileiro. Criado em 1982, o grupo desenvolve um teatro que alia rigor, pesquisa, busca de linguagem, com montagem de peças que possuem grande poder de comunicação com o público.

Formado por atores que trabalham com diferentes diretores convidados, o Galpão forjou sua linguagem artística a partir desses encontros diversos, criando um teatro que dialoga com o popular e o erudito, a tradição e a contemporaneidade, o teatro de rua e o palco, o universal e o regional brasileiro. Com essa mescla, o Galpão cria uma cena de forte comunicação e empatia com o público.

Mais informações: <http://www.grupogalpao.com.br>

Vídeo 02. Grupo Galpão 30 anos Romeu e Julieta no Rio de Janeiro

Vídeo comercial da temporada de apresentações feitas de Romeu e Julieta no Rio de Janeiro. Disponível *youtube*.

Sobre Romeu e Julieta e Grupo Galpão: Vide vídeo 1.

Vídeo 03. MIRADA 2012} Romeu e Julieta, Grupo Galpão

Entrevista do grupo ao Mirada 2012. Disponível *youtube*.

Sobre Romeu e Julieta e Grupo Galpão: Vide vídeo 1.

Vídeo 04 Sua Incelença Ricardo III. Mov

O espetáculo Sua Incelença, Ricardo III marca o encontro entre dois nomes de destaque na cena teatral brasileira: o Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare, de Natal, Rio Grande do Norte, que vem consolidando-se como uma referência na região Nordeste e nacionalmente, e o encenador Gabriel Villela, um dos mais importantes nomes do teatro contemporâneo no país.

O espetáculo parte do texto Ricardo III, de William Shakespeare, e ganha a rua através do universo lúdico do picadeiro do circo, dos palhaços mambembes, das carroças ciganas, criando um diálogo entre o sertão e a Inglaterra elisabetana. Disponível *youtube*.

Clowns de Sheakspeare: Fundado no ano de 1993 na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, o Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare vem desenvolvendo um trabalho de pesquisa teatral com foco na construção da presença cênica do ator, musicalidade da cena e do corpo, e no teatro popular, sempre numa perspectiva colaborativa.

Mesmo sem trabalhar diretamente com palhaço, a técnica do clown está presente na sua estética, seja na lógica subvertida do mundo, seja na relação direta e verdadeira com a platéia, seja no lirismo que compõe o universo desses seres. Além, é claro, de toda a sua carga cômica.

Mais informações: <http://www.clowns.com.br>

Vídeo 05. Lady Anne from 'Sua Inselença, Ricardo III' (Richard III, Act 1, Scene 2)

Sobre o espetáculo e o grupo vide vídeo 4.

Vídeo 06. Circo Teatro Rosa dos Ventos_ Saltimbembe Mambembancos

Técnicas de malabarismo, acrobacias de solo e perna de pau são mostradas sem formalidades e acompanhadas por música ao vivo. O público é levado a uma época anterior ao circo de lona itinerante, quando as artes circenses eram apresentadas por artistas saltimbancos. Saltimbembe Mambembancos é um espetáculo brincante que representa a essência da linguagem desenvolvida pelo Rosa dos Ventos, com interpretações livre de artistas cômicos populares e verborrágicos, improvisadores por opção, influenciados pelo teatro, circo, palhaços de circos pequenos e principalmente influenciado pelos artistas de rua puladores de arcos da faca, vendedores de pomadas milagrosas, telepatas e repentistas que viajam de cidade em cidade vivendo de sua arte. Disponível *youtube*.

Rosa dos Ventos: É um grupo de circo e de teatro de rua. Fundado em 1999 por estudantes da UNESP de Presidente Prudente o processo artístico do grupo tem suas referências na Comicidade, na Cultura Popular, no Circo e no Teatro de Rua. A proposta é fazer arte popular, em relação horizontal e de grande proximidade com o público. O Rosa dos Ventos busca em seus trabalhos cênicos a fusão de diferentes elementos da cultura popular, circo e teatro numa arte popular de rua vibrante, ousada e de ressignificação do cotidiano.

Mais informações: <http://www.rosadosventos.art.br>

Vídeo 07. Miséria Servidor Dois Estancieiros 2

Miséria Servidor de Dois Estancieiros é a continuidade da saga do personagem Miséria que depois de sua suposta morte não pôde entrar no céu e nem no inferno, então ficou vagando pelo Pampa e decidiu vir para a cidade grande, ou seja, para Porto Alegre do final do século XIX a partir daí a “miséria” começa a se espalhar também pela capital.

Nesta nova trajetória, o personagem “Miséria” tenta trabalhar na cidade grande como carregador. Quando se dá conta que o que ganha é muito pouco, começa a trabalhar para dois estancieiros que chegam do interior. É no meio destas confusões e trocas de padrões que se dão as peripécias de Miséria na capital.

Grupo Oigalê: A Oigalê Cooperativa de Artistas Teatrais surgiu em 1999 e, desde então, mantém um trabalho contínuo e de pesquisa. O grupo anualmente faz temporadas de teatro de rua nos parques e praças de Porto Alegre, além de apresentar em escolas e entidades. Também realiza cortejos e intervenções cênicas.

Mais informações: <http://www.oigale.com.br>

Vídeo 08. Prólogo 'Como a gente gosta' Grupo Maria Cutia

Como a gente gosta é um espetáculo de rua. Exilados pelo novo duque, Rosalinda e Orlando são obrigados a deixar a corte. Ela foge acompanhada por sua prima Célia e, para se protegerem dos perigos da floresta, Célia se disfarça da camponesa Aliena e Rosalinda do jovem Ganimedes. Na floresta de Arden, Rosalinda – como Ganimedes - brinca com seu enamorado Orlando, fazendo-o imaginar que ela (travestida de homem!) fosse de verdade sua amada e lhe dá lições de como se curar da febre do amor. Célia se apaixona por Oliver – irmão mais velho de Orlando que vai até a floresta em busca de seu irmão – e Oliver por Aliena (o disfarce de Célia). Pela floresta, também encontramos Sílvio devotadamente apaixonado pela pastora Febe – que se enamora por Ganimedes, sem saber que ele é de fato uma mulher. Rosalinda, no meio deste quiproquó de amores, tece sua trama para resolver toda a confusão desta ciranda de paixões, numa peça como a gente gosta.

Grupo Maria Cutia: O Grupo Maria Cutia foi criado em 2006, na cidade de Belo Horizonte. Seus trabalhos, inicialmente, contemplavam mais as músicas regionais, o resgate de brincadeiras populares e o teatro de rua em sua forma mais arcaica, sem grandes cenários ou armações. Com o passar dos anos, foi estruturando-se como uma companhia de teatro que mistura gêneros, linguagens, cultivando pesquisa própria, a qual denomina de música-em-cena.

Mais informações: <http://grupomariacutia.blogspot.com.br>

TEATRO GESTUAL

Vídeo 01. A Cozinheira o Bebê e a Dona Do Restaurante

Muita linguagem de cena, uma boa dose de sonoplastia e uma pitada do ritmo frenético de desenho animado. Essa é a receita de A Cozinheira, o Bebê e a Dona do Restaurante. Em cena, duas mulheres – a Dona do Restaurante e a Cozinheira (patroa e empregada) –, veem sua rotina de trabalho e sua relação cotidiana transformadas pelo aparecimento de um bebê à porta dos fundos do restaurante. Toda a ação acontece na cozinha, com as duas mulheres divididas entre atender os clientes, cozinhar e cuidar do bebê. Tudo regido pela enigmática figura de um maestro-sonoplasta, que executará as sonoridades em sincronia com a movimentação das atrizes. Disponível *youtube* e no site da companhia.

Companhia do Gesto: O grupo surge em 1986 com o nome de Espaço Selvagem, mudando para o atual em 1991. Desde sua criação a Companhia do Gesto segue as premissas da criação e produção artística em grupo, mantendo no Rio de Janeiro um núcleo fixo de atores e produtores em atividade de investigação e de treinamento técnico e corporal contínuos.

A busca de uma linguagem universal, mas que não perdesse o contato com o que nos caracteriza como brasileiros, tem feito com que o núcleo de criação e produção da Companhia do Gesto, cada vez mais, absorva e transforme “antropofagicamente” novos caminhos, linguagens e técnicas.

Mais informações: <http://companhiadogesto.com.br>

Vídeo 02. Trailer da peça 'A Margem'

Espectáculo de Teatro Gestual que utiliza as linguagens do clown, bufão, cinema, teatro de animação e sombras para mostrar com humor, poesia e contundência o universo de dois moradores de rua que reinventam seu cotidiano em uma relação criativa com o mundo, vivendo situações que vão do grotesco ao lírico. Os conflitos entre a afetividade e os instintos trazem à tona as fragilidades da natureza humana. Disponível *youtube*.

Companhia do Gesto: Vide vídeo 1.

Vídeo 03. Fragments du désir: Fragmentos do desejo

Olhares, gestos contidos, sombras e penumbras... que fazem surgir o desejo... Amores impossíveis, fatos não ditos revelados pelo corpo. Uma respiração, uma parada brusca, uma suspensão como num sonho acordado.

Como viver a diferença? Qual é a necessidade de ser você e ser diferente? Fragmentos do desejo é um equilíbrio entre dois abismos : o da necessidade de afirmar quem somos e a dos desejos profundos.

A peça retrata a história de 4 personagens que as vidas entrelaçadas narram a dificuldade de ser. Tudo é sugerido, uma fresta entre aberta sobre o destino de solidões perdidas... Disponível *youtube*.

Companhia Dos à Deux: A Cia. Dos à Deux, baseada em Paris, foi criada em 1997 com o impulso de dois artistas, André Curti e Artur Ribeiro.

Dotados cada um de um duplo percurso de atores e dançarinos, eles desenvolvem uma pesquisa sobre o teatro gestual

Mais informações: <http://www.dosadeux.com>

Vídeo 04. El tricicle Sanitarios trucho

Cena Sanitários trucho retirada de um show de humor. Disponível *youtube*.

Tricicle: É uma companhia de teatro gestual, em que o humor é a base de todos os seus shows. Os três atores fundadores: Joan Gracia, Paco Mir e Carles Sans. Em 1 de novembro de 1979, foi estabelecida como uma companhia de gesto de Barcelona, o que representa pequenos esboços em ruas e espaços alternativos.

Mais informações: <http://www.tricicle.com>

Vídeo 05. El club de La comedia Yllana Los pájaros

Vídeo da cena Os pássaros, do grupo Yllana, no programa clube da Comédia. Disponível *youtube*.

Yllana: [Yllana](#) é a criatividade. Nascido em 1991 como uma companhia de teatro gestual humor, mas hoje diversificou seus negócios, oferecendo vários benefícios no mundo das artes do espetáculo e do audiovisual. De um lado, é dedicada à criação, produção e distribuição de entretenimento, eventos e outros formatos de mídia e gere espaços teatrais e desenvolve vários projetos na área cultural.

Mais informações: <http://www.yllana.com>

Vídeo 06. Cool Mime! Tyson Eberly Mime Performance Part 1

Cena do ator americano Tyson Eberly. Disponível *youtube*.

Tyson Eberly: É um americano, pratica dança de rua, mímica e *popping*. Possui vários DVDs e vídeos sobre como aprender a dançar o estilo de dança que ele executa.

Mais informações: <https://www.facebook.com/tysonv/info>
<http://liquidmetaldance.com/2010/04/19/tyson-eberly/>

Vídeo 07. DARIO FO Il genio mimico n°1

Cenas do ator e dramaturgo Dario Fo, encenando sua própria peça escrita, La Signora è da buttare. Disponível *youtube*.

Dario Fo: Ganhou o Prêmio Nobel de literatura. Dario Fo não se encaixa no estereótipo do escritor que fica dias debruçado sobre uma escrivaninha, na máquina de escrever ou no computador para produzir uma trama. Ator, mímico e palhaço, ele faz esboços das tramas em pinturas e depois apresenta suas idéias no palco antes de colocá-las no papel. Fo improvisa perante a platéia, numa mistura de dialetos italianos, onomatopéias e palavras inventadas. Assim nascem suas comédias traduzidas em mais de 30 idiomas.

Mais informações: <http://educacao.uol.com.br/biografias/dario-fo.jhtm>

Vídeo 08. Marcel Marceau: The Lion Tamer

Vídeo da cena The Lion Tamer, do mímico Marcel Marceau. Disponível *youtube*.

Marcel Marceau: Famoso mímico francês, um dos mais famosos da atualidade. Nasceu em 1923 e morreu em 2007. O seu sucesso proporcionou-lhe, em 1949, a fundação da Companhia de Mímica Marcel Marceau, a única companhia de pantomimas que existia no mundo naquela época.

Mais informações: [http://www.infopedia.pt/\\$marcel-marceau](http://www.infopedia.pt/$marcel-marceau)

Vídeo 09. Etienne Decroux La Grammaire verre d'eau 2/6

Vídeo demonstrativo de Etienne, o copo de água. Disponível no *youtube*.

Etienne Decroux: Nasceu em Paris, há mais de um século, no dia 19 de julho de 1898, Etienne Decroux, falecendo em 12 de março de 1991, quando já contava com 93 anos. Decroux criou o "mime corporel", ou a mímica pura como ele próprio chamou posteriormente.

Milhares de alunos no mundo inteiro formaram-se com ele, dentre os quais se destacam Jean Louis Barrault, Marcel Marceau e Raymond Devos. Ainda em vida Decroux tornou-se uma lenda que provocou diversos mal-entendidos e mistificações.

Mais informações: <http://www.mimicas.com/decroux1.html>

Vídeo 10. Etienne Decroux La Grammaire les bras 6/6

Vídeo demonstrativo de Etienne, o movimento dos braços. Disponível no *youtube*.

Etienne Decroux: vide vídeo 9.